

SOL DE ESPAVENTO

Luciano Maia



A FUNDAÇÃO CEARENSE DE ARTECULTURA (CEARTE), instituída em 15 de julho de 1983, tem, dentre outros objetivos, o de formar um programa editorial de autores cearenses, integrando a sua finalidade maior e essencial de preservar a memória cultural do nosso povo para os que virão depois de nós.

Concebida a idéia, a sua concretização andou esbarrando em obstáculos sobejamente conhecidos na nossa região: falta de recursos financeiros, de apoio dos organismos estatais, descrédito por parte de muitos, desinteresse oficial por manifestações de arte e cultura. Contudo, a teimosia faz parte do viver nordestino. E feito a água mole — do dito popular — furamos a pedra dura do esquema anticultural montado neste País: a CEARTE existe e a sua continuidade depende só de nós, cultores das artes.

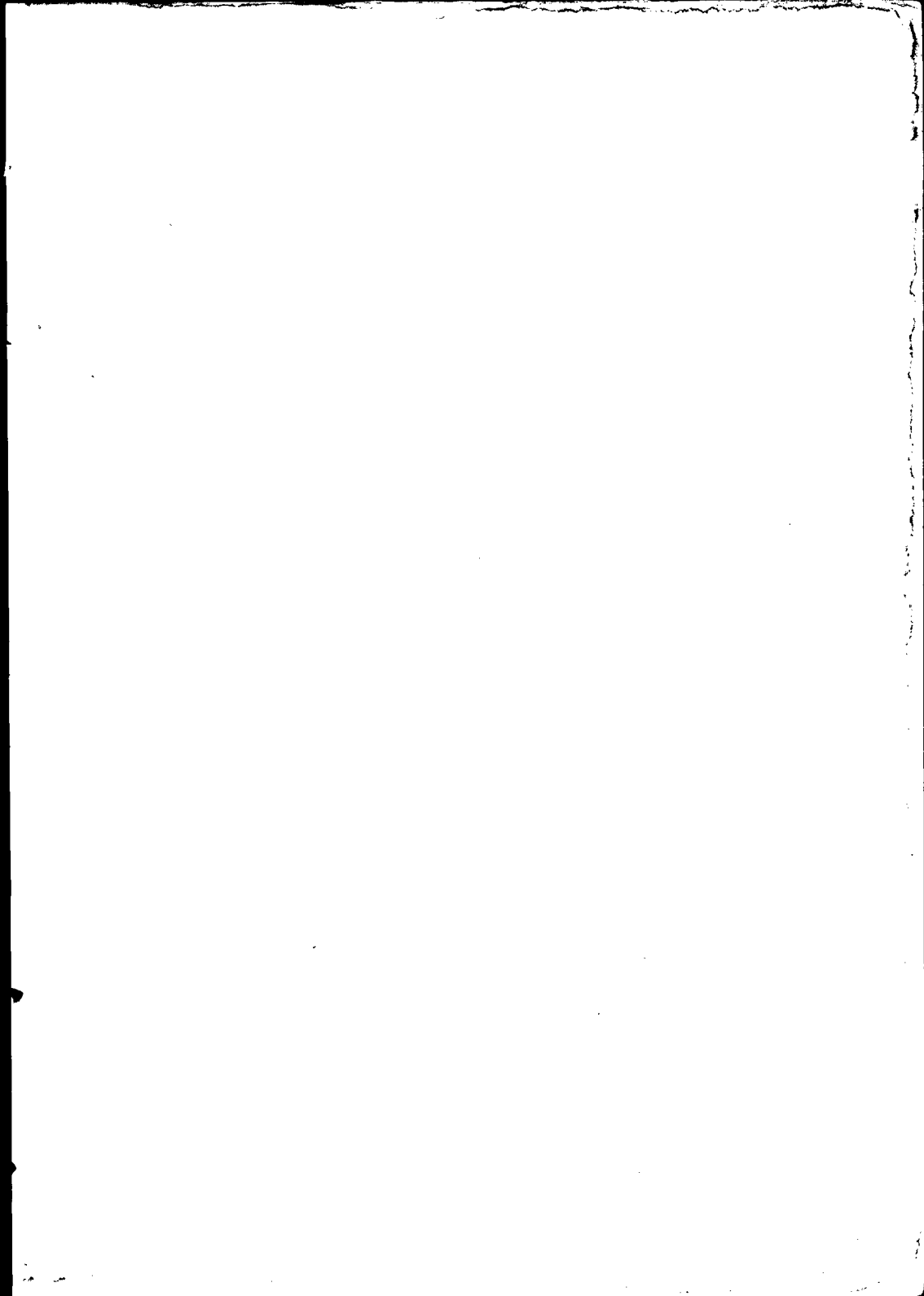
Agora, com **SOL DE ESPAVENTO**, de Luciano Maia, o objetivo do programa editorial começa a ser alcançado também, abrindo em grande estilo a Coleção CEARTE.

Luciano é poeta feito, de dentro pra fora e de fora pra dentro, absorvendo e expressando o sentimento das coisas, como manda o verdadeiro ofício das letras.

SOL DE ESPAVENTO redobra a crença no poeta, ciente de sua missão e possibilidades. O Sol — dito Astro-Rei do nosso sistema planetário — é mais do Nordeste que de qualquer outra região brasileira. A nossa convivência com ele, em quase todos os dias do ano, nos dá este direito, e esta presença constante assume importância vital em nossa história em particular. Afinal, desgraçadamente, das Secas que matam a vegetação, os cursos d'água e o povo nordestino, o Sol é o porta-voz, é o espelho cristalino das nossas dores, a que se refere a toada do martelo-alagoano.

Versejar em torno do Sol — e daquilo que gira em seu redor — é uma consequência natural, lógica, do poeta absorvido da e pela realidade.

O êxodo rural, drama secular deste povo e terra, tem o Sol por companheiro, fiel feito um cachorro:





Para a Antónia Maria,
Com a estufa do

Quilómetros

SOL DE ESPAVENTO

Fortalera, 8 VIII 1984

© 1984 FUNDAÇÃO CEARENSE DE ARTECULTURA – CEARTE
Rua José Lourenço, 1331 – Aldeota
60.000 – Fortaleza, Ceará, Brasil

CAPA: Concepção: JORGE BARRETO
Lay-Out: AUDÍFAX RIOS
Aerografias: BATISTA JOB
Fotos: SILAS DE PAULA
Ilustrações: TARCÍSIO GARCIA
Composição: MÁRIO DE LIMA
Paginação: CARLOS ALBERTO NÓBREGA
Fotolitos: IVANILDO FREIRE
Montagem: SEVERINO MARTINS

Tiragem: 2.000 exemplares
IMPRESSO NO BRASIL

Maia, Luciano (1949 –
M217s Sol de espanto. Fortaleza, Fundação
Cearense de Artecultura, 1984.
232 p.

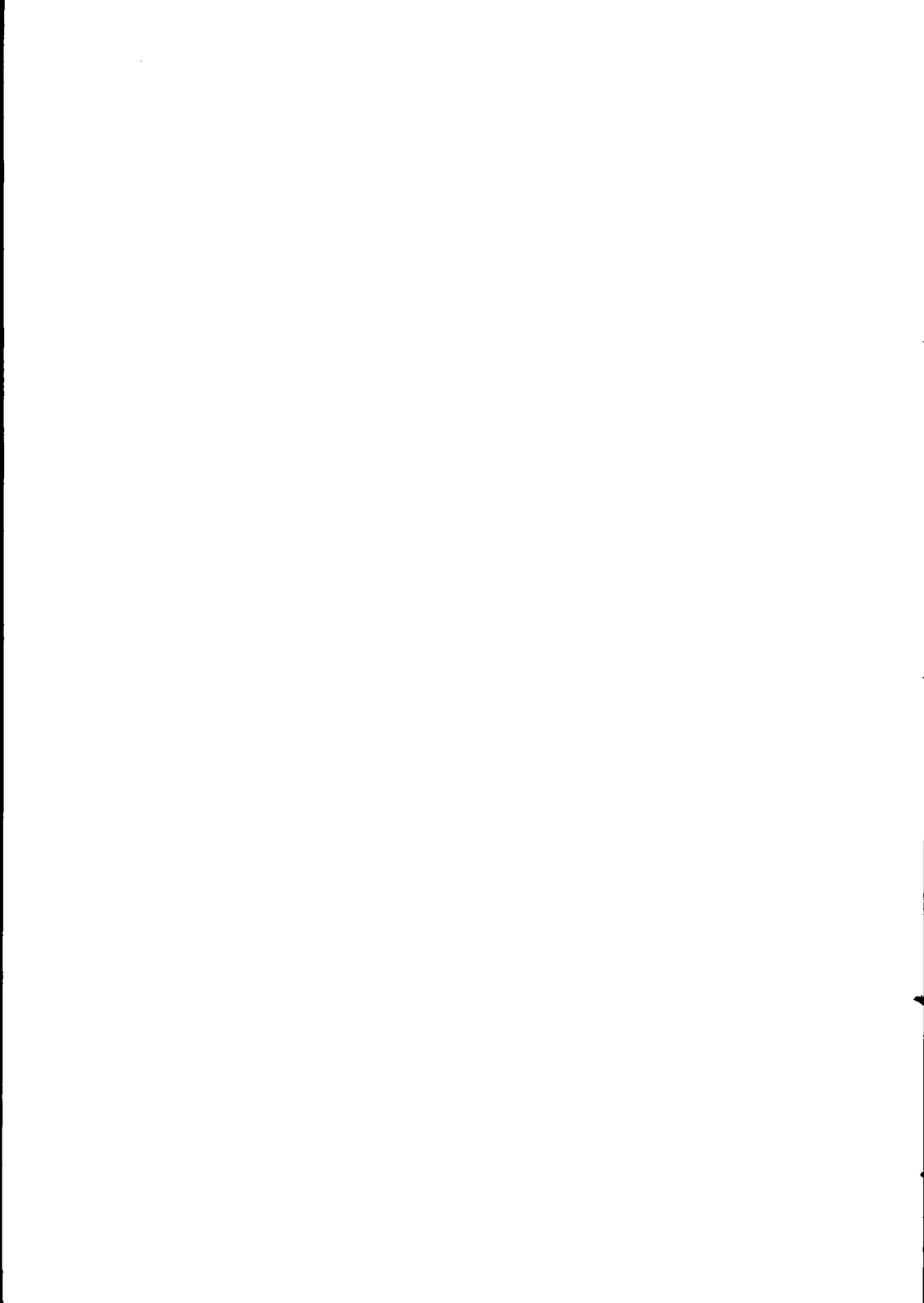
1. Literatura Brasileira – Poesia. I.
Título.

CDU 869.0 (81) – 1

Luciano Maia

SOL DE ESPAVENTO



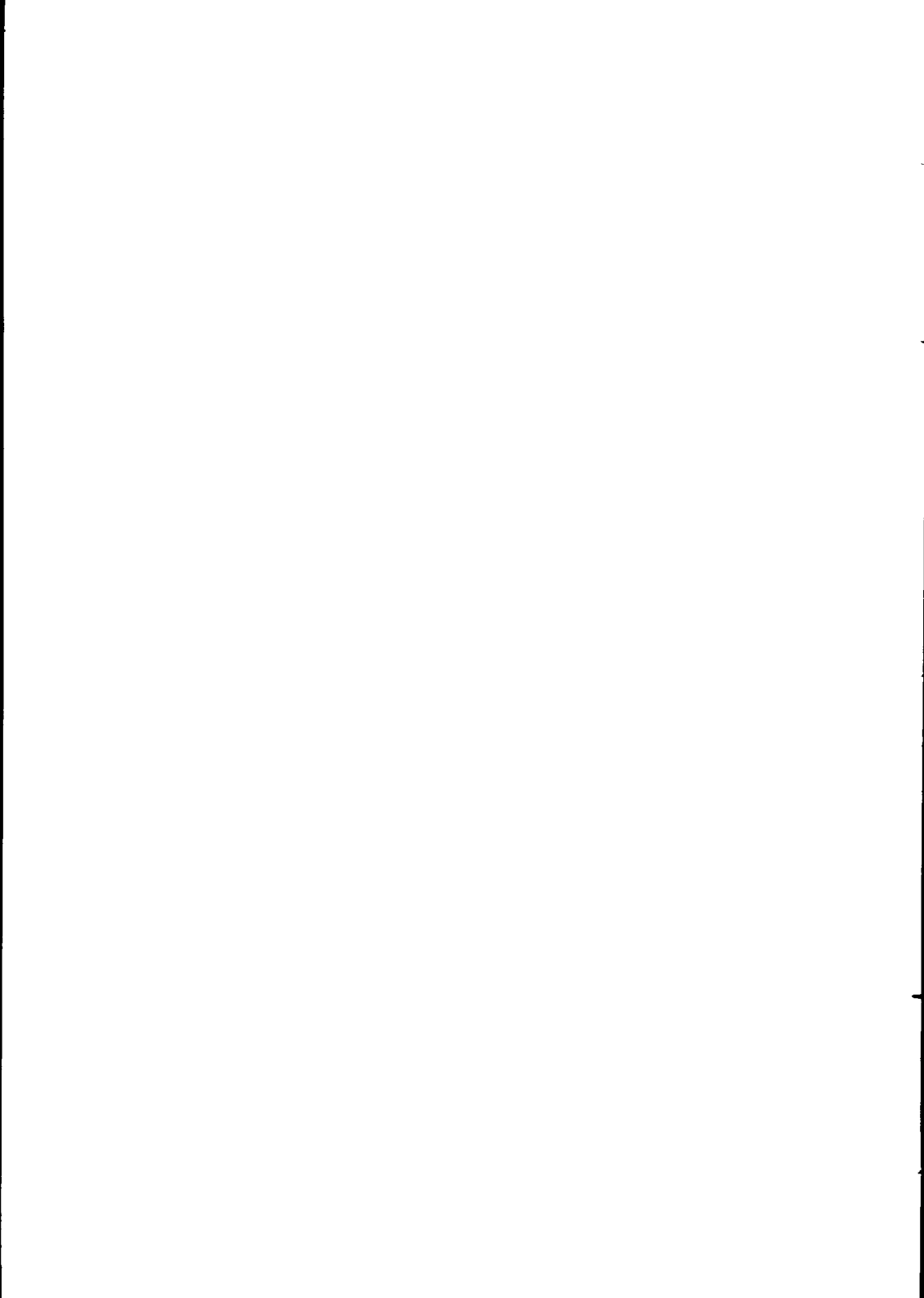


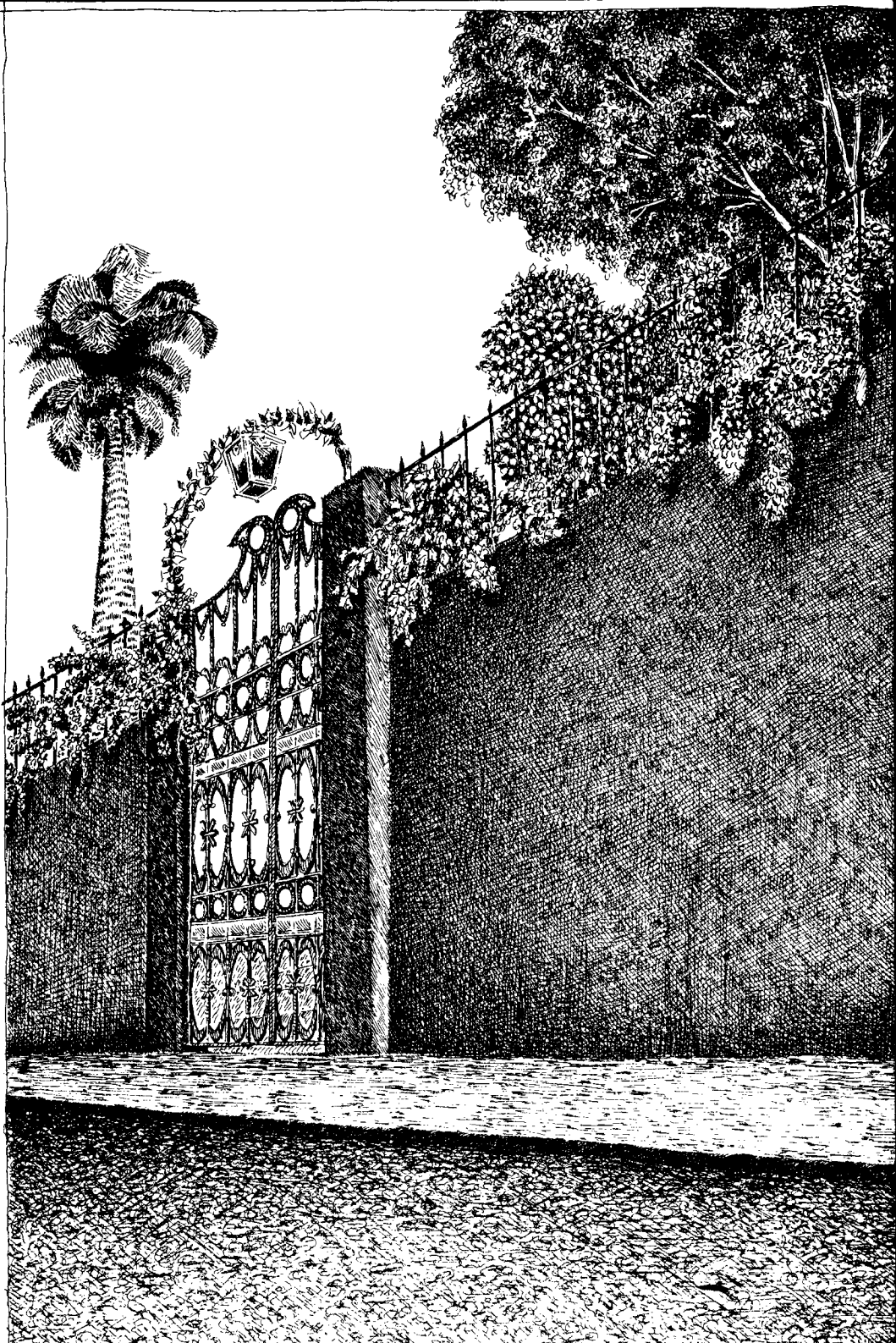
A Audífax Rios
A César Barreto
A Elmar Furtado Arruda

verbo
versus muro

Idol que vares alçar,
imatge del teu mal.

Salvador Espriu







do mito do muro

As armas de espavento vão à luta
cruzando o mar de sangue dos mortais,
desde às primeiras lavras da usura,
do dealbar das eras mais remotas
às províncias futuras, pois que nunca
há de extinguir-se a chama dos archotes
que guia o povo para a liberdade,
ganha, embora, no fogo do combate.

do tempantífese

Nestes tempos sem flautas, sem sussurros,
nestes tempos de horror em decibéis,
prolifera a ruína dos monturos
e cria lodo a água que não rega
o solo do vizinho, além do muro.
E a mão à mão alheia não se entrega,
nestes tempos de bombas N (nêutrons),
algemas e não palmas prendem as mãos.

da ruína

Canto do pulso erguido contra os medos
entrecruzados sobre as grossas grades
dos calabouços úmidos, dos velhos
calabouços, soturnos calabouços
de pulmões soterrados, de segredos
escondidos nos dentes e nos feros
olhos detentos do homem solitário,
remoendo o silêncio emparedado.

do desterro

O muro ali defronte. O duro muro,
escuro qual a noite dividida
ao meio pelo muro e o monturo
de gritos e mordaças e de aflitos
passos ao pé do carrancudo muro,
erizado animal enfurecido,
erguido e de comprido e rijo dorso,
postura de desdém e de sobrosso.

do desdém

O muro. A solidão adivinhada.
A era de hoje outrora. A hora muda
no relógio da tarde, apunhalada
no coração da brisa, pela fúria
das ambições secretas, que do nada
fabricam o egoísmo da clausura,
encasteladas no quartel do mito,
do mundo do devasso e do contrito.

da reclusão

Cal e carvão na sede que a garganta
desprepara na grade da sentença
debruçada nos muros que levantam
a dor sobre o ladrilho de espanto.
Um canto contra a luz de encontro ao muro,
na revolta, na cisma, no lamento,
no silêncio, no grito (dor-espanto),
contra o canto do muro ergo o meu Canto.

da resistência

Este canto de tarde, onde os murmúrios
das filas suburbanas se debatem
com ruídos (metal e combustão)
dos coletivos, que superlotados,
devolvem amordaçadas frustrações
aos bairros mais empoeirados, bairros
que os muros da cidade ali projetam
contra a cinza e o lixo das favelas.

da marginalidade

Ergo o meu canto (flor de dura lâmina
e lâmina em cujo gume brota a flor)
contra o muro de intrigas, que separa
a terra e esconde o proibido fruto,
encarcerando a força de quem ara
a terra e não divide o seu suor
(privilégio do braço lavrador
afeito ao muito e conformado ao pouco).

do deserdado

De argila tresnoitada, cal, suor,
dos dias mais compridos, do cansaço,
se vai nutrindo o mito do maior
dos enganos do homem (o cego braço
compõe a própria teia em que o senhor
o mantém tão cativo e no embaraço
dos pedregosos e árduos labirintos
dos solassóis, em dias tão infindos.

do trabalho

O homem tece a malha em que se perde,
constrói o mito que o alheia à vida,
alimenta o dragão que o sangue bebe
do próprio sangue (ah, sina consentida
de nutrir com as forças que lhe restam
seu maior inimigo! Ah, ironia!)
E o homem se ajoelha aos pés do mito
de barro, pelo muro estatuído.

do alheamento

A dor do chão, a dor horizontal
de tolhidos caminhos, de matanças.
Gume devastador e colossal,
ceifador das primeiras esperanças.
Irmão, irmão! O gênio emocional
está dormindo o sono em que te cansas
sem olhares o Beco dos Aflitos,
sem ouvires o solo dos seus gritos.

do despertar

Se abrimos as janelas da paixão
e aprendemos o verbo por escudo,
não morrerá sozinho o nosso irmão,
à míngua de um amparo, alheio e mudo.
Se enfim nos despertamos de emoção,
haveremos de ver e estar em tudo:
fluiremos na lúcida verdade
da violência do amor à liberdade.

do verbo

página virada

Era um livro de páginas
avermelhadas. Soltas
umas, outras mostrando
a textura do tempo.

A vida que dizia
duma cidade antiga,
ou mais precisamente
de uma rua de um bairro
que escondia a miséria
de uma família pobre
moradora do espaço
coberto de dois vãos
duma casa de vento.

Um homem, uma mulher,
três crianças e a fome,
os que habitavam ali
no templo da ruína,
tão distante e tão perto
da falta e da fartura.

Falava mais ainda
de um muro construído
entre os ódios e os medos,
entre as faltas e as sobras,
entre os homens perdidos
e as perdas dos homens.

Um muro contra a luz.
Divisor de raízes.
Um muro. Um empecilho
que escondia do sol
a noite do sem-fim,
virada pelo avesso
no dia em que da morte
surgiu o fim da vida
que vida nunca foi.

Transposto foi o muro:
a magia capaz
da estranha transcendência
ninguém a conheceu .

Os olhos se espantaram,
os tiros fulminaram
quem matava o assassino
algoz do morto-vivo:
os dois ao pé do muro.

O muro ali defronte
ruiu naquele livro
e as páginas se foram
tingindo do vermelho
do tijolo e do sangue
que cerca e que redime.

muro e pesadelo

A chuva o impelia àqueles passos
de ensopado destino: a confissão
era o fim do caminho (remorsado
vai triste o moço em transe se entregar).

O morto é quem lhe ordena a caminhada,
inevitável no silêncio líquido,
inevitável na sarjeta lúgubre,
inevitável na memória lúcida.

A chuva entrega os passos do vencido.
O sangue já é noite absorvida,
corra, embora, no dorso da calçada,
a cócega da mancha neblinada
e tenha embora os olhos já sem sono
o homem que tombou por trás do muro.

Mas o vivo se acorda em pesadelo:
uma aranha lhe arranca a rouca voz.

água de pedra

Amado sea el niño, que cae y aún llora
y el hombre que ha caído y ya no llora!
Ay de tanto! ay de tan poco! Ay de ellos!

César Vallejo

De um poço de água tarde
do dia sem manhã,
na pedra (flor acesa)
dos bairros poeirentos,
os braços da pobreza
recolhem de esperança
apenas a memória
da voz do esquecimento
na boca sem herança.

(Será de se cumprir
a métrica dos ossos
na cor da anatomia
carente das crianças?)

Estes rostos de ruas,
estes olhos de vento,
estes rios de lágrimas
que correm em nossa sede
irão se confundir
num mar de desalento.

(Perdidas rogações
da flor da adolescência
sangrada dos subúrbios).

Que dor não encontrará
seu eco mais profundo
nessas mãos espantadas,
nesses passos tolhidos,
nesse grito tão fundo?

E culpam as crianças
por seu olhar pedinte,
por sua mão travessa
(condenado futuro
do destino bandido).
E prendem as torrentes
das puras águas livres
nos elos das correntes
lodosas do egoísmo.

(O país da miséria
reclama as águas sempre
mais claras e mais novas
das fontes libertárias).

E enterram a cor da luz
num fundo poço escuro
que a nada se oferece,
que mata a flor da água
que se anula e apodrece.

operário morto

Morrido,
sobre tábuas estendidas,
com o olhar preso ao teto das aranhas,
és o operário
cotidiano
e
mudo.

Mas (quem sabe)
agora em paz com o tempo,
irás tecer os fios de outras roupas
que não vestem os braços angulosos
recobertos dos pós itinerários.

Roupas cosidas para a multidão
de atônitos famintos como tu,
que decidiram então se organizar
para a primeira festa de algum Maio.

Quando os teares marcarão
compasso
de marcha libertária que acompanha
estas horas de ontem,
tão depois?

o muro defronte

É a fábrica o grande pesadelo:
o muro em frente à vida. O que proíbe
o vôo do pensamento (é o eterno
ir-e-vir-sem-partir-e-sem-chegar)
sem porta de saída desse inferno.
É o grito da dor (se vem o sol
não é luz, mas cansaço o que se acende).

E nem são luas pelas noites tristes
desses bares soturnos (intervalos
entre o gole de fel e a penitência)
para o castigo imposto e imerecido.

O operário fabricando dores,
equacionando a conta de sua morte
e os números que selam a sua sina.
O operário é algarismo apenas,
uma interrogação refabricada.
Ponto de exclamação do não! à vida,
cansaço e reticência em frente ao muro.

(É o operário o átono suspiro
da vogal tônica e oca de sua fome).

Na fábrica onde acumula o seu suor,
silêncio e dor são forças rebeladas
entre portões e apitos (entre máquinas
defendidas por ferros e ruídos).

Inventa a liberdade: um sonho apenas
de acordar desse sono que é sentença.

Mas há o pão e o circo (a ilusão
posta ao ouvido, à mesa, posta ao vídeo)
há outras engrenagens e outros campos
de prisão e tortura.

Ah! é urgente
romper o alfabeto que aprisiona,
quebrar o algarismo que o detém
e fabricar a luz do dia novo
do sol inaugurado além dos muros!

verbo versus muro

Arranque esse silêncio do caminho
e plante a força da esperança útil.
Mais vale o Verbo (arquitetura anímica)
do que o sonho da revolta muda.

Semeie o vento azul pelas esquinas.
E se colheres vãs respostas surdas,
prepare o solo para o replantio
do grão maduro em sólida urdidura.

Bem maior que o outrora e que o futuro
é o país além da cor do tempo,
aliado ferrenho contra o muro.

E mais forte que o ferro e que o cimento
é a palavra acesa em fogo puro,
quando penetra o coração do vento.

soneto do riacho pajeú

Não foi o tempo (o tempo é teu amigo)
que te inundou de lixos e de fezes.
Que adoeceu teu corpo, antes sadio.
Não foi o tempo: o tempo ainda te espera.

Quem te quis na masmorra dos esgotos
ou sob a laje, como se estivesses
já irremediavelmente morto,
longe do sol, que busca te rever?

— Aqui começa o Riacho Pajeú.
— Começa? Ainda teima o seu evento?
Ainda é fonte o que se quer cloaca?

Foste água feiticeira (ah, que augúrio!)
e ainda crês num milagre: voz de vento
gritando ao tempo a súplica das águas.

retrato metempsicótico

Esta humilhada cidade,
moça que tinha beleza,
já foi alegre menina
em estampado vestido,
blusa decote-canoa
e de manga japonesa.
Apanhava água das fontes
que rebentavam das serras
do maranguape horizonte.
Do Rio Ceará, que resta?
Do turvo curso, o que traz?
À sua barra, o que leva?
E o Rio Cocó, perdido,
é qual indefeso bicho
baixando o fino focinho,
morrendo de caça e pesca.
Os olhos no Papicu,
os chifres nas docas frias.
Espinhaço em Pirambu,
queixada lá nas salinas.
Animal preso num circo
— estrambótico picadeiro —
Palhaço pra pouco riso
em palco de muito medo.
Os bairros, manchas-poeiras,
meninos com os pés metidos
nas lamas, ruas estreitas
pra um magote de edifícios
tapando antigas veredas,
abrindo novos perigos.

nostalgia da luz

O que resta de tantas caminhadas
(pés descalços nas gretas do cimento)
que a manhã tão comprida oferecia
ao sol do tempo sem relógio de antes?

Por trás das ruas (becos de salitre
com muros inclinados sobre crótons
e buganvilles) folhas neblinadas
umedeciam os pés e a sensação
de manhã-de-aventura me inundava
de anseios (as corridas contra o espaço
das vidas sem portões da infância nua).

O que resta daquelas caminhadas,
mesmo nos pés das gerações crianças,
tão sem luas, tão números, tão siglas,
videotizadas em noventa e nove
robotizadas em dois mil e dez
ciberneticizadas por *computers*?

Alguns botões, painéis ou alavancas
concedem ao homem hiperconfinado
um instante de sono em que sonhar
apenas se permite: o sonho é preso.

Sonha esquinas ruidosas, repetidas,
veredas de concreto, flor de aço,
alta-tensão na cútis da cidade.
Se conforma à rotina e diz ser livre,
a buzinar às curvas vespertinas,
acendendo o cigarro de *week-end*
antes de ver o último capítulo
que conta de uns casais bem mal vividos
às voltas com o *stress* e o adultério.

meia - noite se dá de assombro (cidade - assombro)

Ele era um exilado da manhã.
A mão da noite lhe acordava atônito
(noite prene de vagas vozes vãs),
como a um medroso de irreais visões.

Ele era um desterrado, longe dos
lugares, dos caminhos, dos abrigos.
Sustentava nas pálpebras a noite,
circundante de luzes solitárias.

Repensava o porquê dos postes hirtos,
entre os muros das ruas que se abriam
à erma caminhada, onde as sarjetas
(mais valas que caminhos) não regavam
o espanto das poças paralíticas.

Ele era um exilado da manhã
e o outro dia, longe, estava ali
nos lábios da memória estrangulada,
no encontro dos ponteiros insensíveis,
da noite em meio à sombra da cidade.

em louvor da tarde

Um esteio de harmonia,
esta tarde povoada
de canários e pipilos.
E o espaço entre os canários
e o seu vôo estendido
sob um complacente sol,
pressago das horas quietas.

(Ah, esta noite anunciada
de estrelas e pirilampos . . .)

Menino, já visitei
tardes assim outras vezes.
Sem ida nem volta — tardes.
Calcanhares sobraçando
a areia sonolenta.

Apenas os sons da tarde,
que eram sinos sem relógios.

E a noite de hoje virá,
com seus jardins habitados
de murmúrios e presságios.

andaimes

Aos operários nordestinos,
mortos na construção civil
do sudeste do Brasil.

Da argila seca vim, desintegrado.
Oh terra, oh cor antiga da poeira!

Arquitetura sóbria da distância
do sonho ou pesadelo em que emigrei.

Me despreguei da pedra, dispersei-me.
Virei parede escura de edifício.

Atropelado em cinzas avenidas,
me desavim com o dia forasteiro.

Caí na desandança, retirei-me.
Eu tinha um nome. Eu me chamava Pedro.

Que desmemória agora me consome?
Onde, em que construções me destruí?

Eu era Pedro? Pedra? Eu tive um nome!
Que noite me esqueceu do que já fui?

escore final

Penetrante, mordaz melancolia!
Uma lamentação tão furiosa,
para queimar por dentro os corações,
crestar a ingenuidade dessa rosa.

(Num passado distante, a penitência,
profanada de dores sobre-humanas,
dessa grava a pupila descerrada
a uma visão roída de pestanas).

Que se rasguem bandeiras de domingo!
Quebrem-se as cores vãs dos estandartes!
Que se rebente o sono do estertor,
da inútil vigília em que te partes!

Antes do Não às mudas esperanças,
amanheçam as ruas sob um fogo
de mãos que hão de mover antigos medos,
provocar a vitória ao fim do jogo.



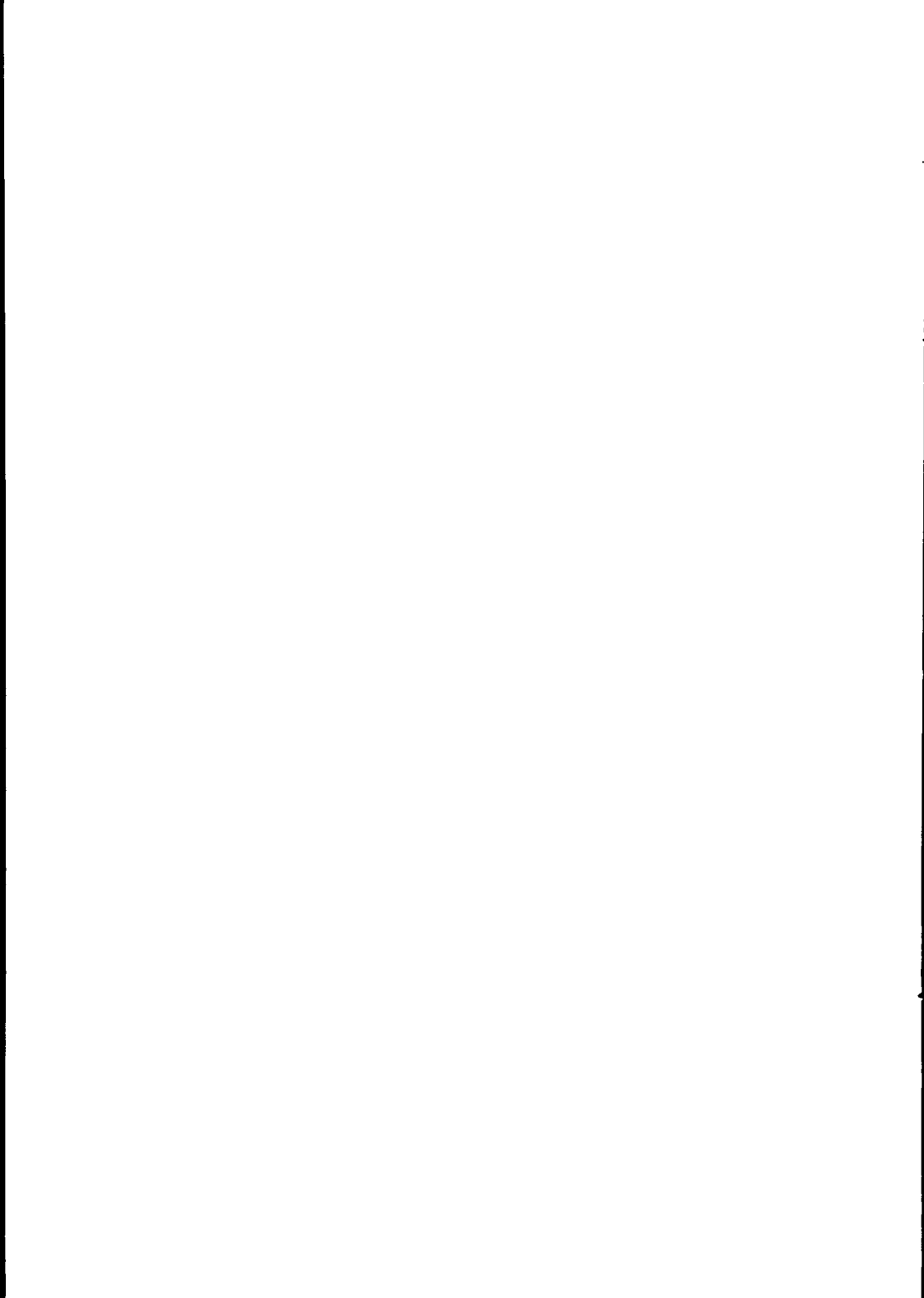
A Antônio Carlos Barreto
A Francisco Linhares
A Otacílio Batista

desafio de viola

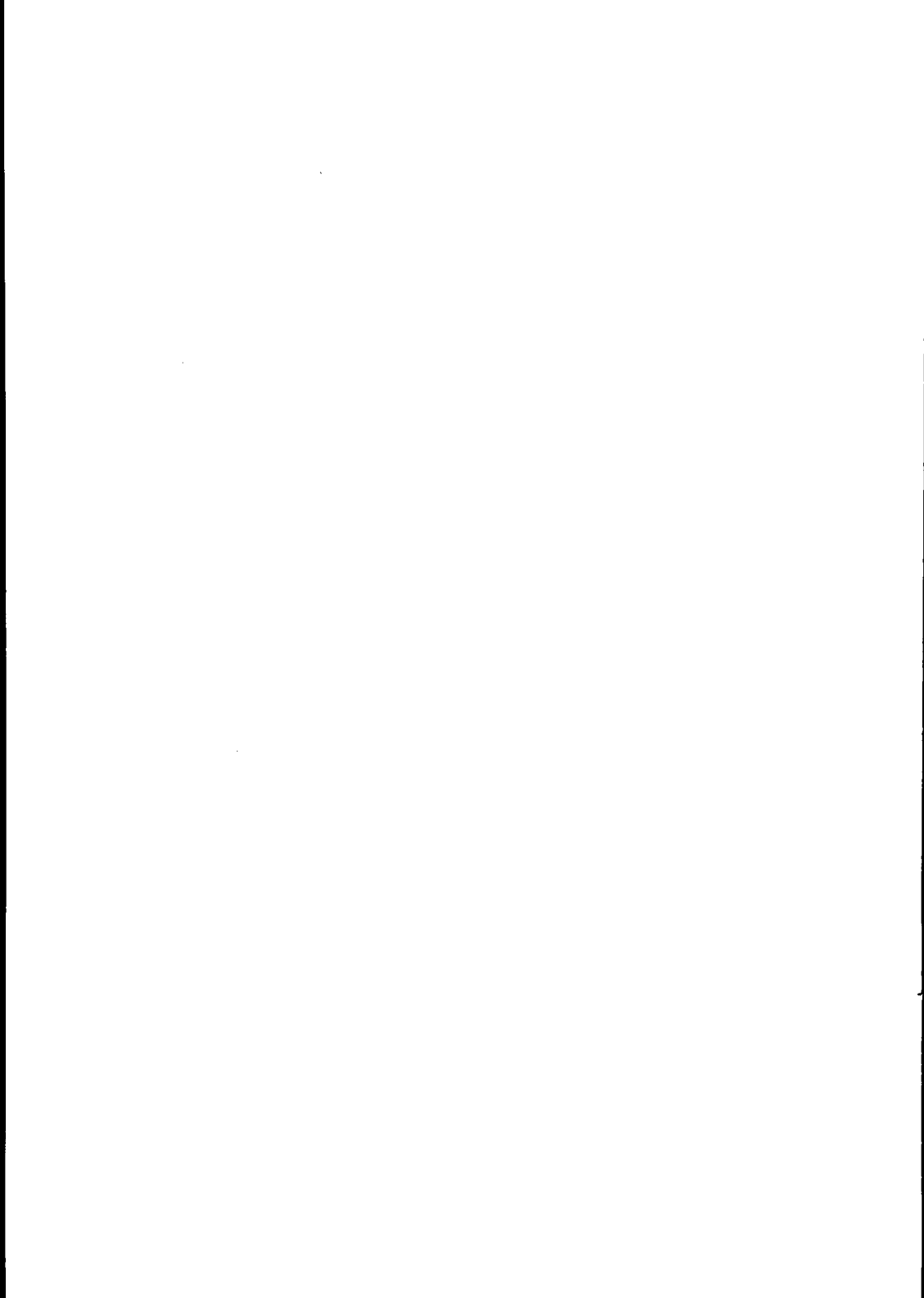
- Senhores do auditório,
peço licença ao momento,
para cantar com um homem
que me dizem ter talento.
Quero ver se ele hoje
me mostra conhecimento.

- Sem nenhum acanhamento
peço licença a Romeu.
Com relação a Cazuza,
agora te digo eu:
se te julgas Minotauro,
hoje encontrei Teseu.

(De uma peleja entre José Cazuza
de Brito e Mirafior do Palhano)







desafio de viola

- A — Amigos, venham escutar
um cantador de primeira
tirar o couro de outro
que já perdeu a estribeira
só em saber que hoje vai
cantar com Amâncio Espinheira.
- B — Deixe você de besteira,
que o povo deste lugar
conhece o nome Basílio
Fidelis de Miramar.
Um homem com o meu repente
é difícil de encontrar.
- A — Pois então, vamos cantar
um martelo agalopado,
porque cantador do bom
só gosta do complicado.
Quanto mais difícil o caso,
mais ele canta aprumado.
- B — Pode ficar sossegado,
pois você vai aprender
a trabalhar no martelo
do jeito que eu sei fazer:
você chorando e gemendo
e eu martelando a valer.

A — Começando a buscar o mais difícil,
você vai se perder no labirinto,
pois eu canto em metáfora e pressinto
que o colega já está no precipício;
o martelo bem feito é o meu ofício,
mais sereno que aboio para o gado;
é cantiga de amor emaranhado
nas belezas que a noite me oferece,
no silêncio do campo entoa e cresce
no tropel do martelo agalopado.

B — Já eu canto de um modo diferente,
mais me vale o sabor do desafio;
como as águas de inverno pelo rio,
não descansa o meu verso impenitente;
vai rompendo as cadeias da corrente
o meu canto que é bem artesanado,
nada tendo do verso pé quebrado
que hoje escuto aqui ser cometido
por cantador vulgar e atrevido
que se mete em martelo agalopado.

A — Não me meto, pois já nasci cantor;
era um São João de lua e de martelo,
me saudou o fulgor do Setestrelô,
sobre a chama junina e seu calor;
desde então o sertão tem um valor
para sempre querido e inigualado;
de nada vale intriga e mau olhado,
só me valem repente e poesia,
que em mim são bem mais que a luz do dia
no clarão do martelo agalopado.

B — No entanto, é o povo quem me diz,
cantador preferido do sertão
sou eu só, sem rival, sem compaixão
das tolices de um reles aprendiz;
até hoje cantei o que bem quis,
nunca fui nem de longe ameaçado;
o meu canto é mais bem arquitetado
que as estrelas no espaço sideral;
verso forte que move todo o astral,
quando eu canto o martelo agalopado.

A — Eu pensava que a sua inspiração
fosse coisa melhor para se ouvir;
mas agora vão todos consentir
que cantemos a oitava de quadrão.
Sabe o povo que a alma da canção
se constrói com o mais belo da linguagem
e por isso anuncio outra mensagem
nas veredas da pura poesia,
quando maior prazer, mais alegria,
nos aguardam no fim desta viagem.

B — Camarada, o meu canto representa
o valor em combate com a mentira;
quando escuto os acordes desta lira,
meu cantar outro mundo reinventa.
Pois quem canta seus males afugenta
e é por isso que canto e que pelejo;
não procuro enxergar sobre o que vejo
outra coisa, senão todo o real,
mas meu verso é mudança e é sinal
que é de ferro o querer do sertanejo.

A — Deixemos então que a noite,
livre do vento e do açoite,
ao nosso cantar acoite
pelas grimpas da amplidão;
e assim cantando, veremos
que as flores dos crisântemos
serão das violas remos
no mar da oitava em quadrão

B — Pressinto que a poesia
pelo espaço rodopia
neste canto de alegria
que encerra o meu refrão;
pois a minha voz se eleva,
rompendo o manto da treva
e todo o mundo se enleva
com minha oitava em quadrão.

A — Cante a terra do cultivo,
cante o arame e o crivo,
a roça e qualquer motivo
que diga respeito ao chão;
enquanto o meu canto quebra
a textura da pedra,
por onde a semente medra
da flor da oitava em quadrão.

B — Eu canto, no meu repente,
a cova, a mão, a semente,
a lua fria, o sol quente
e a madureza do grão;
e as noites de plenilúnio,
junto às fogueiras de junho,
tendo a viola que empunho
cantando oitava em quadrão.

A — Mas o povo quer ouvir
também diversas razões
que nos informem da vida
em luta contra os verões,
nesse longo esquecimento
em que se afundam os peões.

B — É que esses todos senões
têm um motivo primeiro,
pois sabemos que o trabalho
do deserdado roceiro
é sempre manipulado
pelo rico fazendeiro.

A — Tem razão meu companheiro:
na terra trabalha o homem
que mais direitos possui
ao fruto que sempre some
na mesa farta do rico
que o fruto alheio consome.

B — Quero um canto contra a fome
e outro canto contra a sobra;
um canto de terra larga
onde o camponês se dobra
buscando o difícil fruto
que a sua vida lhe cobra.

A — Nosso canto se desdobra
no mais preciso compasso
e agora vamos nós dois
dirigir o nosso passo
a um bem fincado mourão,
sem deslize ou embaraço.

B — Não sei o que é cansaço
louvando este meu sertão,
sabendo, embora, que nele
há miséria e precisão;
vamos, então, violar
as amarras do mourão.

A – Quando pioram os dias,
as noites não trazem sono.
B – Porque a falta se acorda
na vigília do abandono.
A – De quem não tem o direito
de arranjar outro jeito
na vida que não tem dono.

B – Madeira que já fez trono
vai ser coivara em São João.
A – Das cinzas se faz o adubo
da planta da redenção.
B – Para a festa da colheita
da liberdade que enfeita
os sete pés do mourão.

A – No dia em que no sertão
ninguém mais for explorado.
B – Aguardamos ansiosos
o momento ser chegado.
A – Pois muita luta, somente,
fará tudo diferente
no plantio do roçado.

B – Quando, enfim, o resultado
da colheita é de quem planta.
A – De quem madruga o cansaço
e com o galo se levanta.
B – Para que nasça a semente,
como o canto do repente
brota da nossa garganta.

A — Pra que serve a cantoria?
B — Pra desatar o repente.
A — E se o nó for resistente?
B — Se desfaz com maestria!
A — Pra que serve a luz do dia?
B — Para fecundar o grão.
A — E o lavradio do chão?
B — Para colher-se o plantado.

A Isto é mourão perguntado,
isto é responder mourão.
e Para colher-se o plantado.
B Isto é mourão perguntado,
isto é responder mourão.

B — De que serve esta viola?
A — De companheira do verso.
B — Que é maior no universo?
A — O perdão que nos consola.
B — Por que existe a gaiola?
A — Por covardia e ambição.
B — Por que as aves na prisão?
A — É um ato injustificado!

A Isto é mourão perguntado,
isto é responder mourão.
e É um ato injustificado!
B Isto é mourão perguntado,
isto é responder mourão.

A — Por que canta o meu colega?
B — Por amor ao meu ofício.
A — Lhe traz algum benefício?
B — Ao canto a voz não se nega.
A — Não se diz que a sorte é cega?
B — A poesia é claridão!
A — Você busca a luz, então?
B — Busco um canto iluminado!

A Isto é mourão perguntado,
isto é responder mourão.
e Busco um canto iluminado!
B Isto é mourão perguntado,
isto é responder mourão.

B — A que se presta a enxada?
A — Ao amanho do plantio.
B — E por que o solo vazio?
A — Porque a chuva é quase nada.
B — A roça então vira estrada?
A — Vira fome e precisão.
B — Que fazer da vida, então?
A — Cobrar o troco ao culpado!

A Isto é mourão perguntado,
isto é responder mourão.
e Cobrar o troco ao culpado!
B Isto é mourão perguntado,
isto é responder mourão.

história de juvenal

Atirado ao rio, apunhalado

1. Foi num maio, que à vez de outra alvorada,
haveria de — morto — navegar
o silêncio das águas da invernada,
que revelou-se a vida a Juvenal.

Luz airada cobrindo a noite-ainda,
sobre a sobra das sombras sobraçadas
pelo frescor insone da neblina,
insistindo nas ramas agitadas.

Amanhecendo, um choro se irradia
qual prenúncio do dia inaugurado,
habitado de sons e de alegria.

Um regato, das águas apartado,
volta a se unir às lágrimas do dia
que a noite finda houvera derramado.

2. Sendo que não
nascido rico,
a sina eu digo
do nosso irmão:
neste sertão
(não se contesta)
o que molesta
o deserdado
se vê premiado
por quem não presta.

Isso acontece
com o nordestino,
cujo destino
o patrão tece.
De nada esquece
no seu afã:
rouba o amanhã
do deserdado,
que trata o gado
e a terra chã.

A história venho,
porém, contar
de um que apesar
de humilde, o cenho
franziu e o tenho
como exemplar.
Pois contestar
o rico e forte
é ver a morte
sem fraquejar.

Desde menino
contestador,
se fez senhor
do seu destino.
Pois nordestino
que se contenta
com qualquer prenda
que dá o patrão,
morre, mas não
fará contenda.

O que desvenda
outros espaços
aos nossos passos
para outra senda
nasce e vem da
certeza pura
de que a fatura
somente cabe
a quem não sabe
da pedra dura.

3. O mais arisco alazão,
a mais ágil montaria
galopava a imensidão
da noite e o largo do dia
com mais ímpeto, se a mão
de Juvenal fosse a guia.

E as reses tresmalhadas
voltariam, se escutassem
seus aboios. E as toadas,
caso os seus lábios cantassem,
fariam que as madrugadas
mais luminosas ficassem.

As águas das correntezas,
sutis e murmuradoras,
conheciam as destrezas
de duas mãos pescadoras:
colhe a tarrafa de estrelas
as luas visitadoras.

Mato fino das quebradas,
pasto abundante das várzeas
acolhiam as pegadas
das alpercatas vorazes,
que engoliam as léguas
por entre os bichos mais ágeis.

Moças dali e as donzelas
das redondezas também
enfeitiçadas e belas,
todas sabiam por quem
queriam não ser mais elas
pra se tornarem de alguém.

Pois tudo isso insinuava
rancor, despeitos e intrigas.
Se tanta gente o acatava,
muitas bocas inimigas
a maldição visitavam,
cheias de intenções malignas.

Havia, pois, o desejo
de vindita e assassinato,
embora fosse o seu jeito
um jeito simples, pacato.
Contra ele um tal sujeito
parecia ter um trato.

Mas depois de ser jogado
nas águas do Jaguaribe,
a lenda tem demonstrado
que a fé a sua morte inibe,
pois muitos têm afirmado
que Juvenal ainda vive.

Pois redivivo na crença
que o povo confere à vida,
já não há quem se convença
desta morte, que hoje é tida
tal qual um dia de ausência
de uma estrela amanhecida.

4. Entre os ventos mais errantes,
como bandeiras radiantes,
se agitam nas vazantes
as palhas do milharal;
uma constante presença,
sem que o sol jamais a vença,
é da lavoura a manutenção:
o menino Juvenal!

E pelas roças amigas,
pelas veredas de urtigas
e por estradas antigas,
cresce este nome tão nobre
do sempre nômade e audaz
cavaleiro ágil, vibraz,
rico de coragem e o mais
querido da gente pobre.

Muito de perto ele viu
a fome e o calor do estio
e a grandeza deste rio
que o tempo às vezes proíbe.
Mas sobre o chão calcinado,
ou sobre o leito leito abastado
do rio que foi seu fado,
sempre amou o Jaguaribe.

Todos que puderam ter
a alegria e o prazer
de Juvenal conhecer,
dizem que sua triste morte
não foi obra do destino;
aquele alegre menino,
por ter coragem e ter tino,
não merecera tal sorte.

Conta um outro que sua vida,
de tão agitada e tida
como rebelde e temida
pelo exemplo que deixava,
não era, não, nunca aceita
por aquele que sujeita
a todos à sua empreita
que Juvenal renegava.

Por isso é que, quando um dia,
em noitada de alegria,
com muita cana e folia,
deu-se um fim a Juvenal,
um que lá estava presente
conta que os dois, de repente,
sem um motivo aparente,
discutiam no quintal.

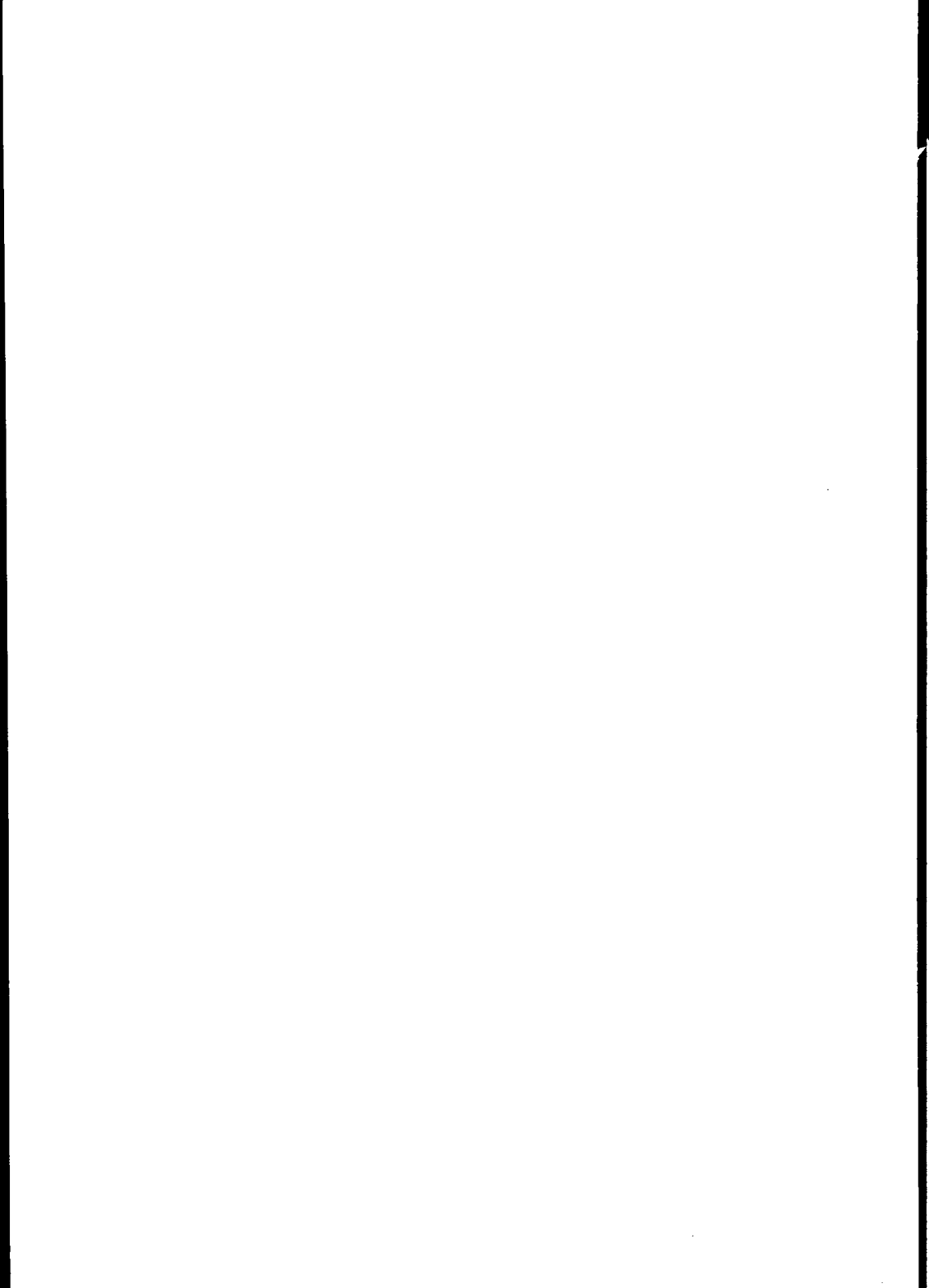
O que o matou, vindo armado,
se dizendo enciumado
por causa do interessado
olhar de sua noiva Dora,
pra os olhos de Juvenal,
logo puxou do punhal
e, sem dar vez ao rival,
deixou-lhe o coração fora.

E conta que esse assassino,
como um louco, em desatino,
arrastou seu corpo fino
para o fundo do quintal
e o atirou da barranca,
sobre o véu de espuma branca
que a água veloz arranca
dos galhos do bamburral.

É certo que do seu corpo
não teve notícia um porto,
ninguém descobriu do morto
sua ida ou sua vinda.
Mas pelo leito deserto,
por anos, por longe e perto,
bem que buscou, isso é certo,
o povo, encontrá-lo ainda.

Morreu? Sumiu? Foi-se embora?
Se pergunta vida afora,
sem se saber em que hora
as respostas chegarão.
Por mim, imagino tê-las.
E mirando as águas pelas
luzes do rio de estrelas,
vejo olhos na imensidão.

Amigo: de minha parte,
sei quão difícil é a arte
da história toda contar-te
com clareza e com isenção.
Mas dizem que Juvenal
tinha deixado um sinal
no fundo d'alma, e carnal,
na filha de um tal patrão . . .



A Almeida Fischer
A Domingos Carvalho da Silva
A Moacyr Félix

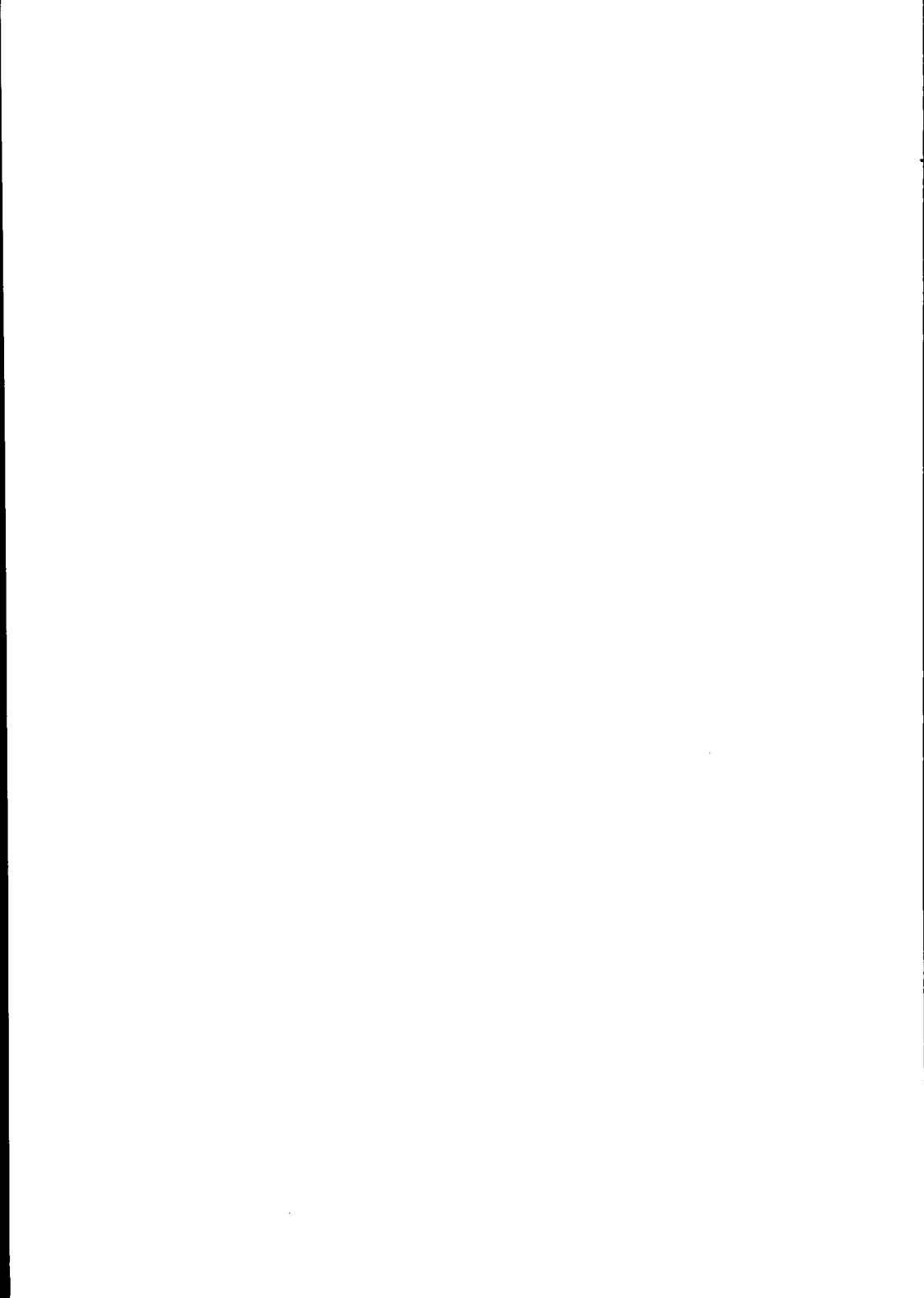
saga nordestina

Sonho algum os alcança
no seu fluir constante
por noites de espantinho.
De nenhuma esperança
tecem mundos de orvalho.

Francisco Carvalho







soneto da saga do êxodo

Sol de pedra crestando os pergaminhos
das páginas da terra em labaredas,
cinzelando com fogo e com espinhos
as faces macilentas das veredas.

Som de pedra ecoando nos caminhos
varados da diáspora sertaneja,
reverberando o vento em remoinhos
os rastros volantins da gente andeja.

Chão de pedra no rumo dos aflitos
passos errantes, por longínquas plagas,
pervagando esses ermos infinitos.

São de pedra as pupilas dessas águas,
represando ancestrais e mudos gritos,
desertados do exílio de outras mágoas.

descaminho

Vim das serras tabajaras,
de vales remotos vim.
Dos ermos sertões, das raras
águas de longo caminho,
trazendo tristeza às costas
das pedras de luz e brilho.
No gesto de tanto tempo
os sóis maiores mordi.
Deixei a luz das estrelas
na aguantiga que bebi.
Rude perfil do ancestral
que no meu rosto reví.

o aborígene

E da Guiné trouxe a curva
sombra veloz do meu rosto.
Vim repassando lundus,
mas com garganta de morto.
Nos porões desses navios
que ancoravam no porto,
fincando a vela nas águas
do nosso passado torto.
De Moçambique e Sudão,
de Angola, a ferro e fogo,
vim trazendo a bailarina
da lua em meu negro corpo.

o africano

E dalguma nau perdida
a vela vestiu-me a cara,
quando abandonei a linda,
fermosa Vila da Maia.
Tinha uma prima bonita
que me chorou numa praia.
Gonçalo que era Ramires,
Ramiro que era Gonçales.
No batel que após sumira,
no esconderijo da vaga,
vim o meu fado cumprir
nas sendas destoutra saga.

o lusitano

Nesses três sangues ardendo,
o sol fincou seu punhal,
na vida presa da gente
que sofremos desse mal
de deixar terra criança,
fugir do solo natal,
sem que se tenha do chão
uma semente, um sinal
da terra que é sempre alheia,
como alheio é o areal
que percorremos na vida
de uma vila ou dum arraial.

o nordestino

cantiga da lavoura

Perseguir estradas
sem pensar na volta.
Descansar caminhos
numa roça amiga,
habitada agora
na cor da cantiga
pelo grão que aflora
no verdor da espiga
da semente nova
da lavoura antiga.

Perseguir estradas
sem pedir a volta.
Descansar caminhos
num reduto d'água.
Repartir o canto
com as livres águas
do irrigado pranto,
inundando as mágoas
vindas do sorriso
dessa fonte clara.

Perseguir estradas
sem temer a volta.
Descansar caminhos
na paixão cumprida.
Se deixar da terra
ser o grão maduro,
no largo plantio
de um amor futuro.
Festa da colheita
do esperado fruto.

saga nordestina

Porque do Ceará nascido,
este olhar fito na dança
do leque de pau fendido
que o catavento balança,
colhendo o vento fugido,
que se enovela na trança
da água que tinha ido
embora e volta e se cansa,
a regar o chão poído
e sobre as rugas avança
do solo de sol comido,
teimando em ser a esperança
do olhar de chuva sumido
dos olhos de uma criança.

Veredas que o tempo inventou
nas idas manhãs de um inverno,
que veio e veloz se alongou
num céu onde nada é eterno.

E do inverno de outrora outros ares
sempre em vão se tentaram cobrir.
E mil dias por sobre os pilares
dos alpendres fizeram-se vir,
sem que a água prendesse os destinos
sangradouros dos pés erradios,
que se foram a vagar peregrinos,
como feixes de ventos vadios.

Porque do Ceará nascido,
esta palavra enterrada
no barro de massapê
das covas rasas da roça.

Esta cancela em sussurro,
abrindo a brisa de abril.
O gado as horas comigo
anoitecendo nos campos.
O esterco rescendendo
o refrescor da manhã.
O marmeleiro cheirando
o rosto da pedra úmida.

E nos olhos sem represa,
de longe é que as águas vêm,
pelo remanso perdido
das retinas exiladas.

Era uma vez, um relâmpago
que incendiou uma noite
escorrida de água antiga.
E os berros dos bezerros
acordaram os passarinhos
(a estrada não teve volta).
E esta água que alaga
a noite azul da memória
não apaga esta palavra
na lavoura desta saga.

Porque do Ceará nascido,
tingido de cinza-vento,
invento a vida madura
na cura do descaminho.

(No ninho da cobra verde
se perde o passo da ema.
Jurema mais juazeiro
terreiro de muito espinho).

Caminho de légua e meia
na areia do findimundo.
Raimundo da Silva vem
também de longe na vida . . .

Vivida no nada mais,
que faz com que nossa morte,
por sorte, seja melhor
que a dor de viver morrendo.

Perdendo o tempo de outrora
na hora perdida hoje.
E foge a esperança antiga
na viga da estrada, sem
ter nem depois nem agora.

soneto da febril e precoce sação

A retina mais sôfrega desvenda
o mormaço pisado das veredas.
Decora a geometria que desenha
a cor do tempo sobre a cor das léguas.

A pupila reflete o desalento
pousado sobre os olhos malferidos
dos açudes, que cegam sob um vento
varado de punhais ensandecidos.

E não colhemos esse extinto fruto,
sazonado na febre das retinas,
exiladas ao tempo em que a segura

fende o talhe franzino das espigas,
irrigadas de um pranto que não dura
mais que a sação precoce das neblinas.

a lenda do peixe cego

No fundo silêncio d'água,
entre o frescor da sarsa,
o peixe cego.

Na noite do dia aceso,
adivinha o sol mais cedo
o peixe cego.

Nas pedras, na lama verde
ou no lodo, não se perde
o peixe cego.

Conhece as estranhas vozes
que chegam, que se demoram,
o peixe cego.

Os outros peixes veneram
os olhos que não enxergam
do peixe cego.

Sabem que um jovem pajé
encantou-se e hoje é
o peixe cego.

Mas, um dia, o landuá
um dia — surpresa — arrasta
o peixe cego.

O curumim sente a vista
escurecer, quando avista
o peixe cego.

Na taba o jovem cegou
e ninguém — medo — provou
do peixe cego.

Mais horas, e ele sumiu.
Nas águas turvas do rio? . . .
O peixe cego! . . .

Ele tornou — dizem — às águas
do lago azul de outras datas,
o peixe cego!

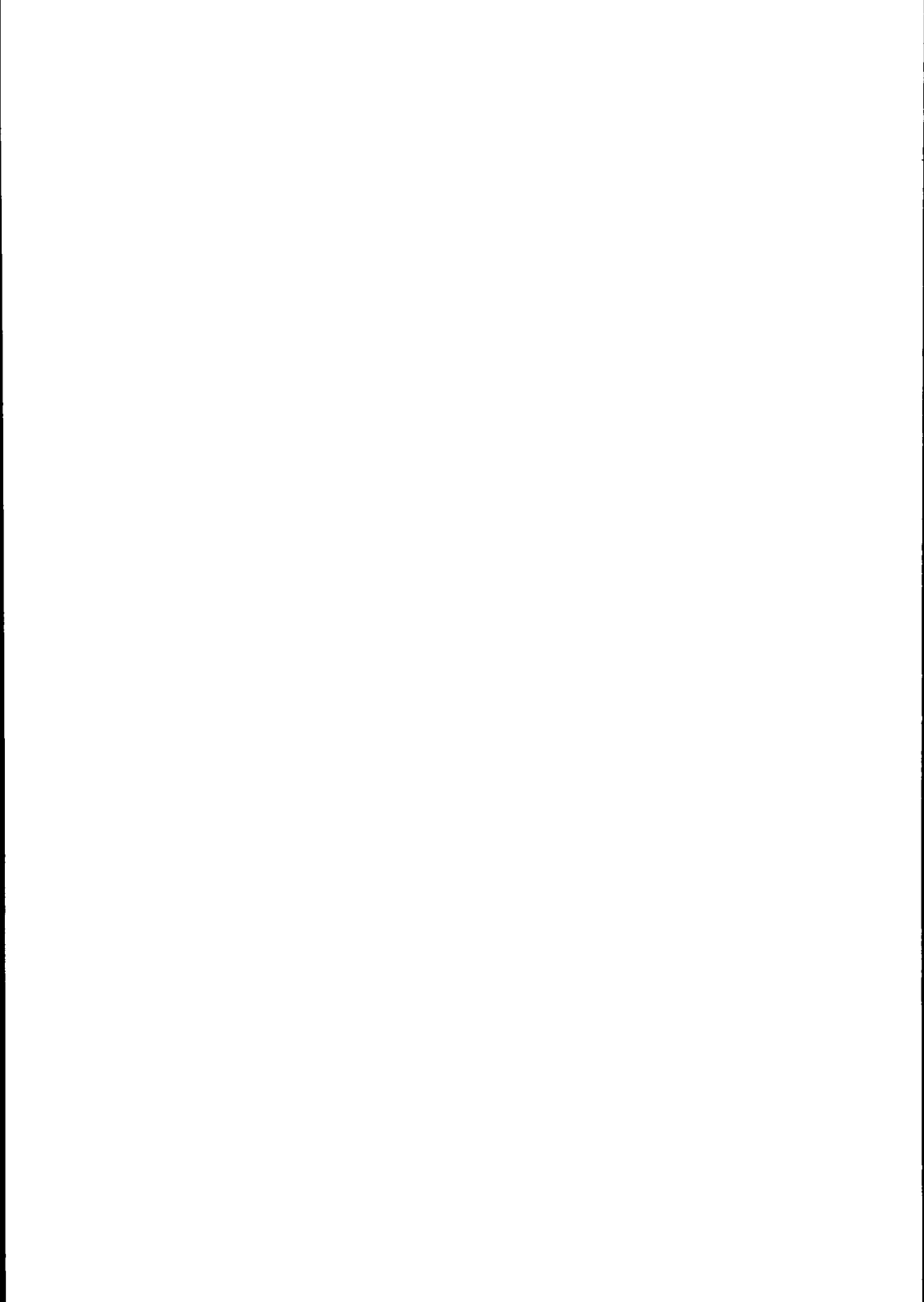
Desde então, o pescador
sua visão recobrou:
não mais é cego!

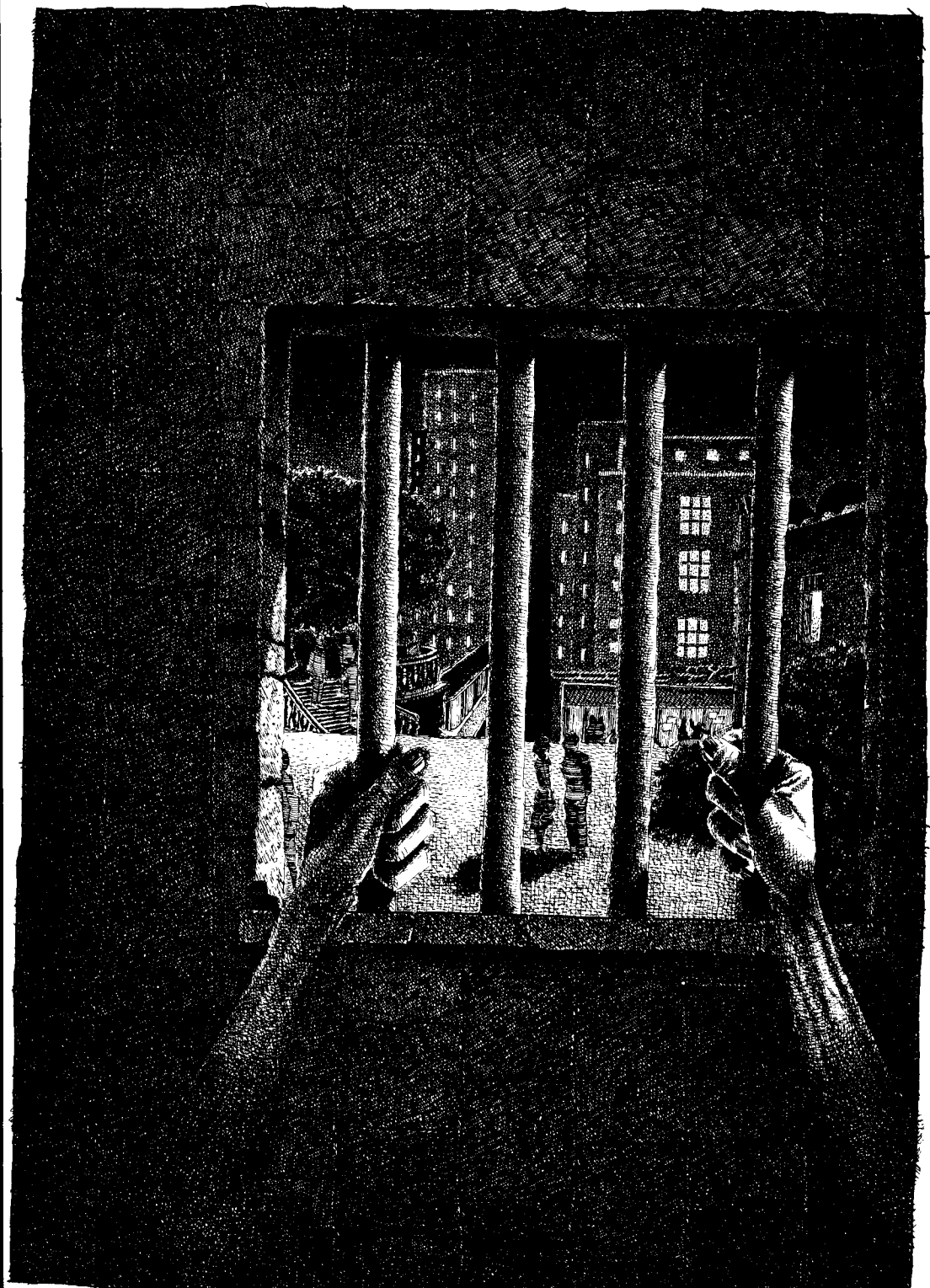
A Dimas Macedo
A José Louzeiro
A Roberto Pontes

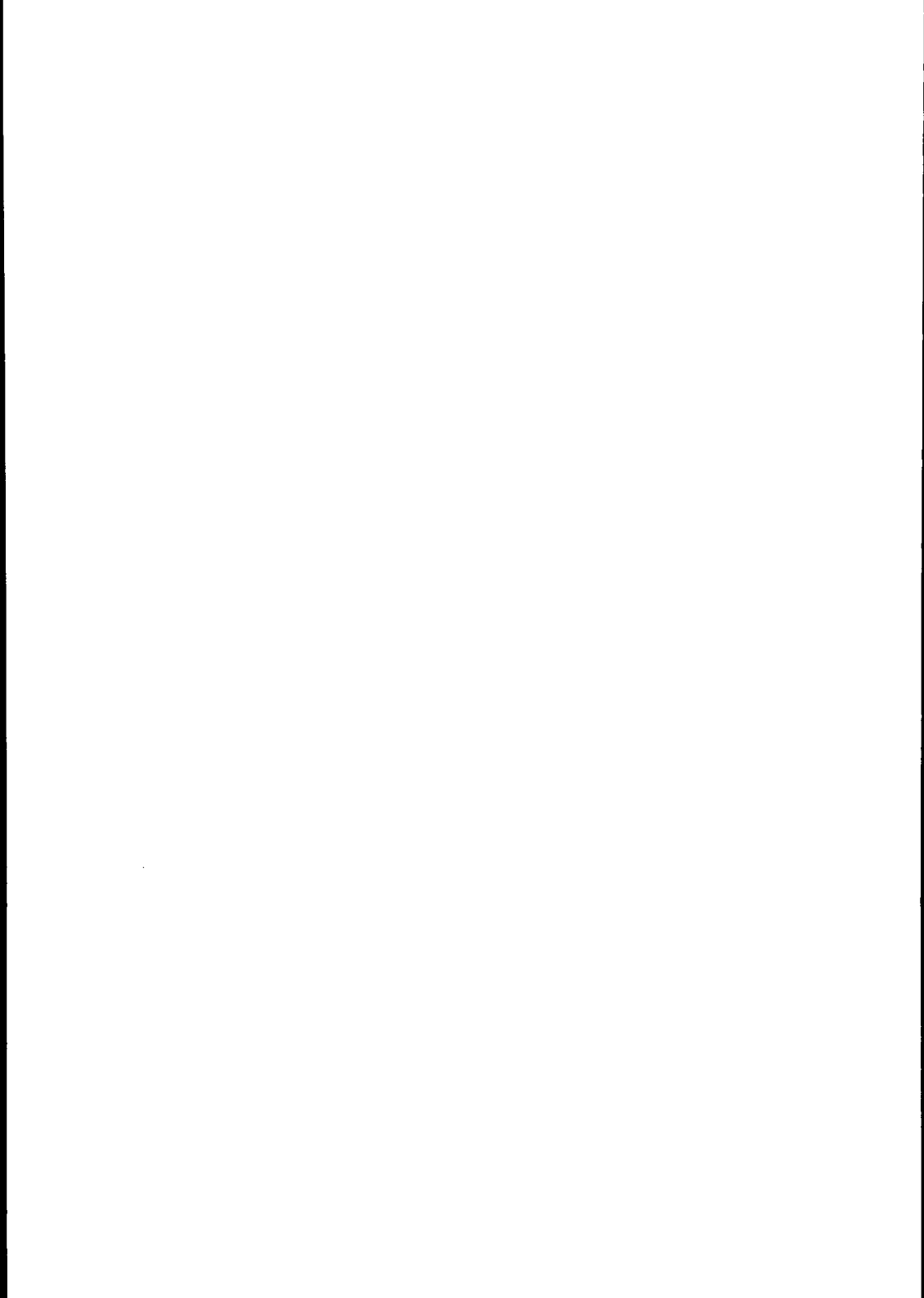
a voz marginal

Fuera, la luz en la luz sepultada.
Siento que solo la sombra me alumbra

Miguel Hernández







a voz marginal I

Erguido o escuro sobre a cidade,
fiz-me sozinho na densa noite,
preenche de sombras e sugestões.
Tão repartida de encruzilhadas,
tão noite antiga de deslembados
cantos dormidos de moradia.
Erguida a noite sobre o silêncio
deitei meus passos cheios de exílio
sobre o desenho das poças d'água,
perfil de um sonho nunca cumprido
na vasta teia das longas idas.
Erguido o vento na madrugada,
pelos calçadas, pelas varandas,
pousei a busca nas soltas frestas
da porta antiga do itinerário.

Na cor da lua não derramei
a cor da aurora (sangrada flor).
Mas não por medo dos calafrios,
nem do remorso, nem do pavor.
E sob as gretas do olhar dormido
em tantos nadas, sonhei desprezo
ao ouro alheio, que não tangeu
meu leve braço de marginal.

Erguido o pranto da fome antiga
na voz infante tão desdormida,
tornei ao ermo da rua o passo,
sorvendo o frio da noite finda.
E não me orgulho de uma adiada
morte que a vida há muito exige
do pouco ou nada que sob o mundo
dos poderosos é o nosso fardo.
Talvez por isso prefira a porta
da minha noite por outras ruas,
sem mais deter-me frente às janelas,
sem isentar-me das cores rubras
de um quadro novo na madrugada.

a voz marginal II

Me chama um nome esquisito
o povo que não me vê
durante as horas do dia.
E quando o sol deixa o seco
das telhas da esquina antiga,
o meu caminho se alarga.
Percorro na contramão
as ruas que são mais minhas.

Enterro as luzes do bairro
na curva sem poste ao longe,
na fronteira do escalvado
antes do mundo do mato.
Não sigo as pedras linheiras;
sigo os arbustos de sombra
e emendo a coragem ao fogo
que acende à falta da lua.

Algumas cores se esgueiram
na ferrugem da arandela.
É em cima do silêncio
que os meus medos se penetram.
E as vozes pelas janelas
reprendendo os meus passos.
De noite, nem todos somos
gatos cinzentos (ou pardos?).

E as ruas o que oferecem
não é apenas refúgio:
há certeza no silêncio
de que são presos meus rastros
nas teias do homem armado.
E na sozinha lembrança
dos caminhos de tão fáceis
dos passos de minha infância.

As desbotadas varandas
às vezes me dão boa noite.
Não entro jamais em onde
há um brinquedo esquecido,
pois eu, menino de insônia,
procurava o meu perdido
em todo canto de sono
no sonho tão desdormido.

Menino não nunca entrega
o seu em favor nenhum.
Menino sonha o ladrão
carregando o seu brinquedo.
E eu, ladrão, sei de quantos
sonhei na noite tão pobre,
os brinquedos que não tive
nas minhas mãos esquecidas.

De nada me valem apelos
ou sonhos que tive um dia!
Carrego pedras nos olhos.
Meu caminho é de vigília.
Quem acorda a precisão
do menino que cresceu
na falta nunca suprida,
não dorme, nem sonhar pode.

E não venham com querelas:
a minha mão de menino
não alcançou bem nenhum,
quando meus olhos giravam
em torno à roda-gigante.
Ninguém tocou minha mão,
que agora outra mão esconde
das luzes vãs da cidade.

a voz marginal III

Nasceu agora um ladrão
num homem magro e adulto.
Fez-se de curva costela
que fere a pele erodida,
sobre o curvado arcabouço,
rangendo no gume aceso
a diária imolação.

Cresceu agora um ladrão
na superfície da poça
que não sangra a lama escura,
onde seus olhos se espelham
parados na noite suja
de um subúrbio-assombração.

Morreu agora um ladrão
sonhando com a estrela agrária,
vertida sobre o terreno
varrido em sua memória,
que só conserva o exílio
da vida de antes, contida
em espera e servidão.

macário gavião nas grades da paixão

Macário Gavião atou à sua vida
um amor de febris e tais inquietações,
que já não era a lei que mais o perseguia,
mas a insídia e o assédio de um rival de paixões.

Mulher de olhos de céu e corpo de caminhos,
tão oblíquos tais quais a sina renegada
dos céus curvos e estradas da vida do bandido,
só em seus braços de seda enfim recompensada.

O outro não provava o horizonte do corpo,
da luz da lua ao sol não raro pernoitado.
E perdido em ciúme, e varado de dor,
queria morto o amante e ser recompensado.

A luz do alto astral já não guiava as voltas
do intrépido e galante e bravo marginal.
Sabiam já seus olhos de outro olhar de revolta
que os tinha a perseguir — sabia do rival.

macário gavião nas grades da prisão

Perguntado sobre a morte
do corpo recém-encontrado,
Macário mostrou seu brio
de bandido marginal:
disse que força o sustinha
na luta por não morrer.
E da vida que arrastava
a mais culpada era a lei.

Preso — as pedras repisadas
das calçadas conheciam
aqueles passos tão cúmplices
das solidões repetidas.
Preso — cobriam as estrelas
seu andar meio felino,
olhos de fundas olheiras,
com a noite se confundindo.

Macário e sua desgraça
se despediam (a aventura
era vida que passava).
E dois olhos de loucura
se fecharam muitas noites
sem se espelharem nos seus.
Sem acordarem as fogueiras
na escuridão desse adeus.

macário gavião
narra este episódio

Depois de ouvir pela segunda vez
o canto-galo madrugada quase,
acordei minha noite de segredos
para o vento andarilho das estradas.

Me encostei ao punhal (mas não por medo,
que o medo não conhece a minha alma)
de encontrar o inimigo na certeza,
pois quando querem os dois, isso é fatal.

No rastro de uma estrela que deixava
o céu-nascente ao despontar da barra,
meus olhos desenharam o seu tamanho,

que para a escuridão se insinuava,
tendo à noite infinita e mais bizarra
partido, após haver provado a lâmina.

pesadelo atávico

Carrego a nostalgia das batalhas.
Ergo a memória aos ventos ancestrais.

E retornando o passo, piso o sangue
que escorre do meu peito tabajara.

Cravo a lança no sol e firo a noite,
grimpando o espaço desse exílio astral.

Acordo em desacordo e ouço o silêncio
que a noite estende sobre as terras duras.

Me desavenho e arranco do meu sono
o grito mudo de uma voz antiga.

soneto como una condena

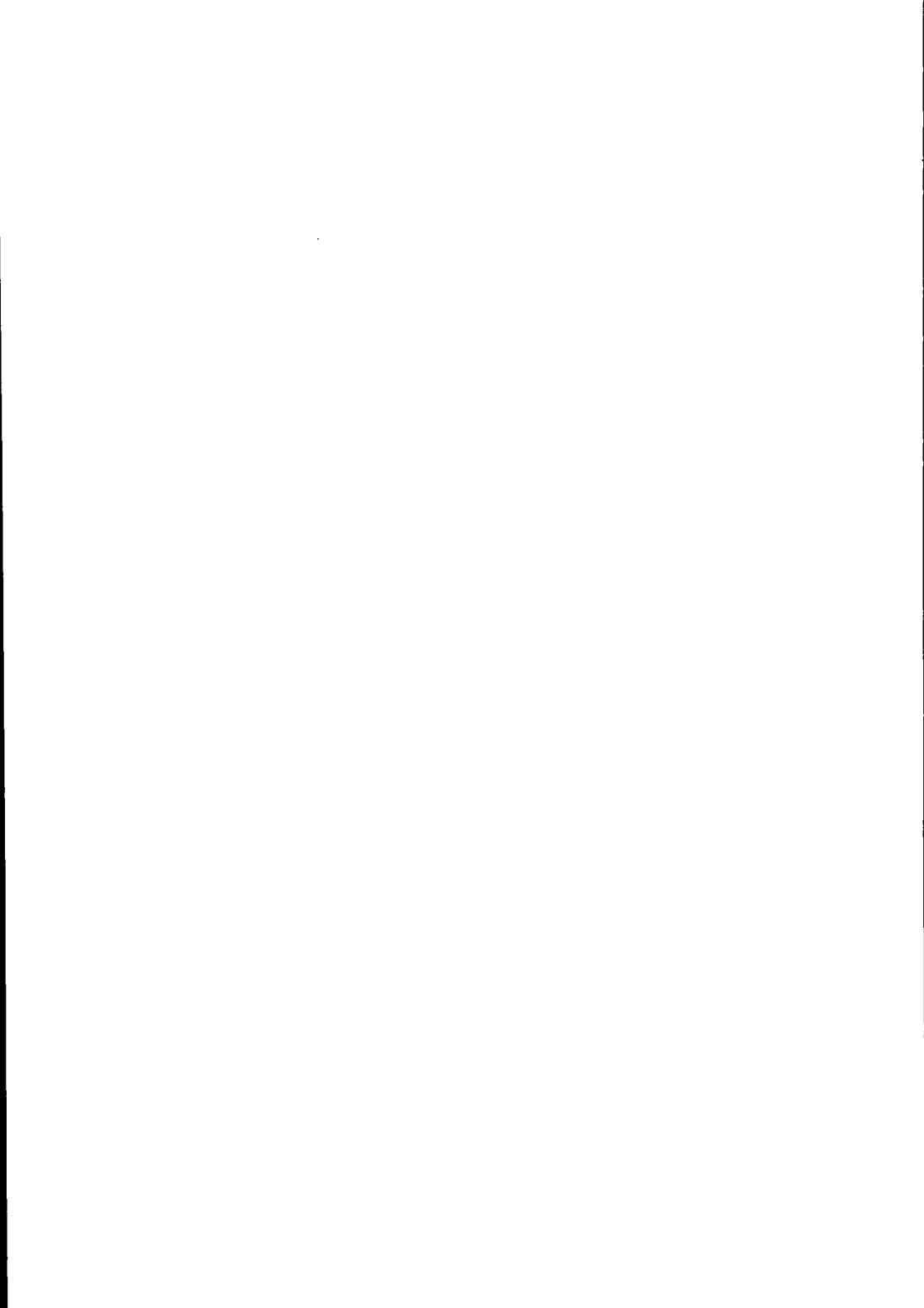
A Antonio Maura

Una noche poblada de recuerdos
los brazos de neón, grises y solos,
sostuvieron las luces del destierro
semiborradas por los aires rotos.

Los yacimientos de salitre hicieron
estanques de ceniza en los adobes.
Las manos de la yedra y del clavel
eran vientos cortados de sollozos.

Se escuchaban las voces arrastradas
de misterios antiguos y de miedos,
que hacían de silencio las palabras.

Una lluvia pasaba a lentos pies,
entretejiendo piedras con suas aguas,
en múltiple y patético ajedrez.

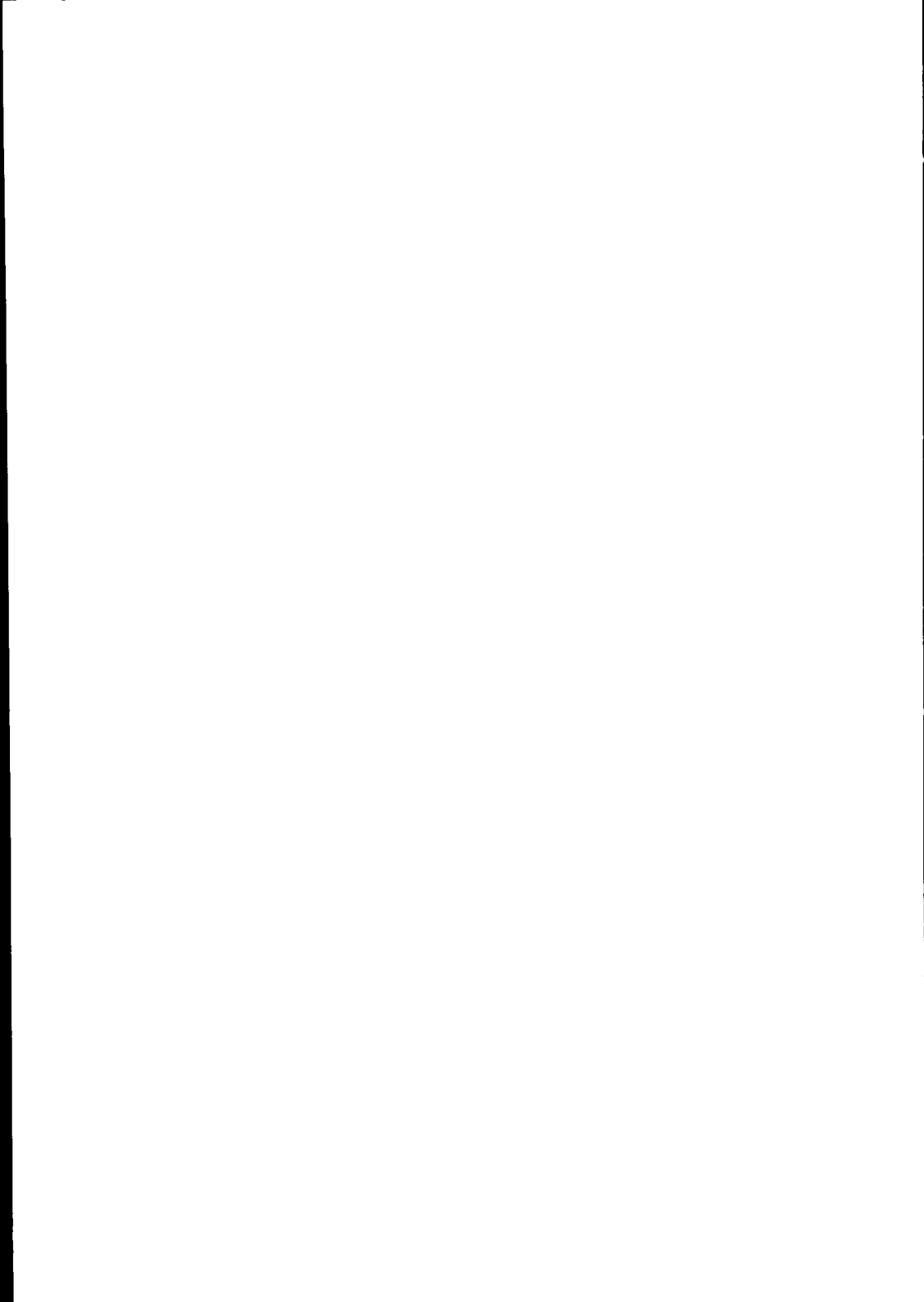


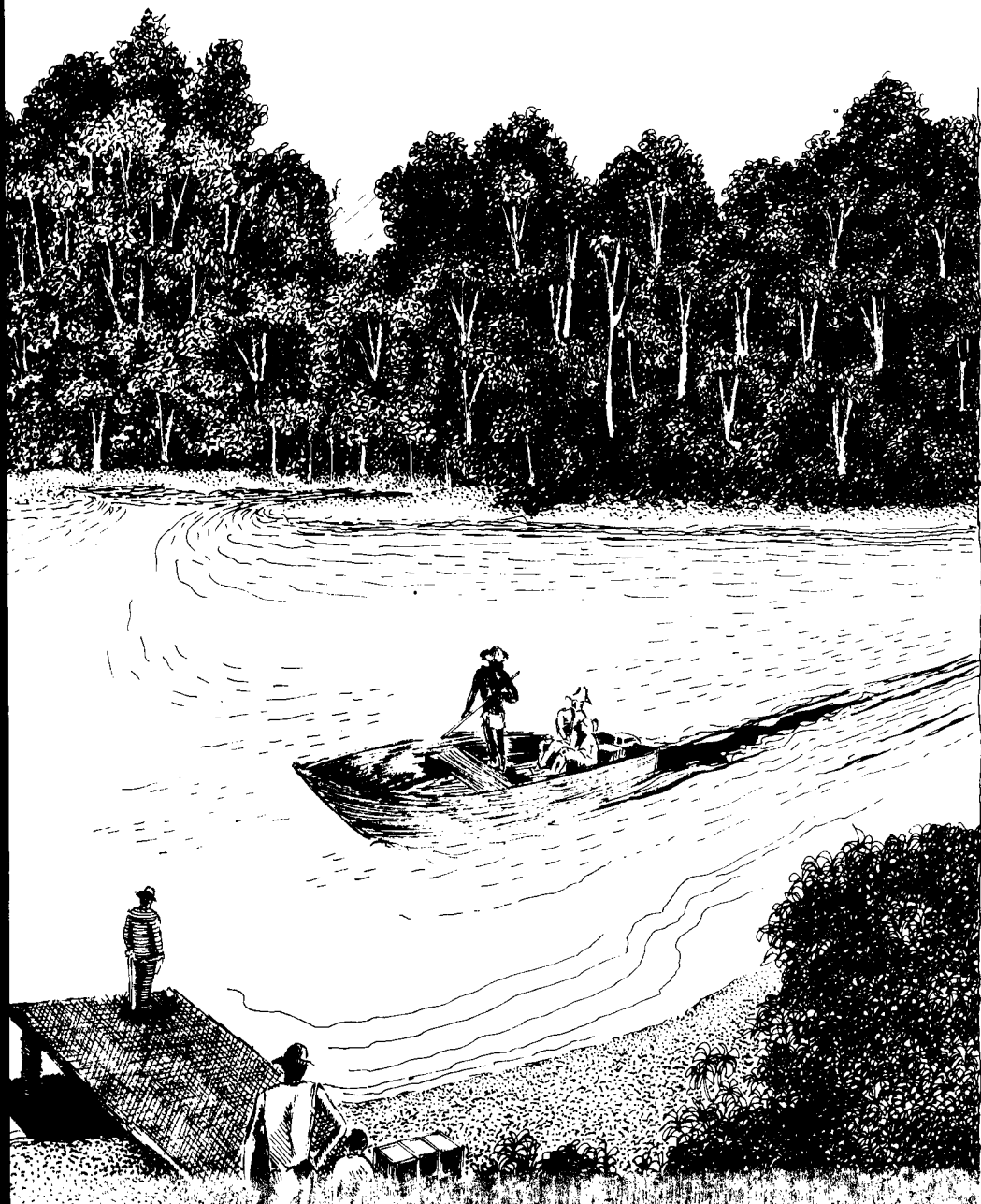
Aos irmãos Ednardo Ernani, Napoleão Filho,
Mônica Maria, Hortência Maria e Virgílio Maia

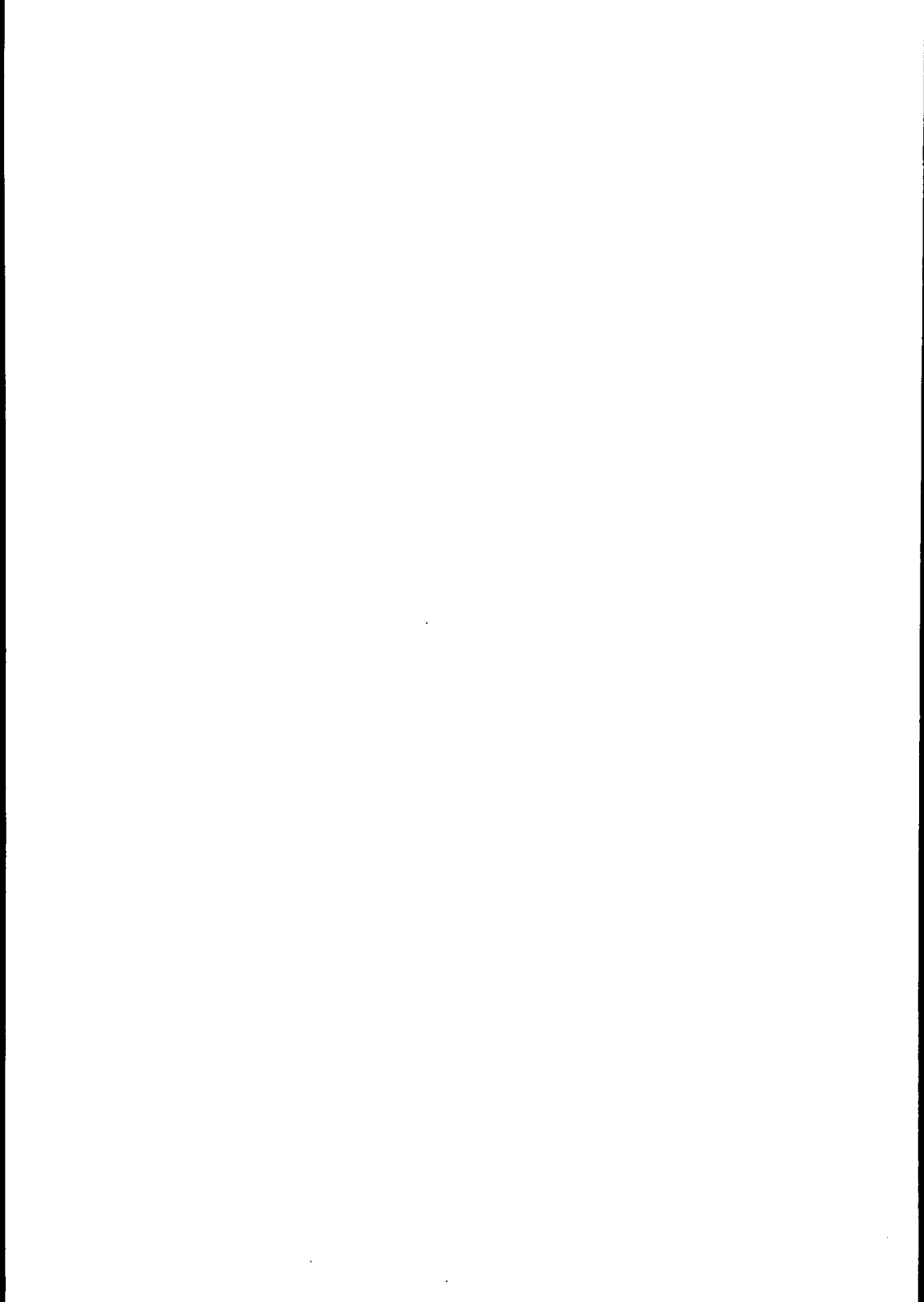
romanceiro
de terra e mar

Aqui continua a antiga fábula
desse afã transitório em céu duende.

Jorge de Lima







romance da praia de rosto hermoso

Trazia o tempo, a esse tempo,
menina colo de dalias.
Funduras do olhar, funduras
no corpo, no céu, nas águas.
Havia, sim, um rumor
de espuma alisando as algas.
As melodias marinhas
sobre as areias airadas.
Ia-se a noite inclinando
sobre a inquietude das vagas
e os restos da tarde ardiam
em labaredas aladas.

Numa janela de mar,
o mundo me oferecia,
num rosto de cor morena,
morena de maravilha.
Havia a insinuação
de que a noite acenderia
um brilho novo de lua
nos seios de Anamaria.

Trazia o tempo, a esse tempo,
menina corpo de abraços.
Olhar noturno de estrela
envolvendo os nossos passos.

— Mucuripe, Rosto Hermoso!
Onde está tua namorada?
Adivinhando paixões,
ouvindo a canção da praia?
Rosto Hermoso, Mucuripe!
Teu mar agora é saudade!

— Viraram pedra os seus olhos,
hoje é espuma a sua face!

romance dos sonhos de mariana

Mariana levou sonhos
à volta do Setestrela.
Pelas noites coloridas
de vento e murmúrio d'água,
ela banhou seu delírio
no encanto das madrugadas.

Mariana habitou a casa
onde pernoitava a lua
seu luminoso abandono.
Entre os instantes e as noites
sorveu os beijos e as luzes
que se acenderam nos gumes
penetrantes das estrelas.

Mariana murmurou
a paixão e o alubrimento.
E quando, enfim, fez-se tempo
de caminho, despedida,
distância, desfazimento,
ela guardou seu segredo
feliz, sem dor, sem apego,
em noites novas, erguidas
no fulgor do céu de estio.

romance do saltimbanco morto

Reparem que longa estrada
vão outra vez caminhando!
São cordas, lonas, mochilas,
por mil vezes remendando.
De partida ou de chegada,
sem mais nem onde nem quando.
Nem se lembram se gozaram
um dia, longe, um descanso.
Circo aqui, circo acolá,
vida de morte arrastando.

Vejam aquele palhaço!
Olhem seu transido corpo!
De nove luas se veste
para o festival mais louco.
Acende sete candeias
sobre o picadeiro morno,
salta sobre cinco bancos,
sobre três cordas de couro,
e cai, que coisa esquisita!
Em cima de um riso morto.

Uma noite de povoado,
eu o vi, rodopiando,
gritando, fazendo rir,
sobre tábuas se quebrando,
bebido de alguma lua
que já o vinha embriagando
de estrelas nos olhos baços,
astros sob os pés girando.

Num momento em que dançava
de um salto, num brusco arranco,
de medo, de dor, loucura,
se jogou, caiu a um canto.
Muitas vezes repetira
aquele gesto de espanto.
Mas fora, no entanto, a vez
derradeira, em que, saltando,
desprendera tal magia,
magia de saltimbanco.
Morreu rindo, repetia
a voz do circo, chorando.

romance da água noctâmbula

Entreguei-me àquela noite
às longas curvas do rio,
em busca de uma água nova
pra meus lábios de andarilho.
Astros pequenos na areia
brilhavam no chão de estio.
Fui como um bicho, rondando,
seguindo por nenhum trilho.
Escutei vozes da noite
soando em fundo arrepio.
Nos barrancos alvejados
por um clarão esquisito,
duas novilhas de cabra
eram cobertas no cio.
Lá longe, no ermo da mata,
se curvava o véu sombrio
que por cima dos seus olhos
deixava a noite em delírio.

A aurora só prometia
chegar depois de cumprido
caminho de quase-medo
que a noite havia escolhido
pra minha sede em viagem
em busca da alma do rio.
Só dei com água depois
de léguas de desvario.
Mas ganhei de novo forças
que tinha há dias perdido
e me banhei de saudade
depois de haver recolhido
daquele poço água pura
que tinha jamais bebido.
Sede de minha garganta
naufragou seu fogo esguio
quando mergulhei meu corpo
naquele poço tão frio.
E me senti remoçado
após haver imergido
na canção de água na areia
soando em claro estribilho
de um canto ainda noturno,
mas já de aurora tingido,
se entregando à cor nascente
do dia que vinha vindo.

E me encontrei nesse tempo
que separa o sol surgido
da lua que vai com o vento
pra um mundo desconhecido
como ignoto é o lugar
em que vai dar meu caminho.

romance do peregrino em meditação

Transido da claridade
do sol senhor do verão,
sol que não sabe a piedade,
nem conhece tradução,
caminho de quase-mundo
de vasta imaginação,
entrou no ermo profundo,
na possível vastidão
capaz de haver entre a vida
e a total solidão.

Nove dias de jejum,
oito de desolação,
sete vezes já tombara,
seis já vira aparição,
cinco vezes fraquejara,
quatro fugira a razão;
três noites não se deitara,
duas luas sem clarão.
Uma certeza vingara:
nada vale sobre o chão.

A não ser o ser, somente,
o *ontos* do coração,
a latejar, simplesmente
na grande consagração
do dia sempre nascente,
sem desejos, sem tensão.
Pois que nada é diferente
ou igual, na imensidão
do Todo, Uno, Imanente,
país da Meditação.

romance de rosaluz

Ai rosa, airosa, sorrindo.
Sol rindo, nu, arde em sal.
Mar de sal, clariluzindo,
água celeste cristal.
No fundo do pano infindo,
o sol, em seu vertical
horizonte, revestindo
o corpo do litoral.

Cores intensas e brilhos
do alvejado areal:
recifes, grossos ladrilhos
de bramante, água e coral.
Varam ventos andarilhos
os alvos gumes do sal.

Trespasada desses brilhos
por marítimo rosal,
uma deusa e seus dois filhos
um ao outro em tudo igual.
Em ágeis potros rosilhos,
fugiram pelo areal,
deixando atrás de seus trilhos
um fulgor horizontal
de crepitantes rastilhos
no corpo do litoral.

Mar de sol clariluzindo
água celeste cristal.

romance del pomo desnudo

Desnudó el pomo entero
a cuchillazos seguros
y miró por largo tiempo
la madurez del fruto.

No era tarde, tampoco
era temprano en la vida
de ese peón color turbio,
que estuvo ya cerca y lejos
del norte andino y en la pampa
y por vagas lejanías.

En largas tierras estuvo.
Y volvió a los caminos
alumbrados de la idea
y abandonados, inútiles.

Han sido sus brazos puestos
en sombra sobre senderos
tan agrios, de piedra piedra,
cruces de sudor y hierro.

El fruto, ya sin cubierta,
era la vida desnuda,
desnuda ilusión de ayer,
recalentada cosecha.
El pomo deshecho allí
despedazaba su aliento.

Y allá fuera, un sol de lanza
picoteaba en el suelo
las semillas de tiniebla
que fecundaron la noche
del campesino silencio.

romance do punhal incontido

Misterioso punhal:
em mãos esguias luzindo,
em certas mãos de artista,
brilho, fulgor e fascínio,
resplandescência incontida.
Mas às primitivas cores
que lhe deram estranha sina
tornava a estrela do gume,
se preso em mão assassina.

☆

Há tempos guardado e quedo,
alheio ao jogo e à porfia.
Ex-punhal, peça em desuso,
memória apenas, diria.
Anônimo, enferrujado,
memória apenas, relíquia.

☆

Tarde de vozes, comboio,
ciganos, quinquilharia.
Salta do escuro o punhal,
com João Malva se retira.
Caminho de algumas luas,
com Rafael tem guarida,
com o artista circense
que peregrina por vilas
(arremessando punhais),
aldeias e freguesias.

Tremenda insinuação
seu aço fino irradia,
rodopiando nos ares
como estrela fugidia,
ferindo os alvos dos alvos,
que punhal de maravilha!

☆

A noite trouxe em viagem
a namoradinha aflita,
amor secreto, voragem,
ai, Rosinha, a pretendida!
Paixão de medo e coragem,
ai, Rosinha, que desdita!
(Estrelas mortas no charco,
brisa de noite tão fria).

☆

O salto sobre o teu ombro,
Rafael, tu não te livras!
Tombo no espesso relvado,
punhal que longe se atira.
Retorna, no entanto, ao peito
em sobressalto, do artista,
o gume esquisito, opaco,
sangue: a lâmina tingida.

☆

Na cor da noite sem lua,
a cor da morte, escorrida
do aço pesado, escuro,
o fulgor que se extinguiu.
Tornava a estrela do gume
às suas cores primitivas.

romance do picadeiro vazio

Cantou cantigas diversas,
de versos fez mil em cantos.
Mas fechou suas janelas
ao brilhazul dos relâmpagos.
Deixou-se fugir por entre
chuvas e sóis e quebrantos
que os dias branquicinzentos
fizeram tombar aos cântaros.
E não encontrou a trovoada
nas cordas se violando.
Perdeu-se da namorada
com quem já sonhara tanto.
Não se queimou do feitiço
nem do perigo do encanto.
Guardou-se demais, depois
de parecer tanto quanto
de transvia pelo mundo
do desuso e do abandono.
Hoje assiste aos espetáculos
mambembes dos saltimbancos,
mas já de tudo exilado,
longe do riso e do pranto.

romance de limoeiro do norte

§ Antigas veredas trazem,
mais que as estradas modernas,
os recônditos recantos
onde se ocultam das eras
vozes mais do que ancestrais
destas peregrinas terras.

A memória em
murmúrio do tempo

§ Muitas luas, certamente,
clarearam estes infindos
carnaubais, primeva gente
terá cantado os mais lindos
cantos de chuva e semente
dos Paiaacus, nossos índios.

Os nossos
índios

§ Nomes ancestrais, lugares
que se vão hoje tornando
preteridos, deslembados,
fora do onde e do quando,
mas que albergam a alma
do passado venerando.

Os sítios
mais remotos

§ Lagoa do Pau do Monte,
o Saquinho, Mulungu,
velho poço do Quixaba,
Gangorra, Sapé, Ipu,
Bom Jesus, Espinho, Barra,
o Maçarico, o Teú.

O batismo
ancestral

§ Meu avô, pai do meu pai,
sisudo, longo, forte,
é vindo de onde se vai
o tempo buscar o aporte
da saga de que se extrai
a de Limoeiro do Norte.

**A origem
dos primevos**

§ Padim Lopes nos dizia,
de memória ou recriados,
antigos versos que ouvira
do tempo há muito acabado,
pois, se sabe, era nascido
em pleno século passado.

**Antônio Lopes
da Costa Maia
(1886 – 1981)**

§ Tibúrcio vinha a cavalo.
dizer poemas nas feiras.
Versos maneiros, pesados,
glosas lentas e ligeiras,
histórias de barbatões
que havia nessas ribeiras.

**Tibúrcio Lopes
de Assis
(1891 – 1969)**

§ Pergentino repassava
dramas, novelas-de-conde,
que a sua longa memória
trazia de onde se esconde
o que pouca gente sabe
de quem, de quando, de onde.

**Francisco Pergentino
Mendes Guerreiro
(1884 – 1972)**

§ Rincão das agrestes grotas
da Caatinga do Estreito,
onde até mirrados córregos
possuem nome, em respeito
às alvas pedras que choram
as águas sobre o seu leito.

**Entre o Banabuiú
e o Jaguaribe**

§ Jucá, da Barreira Alta,
Fato, Goroba, Feijão,
da Macambira Queimada,
Marizeirinha (à outra mão),
Córrego Grande, enxurrada
dentro do meu coração.

Os córregos
da infância

§ O cercado, o passadiço,
a cerca de costaneira,
o poço fundo do rio,
o pacotê, a aroeira,
o pega-boi na corrida
entre sol, lama e poeira.

Entre a várzea
e a caatinga

§ Estórias de Joaquim Firme
no alpendre, à lua cheia.
O meu cavalo de talo
riscando a face da areia.
Minha boiada de osso
que a memória campeia.

O galope da
lembrança

§ A sombra do Juazeiro,
o cheiro de chuva nova,
o refrescor do aguaceiro,
Suíca, Gaúcho e Caroba:
os cataventos ronceiros
entre os pés de manjerioba.

O quintal
dos cataventos

§ Canteiros de cheiro verde
mastruço, cebola e alho.
Uma velha goiabeira,
amanhecida de orvalho
e o ninho da ave ligeira
nas altas ramas do galho.

Os ninhos e
canteiros

§ Curtas viagens aos ventos
aracatis, pedalando,
ao rumor dos cataventos
ao vento se desmanchando,
jogando água aos rebentos
das covas, de quando em quando.

A estrada
do Saquinho

§ No fundo dessa lembrança,
a seca em cinqüenta-e-oito.
O sol de então ainda alcança
um vulto, menino afoito
em pastorador. Criança,
da memória o vento açoito.

A seca
de 1958

§ Cidade em vestido branco,
de igrejas e de capelas.
O Seminário, tamanho,
com as cerradas janelas.
E os meninos de antanho
com batinas nas canelas.

O seminário,
como o via.

§ A Escola, o Patronato,
o menino suburbano
ano inteiro a pedalar;
no trajeto, firme plano:
em Latim ser aprovado
no Ginásio Diocesano.

As escolas.
O latim do
Pe. Pitombeira

§ O velho Grupo Escolar,
acolhendo a infância pobre.
A tarde colegial
que de poeira se cobre,
fora do tempo da chuva,
quando a água a rua encobre.

O grupo escolar,
na mesma rua.

§ A rua, a noite-de-festa,
bolo de milho com ovo,
cocada, broa, foga,
o surdo rumor do povo,
o foguetório insistente
no Natal e no Ano Novo.

A Noite-de-
Festa

§ Cidade do meu primeiro
romance, das redivivas
histórias de manso enredo,
das namoradas cativas,
dos meus amores mais cedo,
saudades definitivas.

Os primeiros
amores

§ Escuta, meu Limoeiro:
quisera dar-te algo mais
que este romance ligeiro
de colorido fugaz.
Porém nele vai, inteiro,
o meu tempo de rapaz.

O tempo
em doação

§ Memórias de Limoeiro,
sombra fresca dos quintais.
Lua acesa no terreiro
e em mim, menino-rapaz.
Romance ingênuo, primeiro,
mas que não se acaba mais.

Romance sem
ponto final

§ Passeia a minha lembrança
pelas vias carroçais,
de bicicleta, em criança,
nas ilusões do jamais.
Tudo é exílio e distância
daqueles teus areais . . .

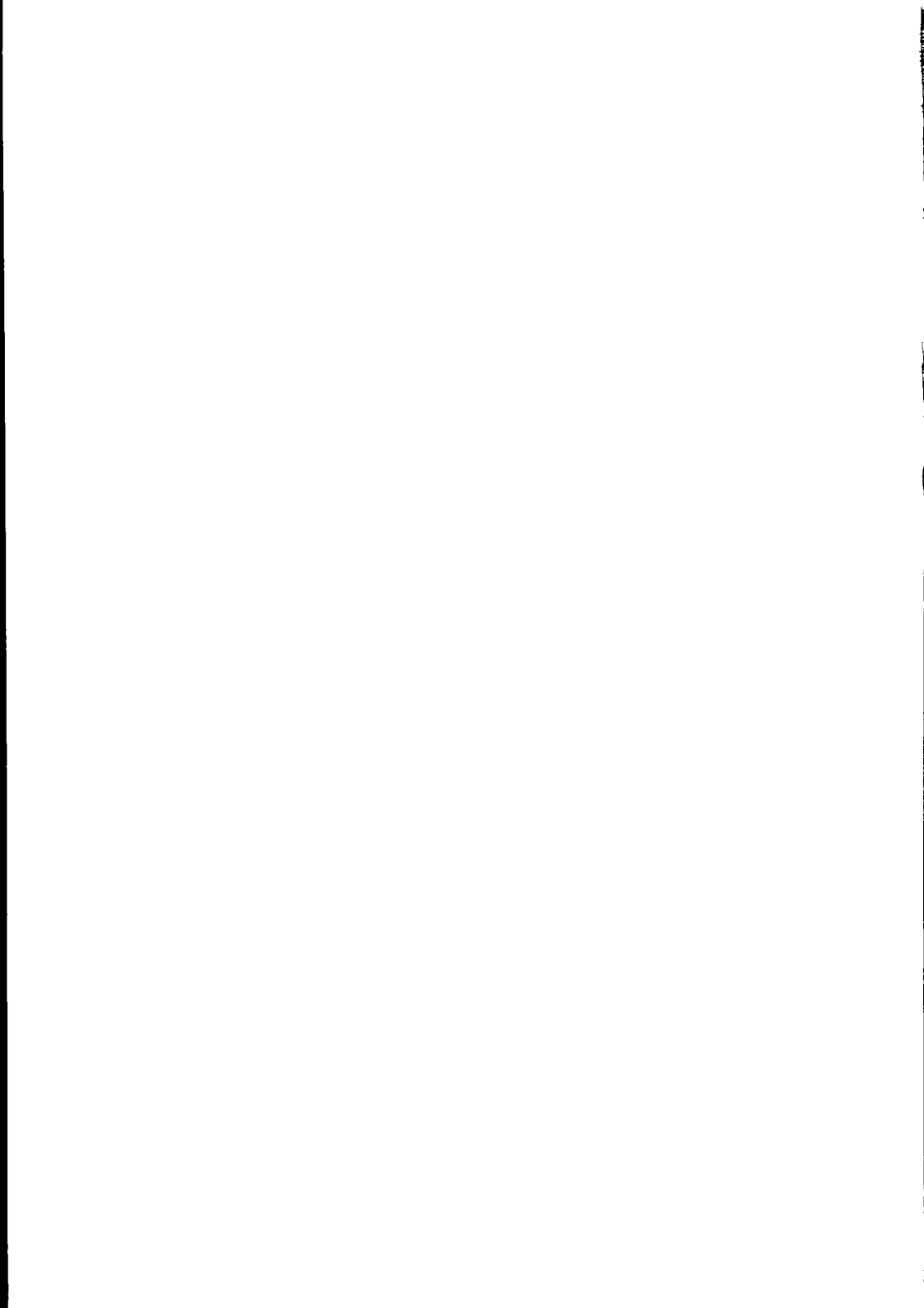
Exílio

A Aníbal Bonavides, in memoriam
A Luciano Barreira
A Osvaldo Evandro Carneiro Martins

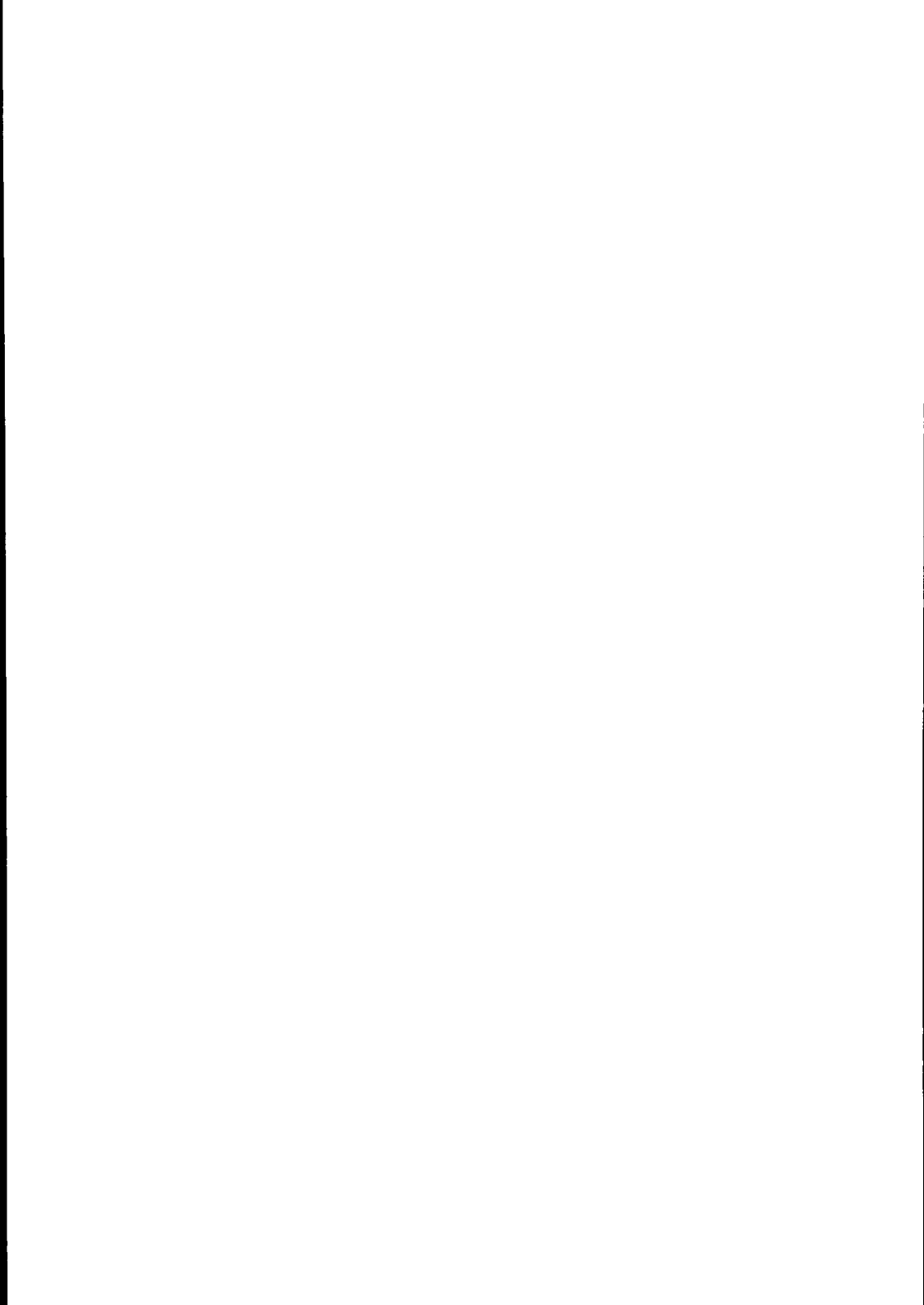
síndrome camponesa

Nuestro pie, duro y ancho,
aplata el polvo en los caminos abandonados
y estrechos para nuestras filas.
Sabemos donde nacen las aguas;
y las amamos porque empujaron nuestras
canoas bajo los cielos rojos.

Nicolás Guillén







1. a alma

Como ave de tarde-pluma
de canto longe e cortante,
a alma do retirante
é bóia-boiada-espuma:
parte para parte alguma
e regressa para o nada.
Do tempo-verde só guarda
da esperança uma palma,
contrita no chão da alma
tão ida embora e tão tarda.

Sopro exalado da boca
do forno da solidão,
das brisas que vêm e vão
retém a linguagem rouca.
No hálito da aragem pouca
é ronco surdo de entranhas,
vogal das fomes tamanhas
suportadas na energia
do sempre-adiado dia
das colheitas jamais ganhas.

2. o corpo

Grossos riachos de rugas
estendidos pelo corpo
regam neblina e suor
e desaguam em mar vazio.
Na hidrografia da pele
enrijecida no tempo,
um gosto de sal e pedra,
contido o incerto passo
no longo e duro cansaço
da semente que não medra.

Anatomia sem rimas,
corpo-poema de dor,
os braços seguram as mãos
vazadas de solassóis,
onde os músculos se fendem
qual um terreno erodido.
Mas as erosões do corpo
das da terra são diversas:
dor e secura dos rins.
peso e cansaço das pernas.

3. o plantio

r Semente é força bendita,
é canto de terra, é grão
semeado em precisão
que bota sentido à vida.
É numa emoção transida
que o braço à terra se estende
em postura reverente
para o rito do plantio,
quando a chuvada de abril
lava o sonho da semente.

As mãos deixam que na cova
caiam os grãos que algum dia
terão de ser a alegria
nascida em colheita nova.
Esperança que renova
o sorriso camponês
nas tardes mansas do mês
aberto sobre o baixio,
que com certeza é abril
das águas melhor freguês.

4. a estiagem

Chão poído no rastro da vazante,
no roçado somente sol-poeira,
abandono na antiga capoeira
e o sem-rumo da alma retirante.
Preso o olhar num céu vago e distante,
sem que uma nuvem só seja presença
ao alcance da vista e sem que vença
a precisão de água a muita sede,
sendo o trapo no ferro da parede
de um sono sem sonho uma sentença.

Os braços ressequidos da umburana
se retesam ao sol do meio-dia;
à noite, quando a terra enfim esfria,
não recobram a pose soberana.
Somente quando nova chuva engana
o solo nordestino, a flor de cheiro
abre de novo as cores do outeiro
numa ilusão singela e renovada,
para outra vez o sino-vóz da enxada
ser sonho de legumes no terreiro.

5. a cheia

A cheia encheu de tédio toda a várzea,
cobriu-se o céu de nuvens e centelhas,
os pingos d'água martelaram as telhas
por mais de muitos dias lá de casa.
E a chuva pousou pesada asa
de inundação por sobre o vale todo.
Um só dia de sol foi só engodo
de novos aguaceiros e enxurradas,
se calaram as vozes assombradas
a ver subir o verde de água-lodo.

Um rio que deixou as suas águas
secarem tanto tempo e irem embora,
ser ironicamente um rio agora
deslebrado do sol de ardentes fráguas;
e hoje, da enchente ser as mágoas
que alagam a vida já tão-só-sofrer,
a humilde lavoura recolher
antes de pendoado o milho e antes
de ser colheita a roça das vazantes,
que ironia enorme de se ver . . .

6. a enxada

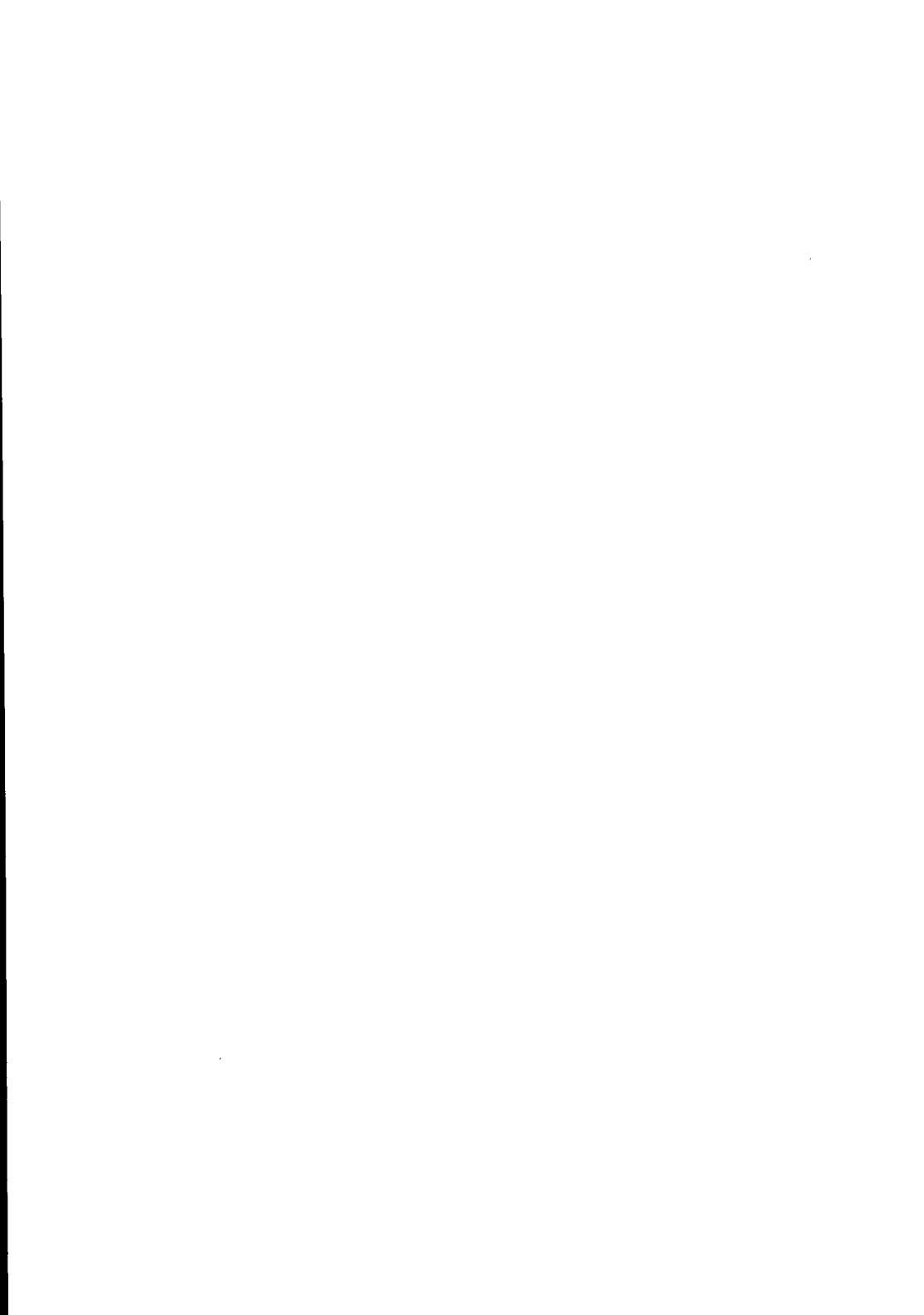
No metal que revolve a terra em flor,
na madeira do cabo, onde descansa
a força do plantio e na tãõ mansa
pousada mão de calo e de suor,
a alma camponesa reinventou
a energia fecunda da semente,
e lavra em terra alheia, mas presente
à sina da lavoura amealhada
pelo gume afiado de uma enxada
desde o quebrar-da-barrã ao sol-poente.

De encontro à pedra acesa da colina
e ao encontro da terra do baixio,
a enxada se presta, no plantio,
à missão de na terra nordestina
ser companheira eterna e peregrina
dos rastros camponeses, seja inverno,
ou verão seja de um calor eterno,
quando a água só resta na lembrança;
a pretérita enxada é a herança
de um céu de chuva ausente desse inferno.

7. a colheita

O sonho da colheita é o deslebrado
filho da terra-mãe de sofrimento,
que recebe do inverno suarento
o que não supre o chão esturricado.
Pois o difícil fruto, tão sonhado,
se reparte de forma desigual
com quem planta e com o dono do quintal,
nem conheça este embora a precisão
que experimenta a boca e prende a mão
do deserdado plantador braçal.

Acordado de um sono tresnoitado
de sol e lua acesos no seu rosto,
resta-lhe amargar novo desgosto:
o do fruto colhido e não provado.
Da colheita, o discreto resultado
é conta bem difícil de fazer:
do insano trabalho que tiver,
terá de conformar-se com uma paga
de mais suor, que as rugas sempre alaga,
mas não rega a lavoura do viver.



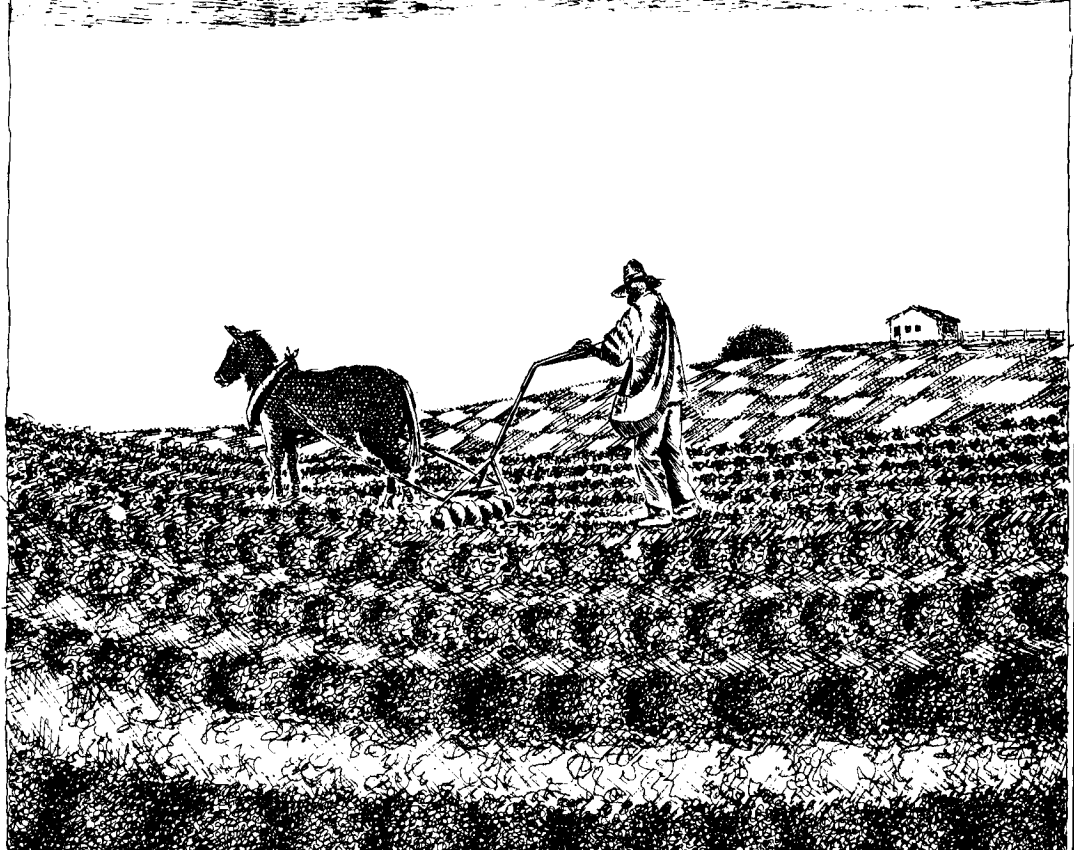
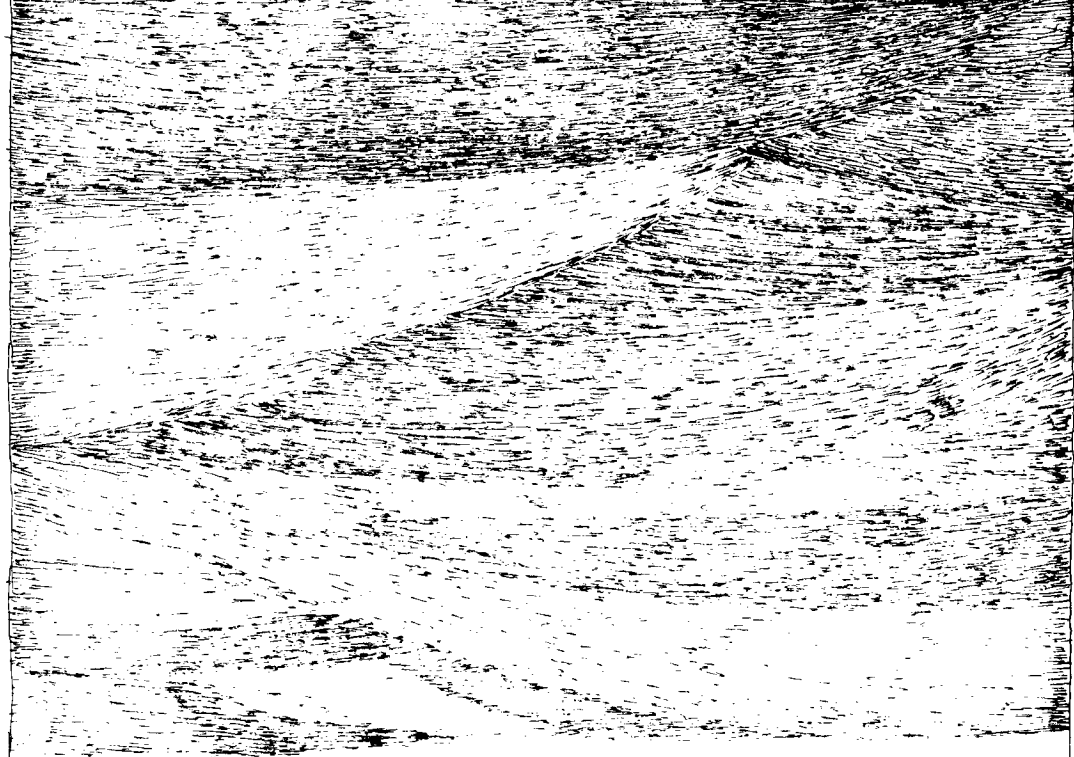
† A Airton Monte
A Carlos Augusto Viana
† A Rogaciano Leite Filho

sol de espavento

O espavento interrogava
ao velho cego
se o meu povo terá um amanhã.

Salvador Espriu







soneto de espavento I

Cinza das folhas exiladas. Sol
na fuga incendiada da neblina.
Patética postura na precoce
velhice dos arbustos da caatinga.

Espanto nas pegadas do que foge
da fornalha do dia de fadiga,
medindo a pedra acesa, que lhe tolhe
outro trajeto, que sequer prefira.

Caminhos vãos na deserção do tempo.
O termômetro é a própria latitude,
na água morna ao hálito do vento.

Tudo a mostrar a humana finitude
do espaço-vida, atônito, efêmero,
sem que o espaço-tempo nada mude.

um velho ara uma colina

O fogo assíduo do verão
e a água que chora a chuva fina
o testemunho sempre dão:
um velho ara uma colina.

Se vai a estrela derradeira
e nova luz grimpa os espaços.
A mão do sol pousa vermelha
sobre os terrenos orvalhados.

Desse provectoro lavrador,
são muitos anos na retina.
Além do tempo e sua dor,
um velho ara uma colina

A esperança amanhecida
renova as flores nos outeiros
e dessa faina repetida
fez-se o labor de anos inteiros.

Estradas vêm, caminhos vão,
e a mesma terra ele capina.
Sem jamais ter deixado o chão,
um velho ara uma colina.

| E com o grão ele se funde
em tempo e cor e madureza.
| Não que a terra já lhe inunde
o corpo. A alma, com certeza.

| E assim antigo e assim de tempo,
é o seu cultivo a sua sina.
| Mãos de neblina, olhos de vento,
um velho ara uma colina.

canto da flor - semente

**Mas há sempre uma candeia
dentro da própria desgraça;
há sempre alguém que semeia
canções no vento que passa.**

Manuel Alegre

Uma rosa maior que a de Hiroxima,
mais lúcida e mais serena que a dos ventos.
A rosa do martírio e da canção,
Rosa que nasce do país do sonho
e que perfuma o sonho do país,
curvando nas manhãs de sol e brisa.
A rosa (flor do povo) sangue e tempo.

Subterrânea palavra — manancial
fecundo e inesgotável, flor-trincheira
de onde lança o poeta o desafio:

— O muro vai cair:
em vez do muro,
vamos erguer a Rosa dos Eventos.

Uma flor tão sutil, tão promissora,
pergunta audaz, semente solidária,
a crescer de ternura apunhalada
no universo do lodo, ermo e remoto.
Uma flor que, medrando sobre a pedra,
logra erguer sua haste contra o limo
e ao sol cantar seu canto rebelado
de votiva harmonia (flor-canção).
Uma flor que descobre dos subúrbios
os sons de curvas notas de realejos,
que ainda tocam os ouvidos vespertinos
de um brasil a buscar se redimir
na flor do vento

livre e emancipado.

O homem que se cansa do cansaço
e se lança ao combate, em mais se torna.
É a flor que brotando insubmissa
ao pé do muro erguido de soberba,
fende a argamassa em pedra obstruída
e sobe à luz da cósmica energia.

O homem que se faz ao vento errante
e colhe a brisa perpassada, preenhe
de remotos querereres, de futuros
anseios, que se erigem contra o muro,
na fímbria do infinito, na palavra
da construção mais forte, sem paredes.

soneto de espavento II

Da derradeira asa, dessagrada
na exaltação febril do desatino
à livre e insinuante revoada
nas sendas de um espaço peregrino.

Desde a (a)penas canção engaiolada
ao chilrear sonoro matutino
da voz da rama verde e neblinada,
do outrora paraíso campestrino:

Os ares que se encheram do vazio,
as folhas que esqueceram a antiga cor,
a água sepultada sob o rio.

Mas um sol de espavento vingador
dos dias exilados, fende o frio
aço dos gumes que se opõem à flor.

bens

(ouvido de um ribeirinho
do Baixo Jaguaribe)



Duas vacas morenas com bezerros,
um novilho trigueiro, quase liso,
três ovelhas cinzentas, dois borregos,
um carneiro chifrudo e muito arisco
e três marrãs chegadas ontem cedo
da criação de Zé de Antônio Francisco.

E estes insuportáveis no terreiro:
três cabrinhas malhadas com cabritos
e um bode escandaloso com o seu cheiro,
a que tenho de expor nariz e ouvidos.

É este o gado que eu ainda tenho,
nestes trinta hectares que eu herdei
com esta casa de alpendre de cimento,
onde as glosas contigo eu já cantei,
tendo atrás do quintal o catavento,
com os limões e laranjas que eu plantei.

Mais o canteiro de cebola e coentro
e enfim estes dez pés de bananeiras,
a bicicleta, mais o meu jumento,
para ir à cidade ver as feiras.

soneto de espavento III

O gramíneo mistério fecundara
a semente, na chuva que se fora.
A ansiada lavoura já deixara
de ser alegoria ou (ser) metáfora.

Sobre os olhos do grão que germinara
a custo (flor de pedra), cegadora
luz, que o rebento ao fogo arremessara,
ante o atônito olhar que já não chora.

Sem escutar da água a canção rara,
que na sazão da lavra se demora,
campesino silêncio se instalara
no seu rosto e no resto que há da flora.

Espavento estampado em sua cara,
em frente ao sol, verdugo da seara.

retinas ancestrais

Os olhos ancestrais nos conformaram
ao silêncio da pedra. Tão remoto!
As paisagens austeras, sobraçadas
pelo fulgor da luz ensandecida.

Apareceram deuses sanguinários
que nos vazaram os olhos assombrados.
O Sol se espedaçou. Nossa surpresa
fez-se memória muda e atormentada.

Nossos olhos em tudo refletindo
o antigo e taciturno e surdo brilho
de flautas sonoras e tambores,
retumbando na aurora amordaçada.

(Temos agora os olhos sepultados
sob a terra sem luz de longa noite.)

Mas guarda o nosso olhar as águas fundas
que hão de alagar a sede das pupilas.
Um rio novo banhará os olhos
de todos. Lavará nossas retinas.

soneto do touro paramón

Os chifres desenhando o dia ainda
no horizonte violeta dos currais,
ou apartando espinhos na caatinga,
sobre os campos de seixos e areais.

O urro amordaçando a tarde finda
e o chão escavacando, no sinal
que a hegemonia do rebanho brinda,
frente à esquivança arisca do rival.

Despetalando a rosa azul dos ventos
na larga testa e a cruz do cabelouro
fustigando os mourões já pardacentos.

Nos cascos, o frescor dos nascedouros,
olhos profundos, ágeis e cinzentos,
e o ar soberbo e bélico dos touros.



sol de espavento I

Replanto sobre as palavras
o antigo furor do dia,
apertado na garganta,
atravessado na viga
do telhado suburbano,
sem consolo ou faz-de-conta.

Estas frases rebeladas
incendeiam a cor do vento
no fogo aceso do dia
da nova luz deste tempo.

Acendo nestas palavras
a chama da rebeldia.
Não a que foge ou espanta,
a que adula ou intriga,
mas o fogo soberano
que dá o troco da conta.

Estas palavras marcadas
são sob o signo do vento
que vai acordar o dia
para o sol do novo tempo.

Empunho nestas palavras
a arma que me auxilia
a lutar contra o que planta
semente da erva inimiga
do crescimento do plano
de que nós fazemos conta.

A força destas palavras
floresce do entendimento
de que nada evita o dia
que vem aceso no tempo.

sol de espavento II

Não é a lua:
 é a luz do sol
 contida
na alva face
 do mágico
 satélite
A luz anterior
 que se reflete
quando é noite,
 em regresso
 de onde é dia.



sol de espavento III

Que outro sol me outorgará no tempo
a queima dos resquícios dessas noites?

Que outro sol me ofertará caminhos
à dor, já consentida de viver?

Que outra luz me bastará aos olhos,
para me crer desperto e sonhador?

☆

Quem se atreve a apagar essas fogueiras
que crepitam no peito da manhã?

a solidão da pedra

Essas pedras pernoitam em solidão
o seu sono pesado de mil sóis.
Abandonam-se ao leito da caatinga
e sonham dias mais do que ancestrais.

Não merecem distância dessas vidas,
que se furtaram ao fogo da chapada
e se foram iludir, longe das grotas
que abrigam dínamos de energia estranha.

Mas as noites acendem um tal silêncio
nas madrugadas-luas mais remotas,
que parecem as pedras resignadas
serem saudade só, e não rancor.

Essas pedras abrigam o tempantigo,
recruzado de tantos solassóis.
Essas pedras preservam mil segredos
(seu silêncio e tão denso: é inquebrável)
de histórias sem história e sem enredo.

Essas pedras repousam na energia
desprendida de balde no sem-tempo,
mas que transcende o espaço em que vingou
a mineral e sóbria solidão.



recanto do grão

Nesta terra haveremos de ficar.
Desta terra haveremos que restar.
Nossos bisavôs não morreram em nosso sonho
de encontrar os caminhos de volta.
Ainda que seja deserto, haverá de se adubar
com nosso sangue e nossas lágrimas
o áspero solo desta esquina do Brasil.

Nascemos na encruzilhada do tempo e do caminho.
Refazer a estrada de regresso à manhã das águas
ou seguir a solidão do desterro, exílio de promessas.
O grão que rebentou o mistério do pretérito lavradio
reventará por certo o segredo que virá
desvendar o sonho de colheita geral.

Nesta terra, esquina do Brasil,
sonhamos de olhos abertos,
permitimos que as noites nos levem
ao repouso abalado dos ermos caminhos.
Aqui não deixaremos que nos arranquem os ossos
replantados nesta terra
que permite uma floração de esperança.

Sonhamos sem dormir,
pois nos feixes dos ventos trazidos
nos braços da noite, vamos alimentando
as fogueiras das searas vindouras
na curva da vereda em que nos descobrimos
para ficar, para ficar,
para ficar no chão
como grãos maduros que haverão
de ser prenúncio de colheita geral.

soneto da
marrã extraviada

O sol reparte a cor da tarde acesa
sobre a folhagem que morreu à míngua.
Uma marrã de ovelha bale, presa
aos garranchos revoltos da restinga.

Dos cumarus, emigram labaredas,
nas cascas eriçadas pela brisa.
E as espectrais e lúgubres veredas
pé algum de extravio já não pisa.

Pelas ermas e mudas cercanias,
a súplica somente, rouca e vã,
que ouvido não escuta; após três dias,

a tristeza da estrela da manhã,
antes do sol do abutre, denuncia
a malsinada sorte da marrã.

evocação

1. *Cavalo de Talo*

Que tremendo cavaleiro
galopa no seu cavalo!
Trespasa o vento ligeiro
esse fogoso centauro.

– *Eia, senhor do terreiro!*
– *Eia, cavalo de talo!*

Visão de campo e tropel
sobre o chão de mato ralo.
Vesperais trotes ao léu,
eu *dias* sem intervalo.

Eia, campeão corcel!
– *Eia, cavalo de talo!*

Resta do tempo corrido
o desejo de invocá-lo,
correndo o instante perdido
na lembrança em que me embalo.

– *Adeus, menino evadido!*
– *Adeus, cavalo de talo!*

2. *Arraia Amarela*

No fundo coração da tarde
uma borboleta amarela, arraia,
saracoteia,
 titubeia
e descreve o langor da alegria triste
 de setembro
Águas submersas nos valados sem flores,
 infância em memória
 na rua forasteira.
No transparente coração da tarde
habitada pelas vozes e
 pernas ariscas
 da infância agora,
uma solitária arraia amarela
 – borboleta triste –
evolui no azul calado do subúrbio.
Memória do espaço além-tempo.
Quintais pobres cheios de vozes e
 pernas ariscas.
Podia ser setembro.

3. *Jogo de Bila*

As sombras dos ficus abrigam
as cores bizarras das calças curtas
e os bolsos profundos se estiram
ao chão,

abarroados de bilas.
Cores múltiplas, recém-descobertas
pelo olhar ingênuo da vila pobre.

(No alto, no alto,
as estrelas pequenas
embalam um sonho.)

O jogo de bila: estou de primeira,
segunda e
matança.

Ninguém quer morrer
de boche.

Os ecos do tilintar das bilas
nos meus sentidos. Foi ontem. Não.
Faz tempo.

(No alto, no alto,
as estrelas escondidas
embalam um sonho.)

4. *Vaca de Osso*

A um meninozinho de Tauá

A minha vaca era Prenda
e o meu cavalo Colosso.
Também tive uma fazenda
cheia de gado de osso.

— Meu boi se chama Azulão,
meu cavalo Canarinho.
Eu tenho a minha fazenda
riscada sobre o ladrilho.

Seu moço, veja o meu gado
parado sobre o tijolo.
Está com sede e com fome
a minha vaca de osso.

Meu pai, meu pai foi-se embora,
ninguém sabe aonde foi ele.
Minha mãe ficou viúva,
deitada naquela rede.

Seu moço, veja o meu gado
parado sobre o tijolo.
Mas não mangue de mim, não,
porque eu gosto do meu touro.

Meu irmãozinho de agora,
de ontem, de evocação,
abrigue a minha revolta
dentro do seu coração

Guarde as vaquinhas de osso
que eu tive um dia também.
Vamos crescer nossa força
num dia que um dia vem.

manhã entardecida

É pelo repartir deste fim-tarde
preenhe de vozes, sombras em regresso,
que vai meu canto em vento entardecido
unir-se ao cantantigo das manhãs
testemunhas de olvidos e distâncias.

No ar, rumor de sonhos. Voz é vento
que baila na alameda ensombrecida
das almas-pássaros (asas voadeiras)
levando os sonhos para além dos sons.

E mais além dos sonhos deslembrados,
outras vidas se esquecem, sem consolo,
repartidas no tempo dos caminhos,
apagando esses rastros emigrantes
dos dias na memória envelhecidos.

aindagora, o jaguaribe

A Mariano Freitas

De novo encanto a tua voz murmura.
Tua canção desliza na planura
destas várzeas, em leito remansoso,
sobre onde flui teu verbo sonoro.
Que sílaba veloz corta esses ares!
Caem nuvens em ti e seus cantares
vão repetindo os ecos desse pranto
do horizonte de abril, líquido encanto.

Por estes tempos, em que reinauguras,
com as águas regressadas das escuras
fontes celestes, teu sedento vale,
fazes cantar o grão e que se cale
a falácia de intrusos de rapina,
a quem de muito serve a nordestina
carência de água e pão e a quem Poder
mistura-se à esmola e ao não-chover.

Perseguindo veredas primordiais,
que albergam as memórias germinais
do tabajara, nosso ancestral irmão,
vieste vindo, ó rio, sobre o chão
que bem relembra, que melhor estimas.
As torrentes, cantando, trazem rimas
em teu leito espumoso, amado rio,
reconstruindo o tempo do plantio.

Vejo-te, então, soberbo, deslumbrante,
colorindo a paisagem itinerante
entre as várzeas cinzentas, uma a uma,
com as cores que vêm da cor da espuma.
Tocando o ventre úmido da terra,
fazes vibrar, na flor que se descerra
à luz do céu noturno, uma harmonia
que reverbera ao vir do novo dia.

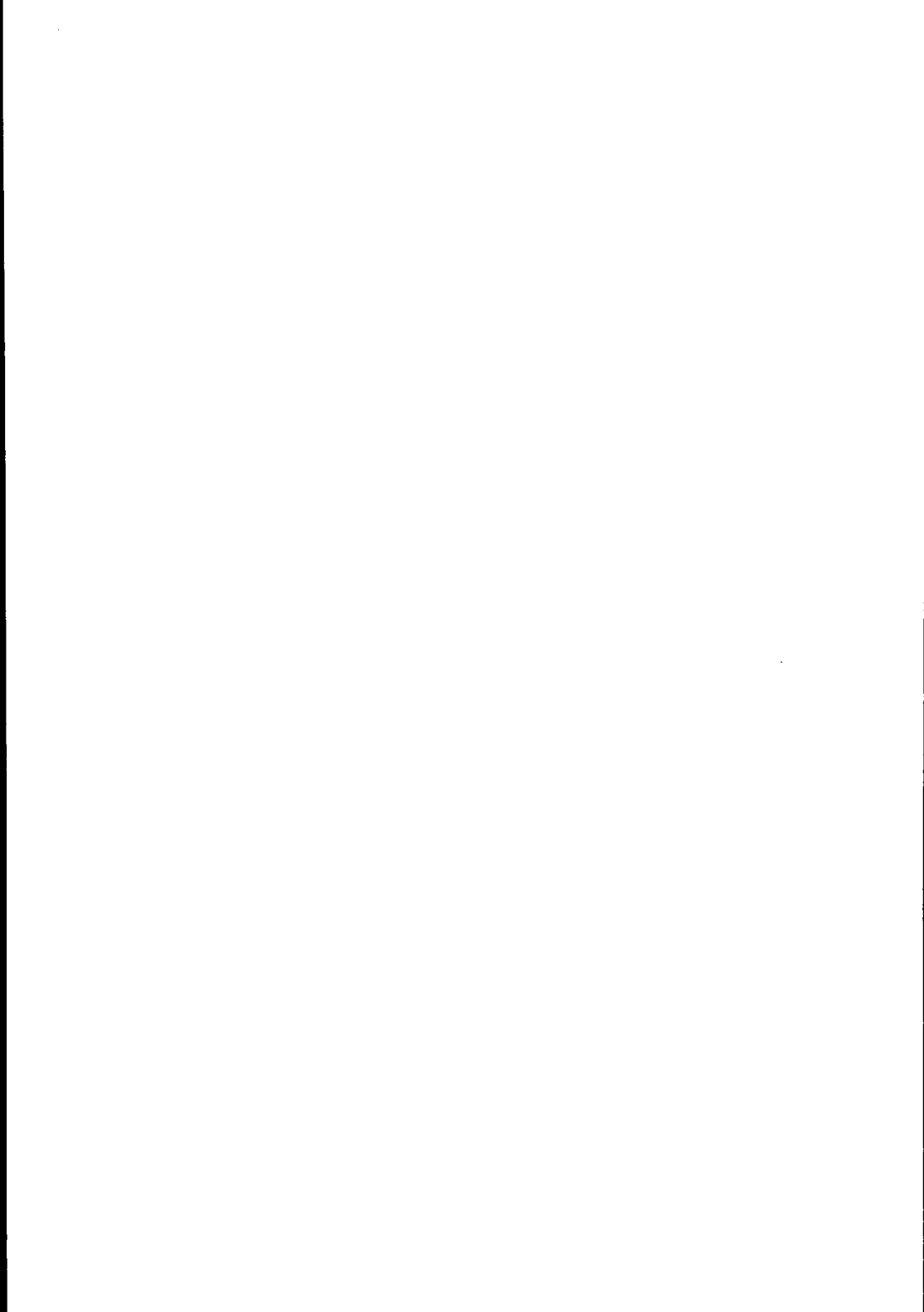
E ainda que, por vezes, arrebentes
os limites das margens e as correntes
das águas turvas os quintais invadam,
os olhos gratos do perdão te guardam.
Desce, pois, as nascentes do Trici!
Canta, chuva, à vertente cariri!
O tempo, ó rio, já não te proíbe:
banha os pés do teu Vale, Jaguaribe!

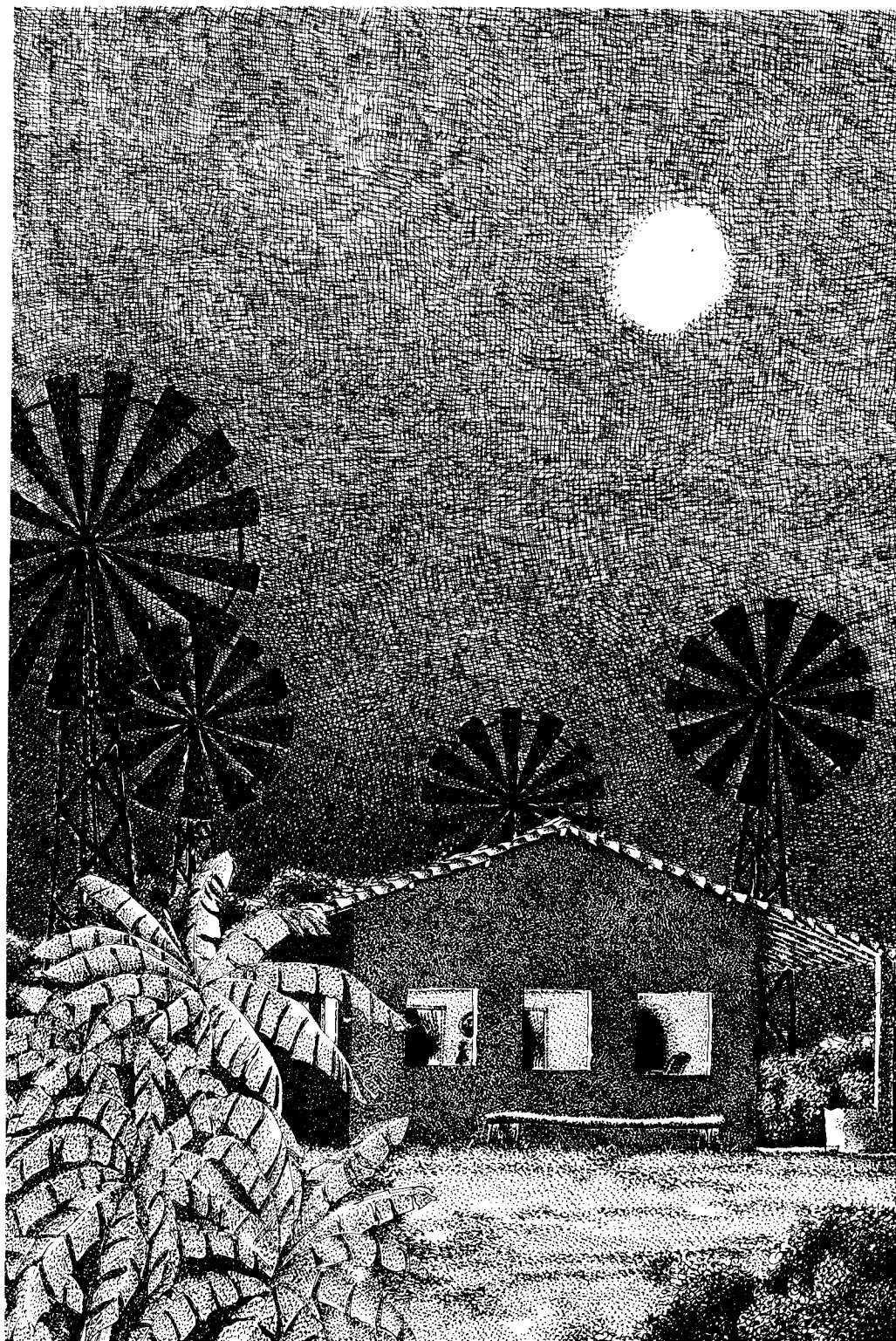
A Francisco Carvalho,
conterrâneo do País do Jaguaribe

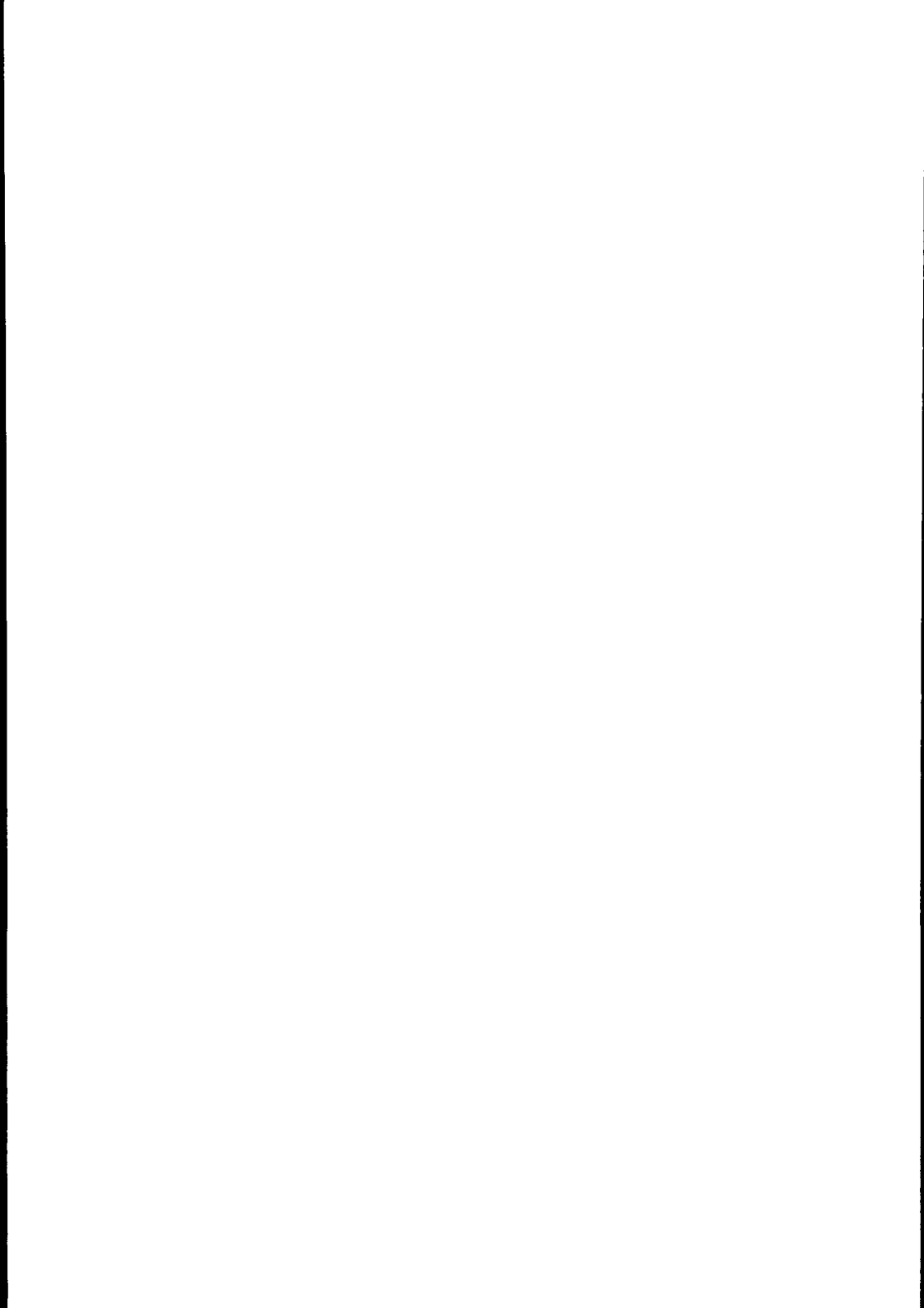
os quatro cataventos

Que culpa temos nós dessa planta da infância,
de sua sedução, de seu viço e constância?

Jorge de Lima







primeiro catavento

Um catavento range nos travejos
vergados na textura da paisagem,
alagando a preguiça dos canteiros
nos lençóis dos capins acalentados.

Um catavento sob o sol-janeiro
esfria os caules de onde pendem cachos,
remoendo o rumor do vento andejo,
tangendo as águas sobre os sulcos rasos.

Um catavento que adivinha as horas
de vento e sombra dos quintais-crianças
e é cúmplice de exílio das memórias

que regam inesgotáveis mananciais,
aguando as roças das manhãs da infância,
nas águas que não tornam do jamais.

segundo catavento

Um catavento mastigando o limo
que emigra para as covas ensombradas,
franzindo as águas brancas de salitre,
pelos oitões de cal das velhas casas.

Um catavento alçando o seu perfil
nos tresnoitados e andarílios ares
que agitam o leque (rabo de cabrito
no ubérrimo regaço da mãe-cabra).

Um catavento faz a doce ordenha
da terra intumescida e maternal,
de onde brotam mastruço e manjerioba.

Um catavento abraça a brisa densa
que cobre o sítio de noturna aragem,
no anúncio antigo das estações novas.

terceiro catavento

Um catavento drapejando o leque
entre o rebanho alado dos gerais,
é o laçador mais ágil, mais intrépido,
dos rumorosos ares estivais.

É o guardião das águas subalternas,
o pastor das aragens vespertinas,
o confidente das fruteiras tardas,
o pajem das colheitas interinas.

Um catavento antigo move os nômades
passos do vento para o canto d'água
que chora a fonte escura e conformada.

E sob os rastros do erradio tempo,
conta as horas de sol, que se depuram
entre os sulcos da terra acalentada.



quarto catavento

Um catavento debulhando as mágoas
das águas submissas e tranqüilas,
num leito de verão, em febre alta,
sazonando um pomar de maravilhas.

Um catavento sacudindo os ares
nos gumes das palhetas encardidas,
e com as palhetas grises e gretadas,
os espaços cortando dessas brisas.

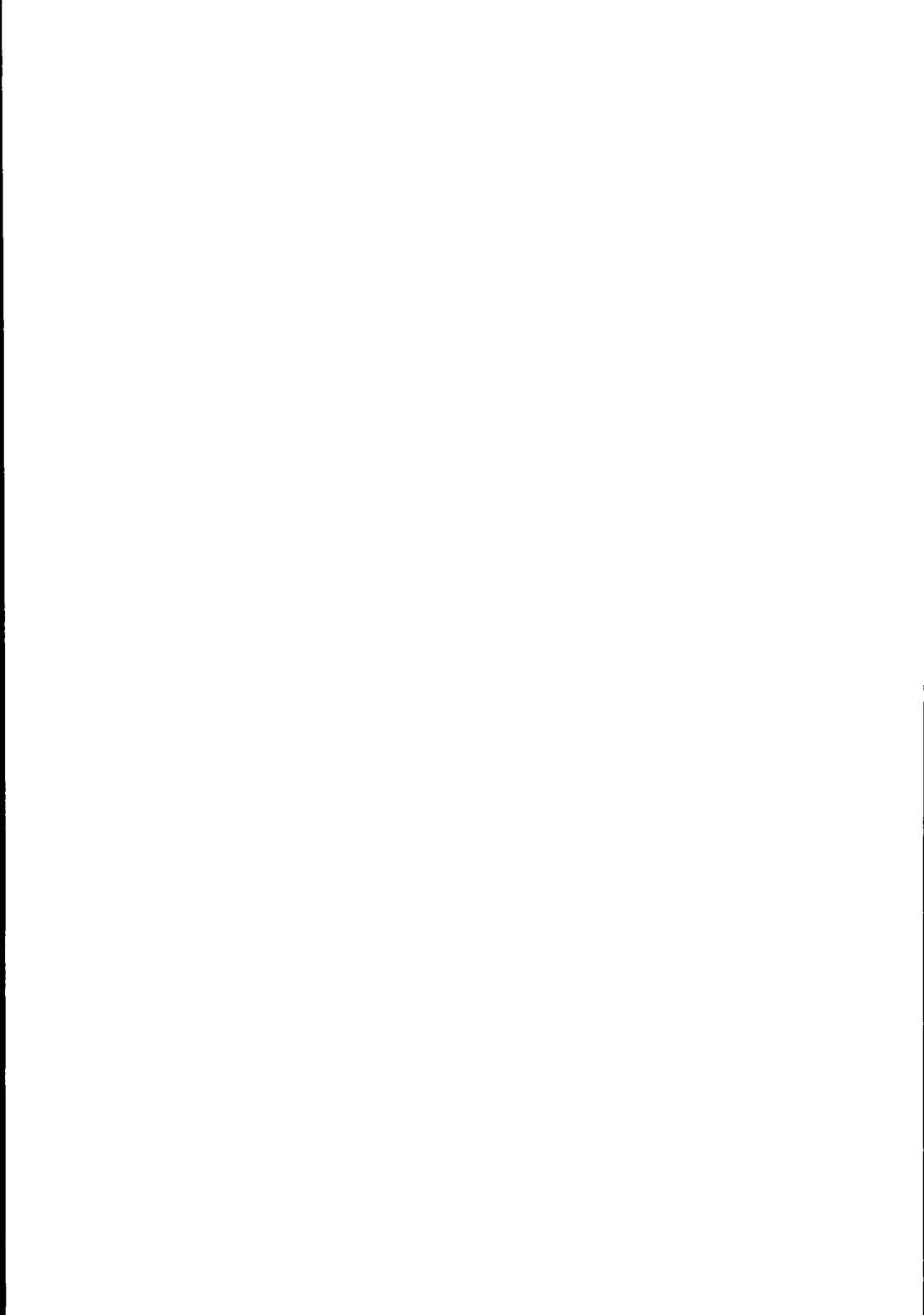
Um catavento murmurando a tarde,
aprendendo os mistérios de dezembro
entre as parcas neblinas vesperais.

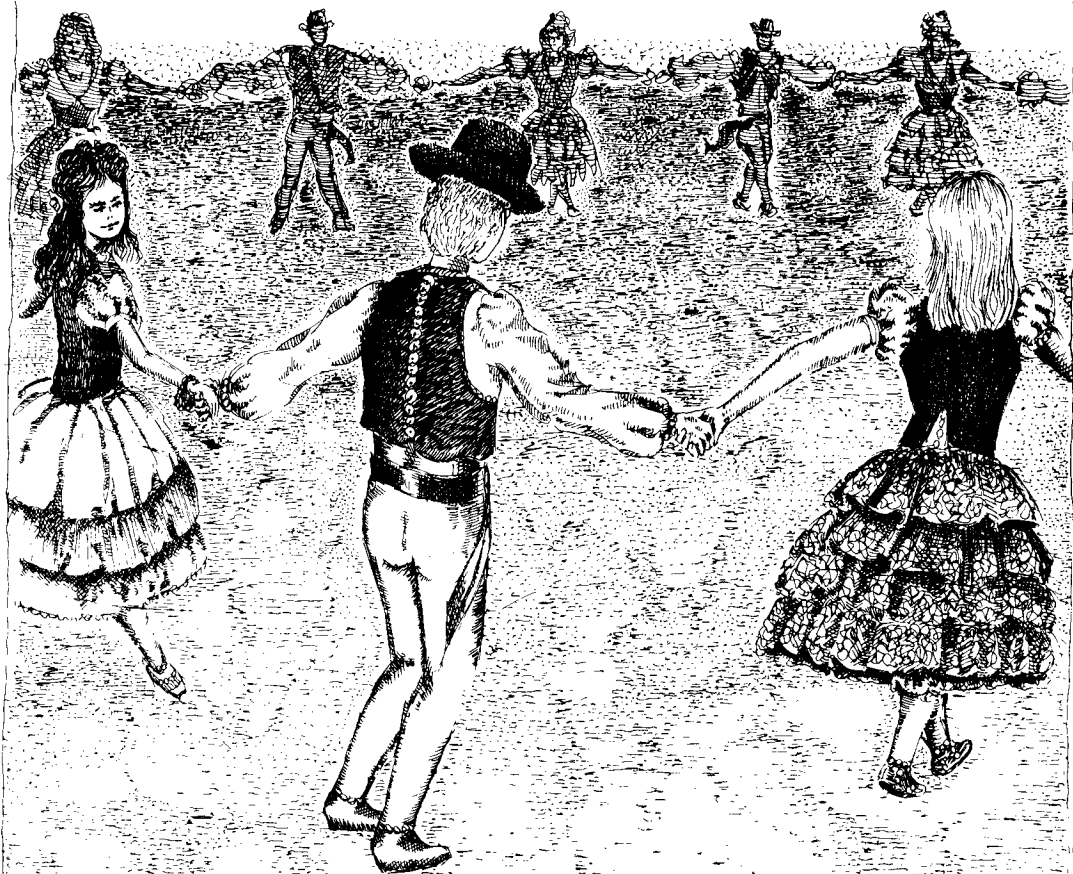
O conforto do manso movimento,
despertando as pupilas dessas águas,
à longa mão do venerando vento.

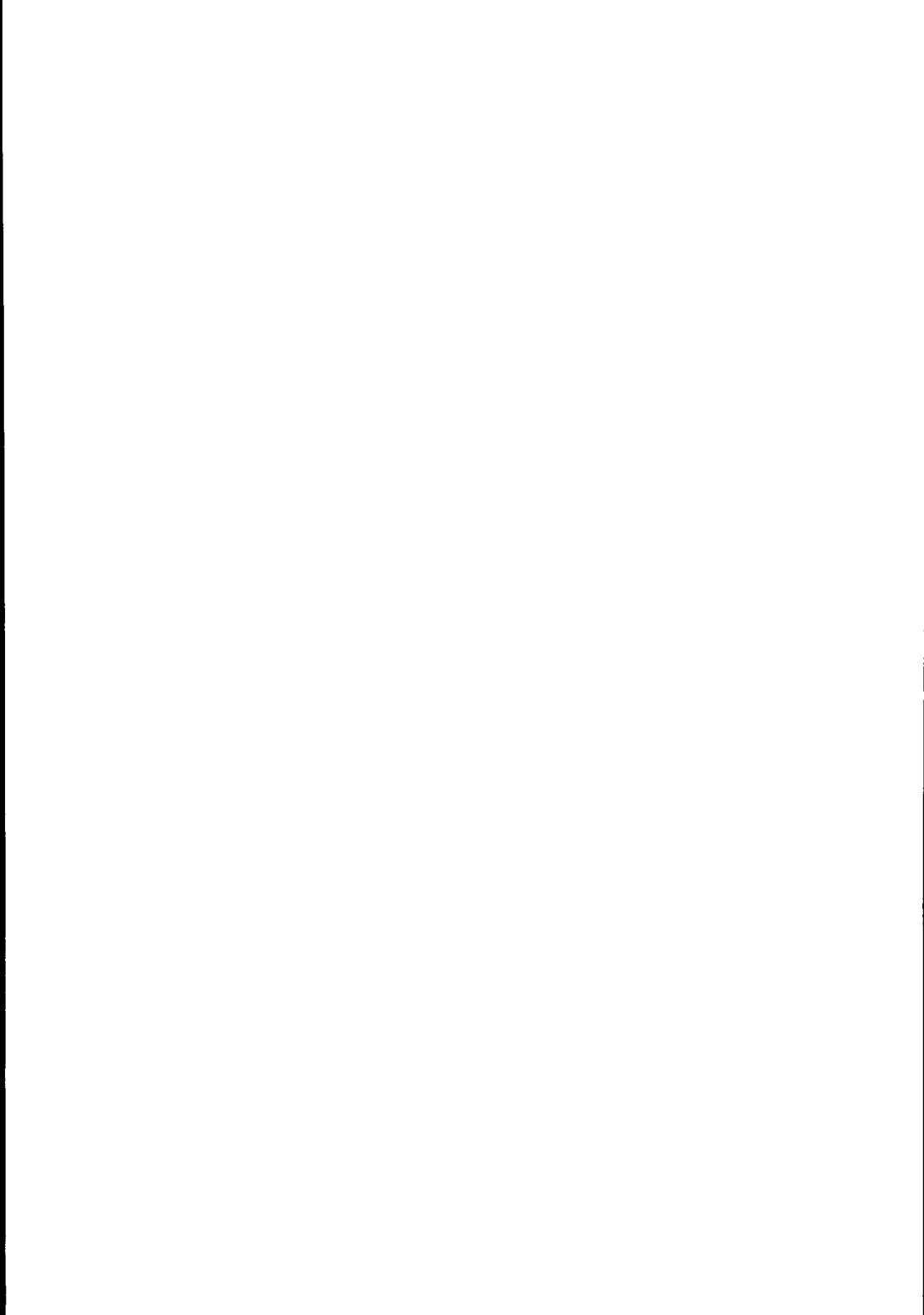
A Fátima Goulart Ribeiro Nunes Maia
À Maria Emília Estrela Gonçalves Pedreira
A Carlos d'Alge e a Alexandre O'Neill

cinco poemas galegos

Galiza deitada e queda,
transida de tristes herbas.
Herbas que cobrem teu leito
e a negra fonte dos teus cabelos.
Cabelos que vão ao mar
onde as nubens tenhem seu nórdio pombal.
Frederico García Lorca







foliada

*Imos todos à foliada
que tem na Quinta da Estrela.*

Será noite de ledícia
se vai cantar a pastora
que tem na voz ãa harmonia
solerminha e sonhadora.

E polos agros, bailando,
à volta dos pinhos quedos,
imos em festa cantando
as cantigas dos labregos.

*Imos todos à foliada
que tem na Quinta da Estrela.*

Imos à quinta escutar
o som da gaita do norde.
Bailarei com minha amada
junto ao seu belido porte.

Ao baile na quinta eu vou
e se atopar vento fino,
bailarei com mais sabor
com uns goles de albarinho.

*Imos todos à foliada
que tem na Quinta da Estrela.*

Vou com minha namorada,
no seu carrinho amarelo.
Ela mora na outra banda,
em Viana do Castelo.

Nos olhos da leda noite
já se miram os luzeiros.
Os aires trazem arumes
dos bosques sobre os outeiros.

alba lucense

Amainam-se as coores
nos gestos da i-alba.
Agromam as flores
à luz anunciada.

A aurora lucense,
no abrente lilás.

*Os galos do dia cantam
nas arelanças da i-alba.*

Terei que partir,
adeus, minha amiga!
É longo o caminho,
há que ser aginha!

Olha que as estrelas
já fogem, que é dia!

*Os galos do dia cantam
nas arelanças da i-alba.*

Abraça-me, amiga,
tenho que ir embora!
Õa gaita lonjana
já debuxa a aurora.
 Não quedes, tristonha,
 fermosa pastora!

*Os galos do dia cantam
nas arelanças da i-alba.*

Levanta-se a luz,
já é de manhanzinha.
Me aparto de ti,
belida, agorinha.
 Mas levo o teu beijo,
 doce amiga minha!

*Os galos do dia cantam
nas arelanças da i-alba.*

Que dores antergas
orvalham as albas
que choram, tristeiras,
as noites finadas?
 Pra onde as estrelas
 debandam, cismadas?

o neno e a gaita

A manhanceira solaina
se achega um vento alheiro.
Un neno debuxa ña gaita
no piso tosco e frieiro.

Deixando o molhe da aldeia,
por entre a néboa choída,
um barco a i-alba penteia
permeando a marusia.

Além, no cais dos adeuses,
os aturuxos das aves
persequindo os ventos ceibes
polos vogueiros aires.

Prepara a mão da tardinha
as nordesias tebrosas.
O neno só adivinha
a degarança das horas.

Mouras fenestras se choem
aos laios dos esmoleiros
Lume nervoso de lóstregos
invade os lares valeiros.

Sob um solpor de amargura,
se acouga a escura aldeota.
Verbas caladas, tristura
que bate de porta em porta.

Uma evadida canção
entre a infância e o desterro
persegue as notas que vão
se ouvindo em silêncio e medo.

O neno atopou ãa gaita
bem acarão do seu leito.
Suspeita que endejamais
escutará seu gaiteiro.

cantiga partindo - se

- Aonde vão, pescadores
da praia gris da Galiza?
- Imos pro mar, ver as flores
que as águas fan, quando giram!
- Jovens labregos, pastores,
aonde vão, que não voltam?
- Imos pro mar, ver as cores
dos outros mundos, lá fora!

- Pra onde foi seu gaiteiro,
nena belida da aldeia?
- Foi-se pro mar, prometeu
trazer-me uma linda estrela!
- Onde estão os namorados
que envelheceram sozinhos?
- O moço está desterrado
e ela perdeu-se a caminho.
- O velho Luís, que há um mês
da estranja retornou?
- Foi-se antonte, para sempre,
sem rever o que deixou!
- E os nenos tristes dos agros,
vão ficar sós, sem ninguém?
- Vão esquecer a orfandade,
partindo um dia, também!

lonjania

Tarde cinza e assobalhada,
água de luto e de exílio.
É de tristura e saudade
essa distância transida.

Relembra as verbas queridas
que o mar não pôde apagar.
Abriga a door da Galiza
no coração de além-mar.

Do rosário do ronsel
se vão apagando as contas
e a brétema envolve a face
da tardinha senhardosa.

De néboa se vai tingindo
o céu, longe da Galiza,
polo debalo frieiro
desse entrecortado dia.

Soturno vento estrangeiro
que não traz a maina brisa
de uma i-alba de agarimo
no seu relembro retida.

Chove, chove miudinho
e sua i-alma se estremece
como um paxaro sem ninho
nas ponlas que se estremecem.

Ao lume da bocanoite,
tomba a insistente froalha
e o rueiro melancônico
é uma fonte de bágoas.

Em salaios de lonjura,
vive e morre das arelas
de entre os sinos e as luzes
rever antergos abrentes.

Esse homem já está canso
de caminhar entre as tebras
sem atopar as manhãs
perdido em noites valeiras.

Esse homem silandeiro
ainda sonha com o dia
a agromar polos vieiros
da sua terra belida.

Vozes lonjanas da aldeia,
frutas de engado que tremem
nas notas dondas e enxebres,
que se vão tornando rem.

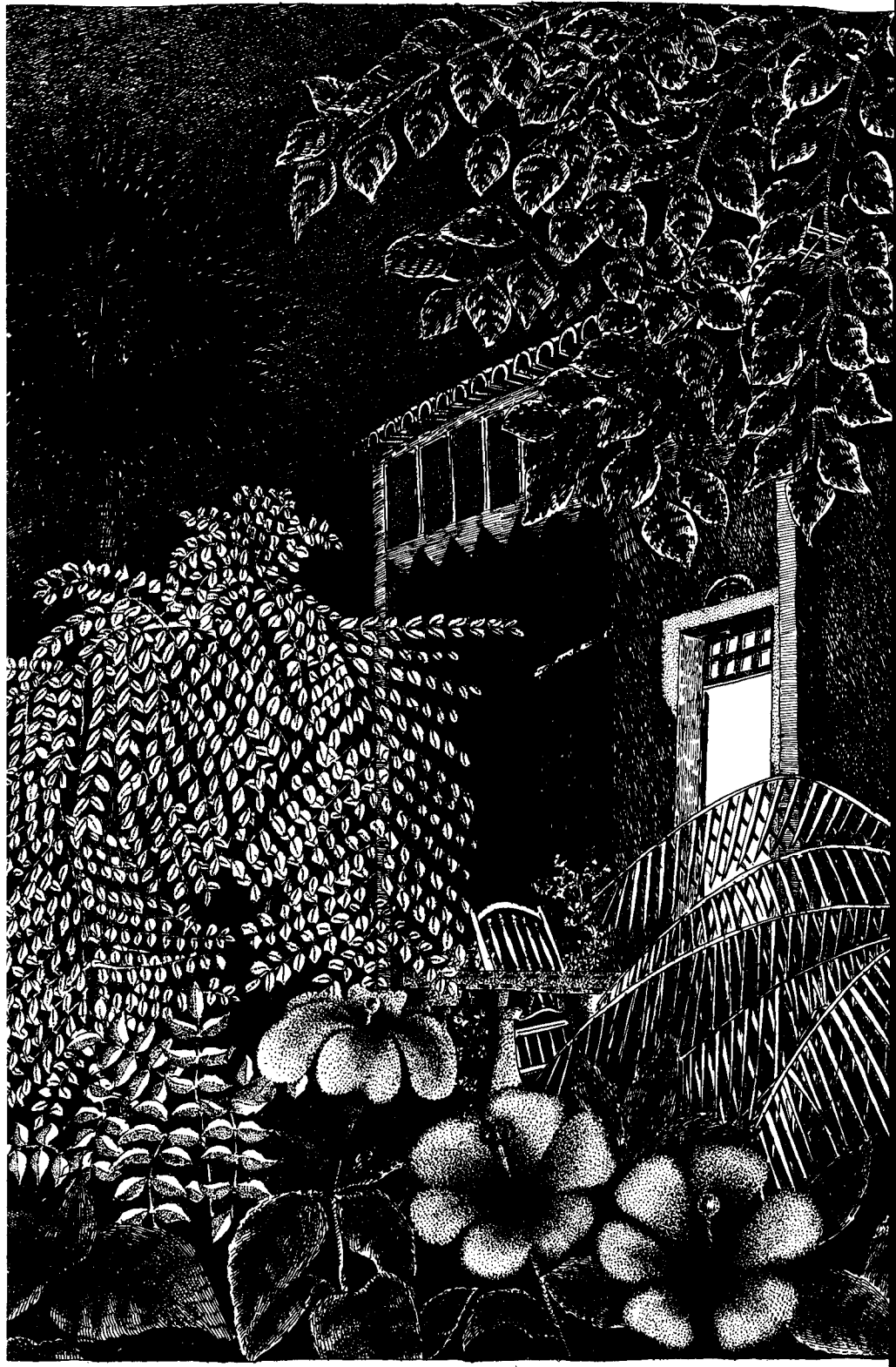
A Adriano Spínola
A Caetano Ximenes Aragão †
A José Hélder de Souza

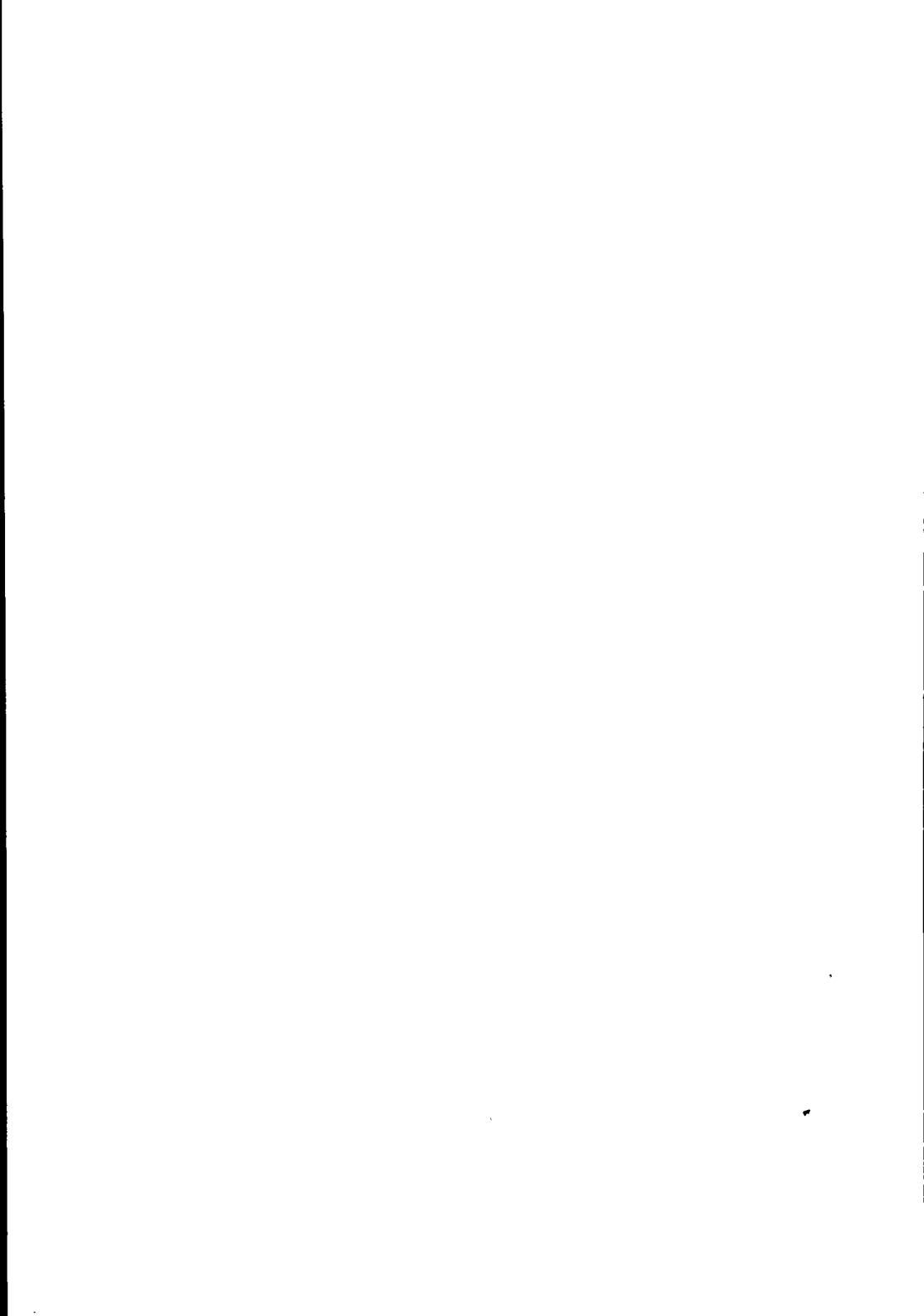
poemas de tempo - vento

Las piedras son tiempo
El viento
Siglos de viento
Los árboles son tiempo
Las gentes son piedra
El viento
Vuelve sobre si mismo y se entierra
En el día de piedra.
No hay agua pero brillan los ojos.

Octavio Paz







alumbramento

{ Um luminoso cristal
contido de vinho e sangue
também represou o orvalho
de um enluarado encontro.

{ Duas bocas se fundiam
na mais ardente colheita
e à brisa dum céu de estio
tremulava a labareda.

Éramos dois na varanda
e era o vento nos ares.
Na areia, os lábios da noite
beijando a boca das águas.

E o frio mourão roçando
o frio da madrugada,
fendida madeira branca
colhendo os gestos da alba.

A moça toda encantada
com o céu de canto de estrela.
E o braseiro estalando
na quentura da fogueira.

E depois, o morno cálice
do seu sexo se contendo
do túbio fulgor do grão
de fecundada semente.

E depois, a hora azul
por volta de altas estrelas,
anunciando outra flor
antes do sol vir a ser.

soneto do solo da memória

Na calma que se acerca desta hora,
algo há (é saudade? é solitude?)
que, não vindo de mim, em mim demora,
como canção antiga que me ilude

o sentimento deste estranho agora,
quando desejo que não se transmude,
neste momento, o som da voz que chora
no vento-tarde, um cântico amiúde.

Solos da brisa em primas e bordões,
nas cordas do violão-de-antigamente,
ponteando as janelas e os portões

das ruas marginais (chão de memória)
que percorro, do bairro-agora ausente,
neste presente do meu bairro-outrora.

soneto de um retrato
(in) memorial

Memórias na parede. O gesto lento
se tingiu de marrom e se encerrou
no prego enferrujado e poeirento,
que não se muda de onde repousou

a sua estóica permanência em to-
cada conformação (o tempo ou
velhice do mistério, que no vento
ronda o retrato moço de um avô).

E é mesmo o vento insubmisso o hóspede
da cadeira de acenos na varanda,
que invade a tarde muda, quando em nós

fica a lembrança (nau de vela panda)
a navegar os mares dos avós
ao som (in)memorial de uma ciranda . . .

soneto atrás da porta

A Hilda Gadelha

Por uma fresta esguia, quasincerta,
visitadora brisa nos conforta.
Tua blusa, de rendas recoberta,
move-se branca, tênue, atrás da porta.

Uma mirtácea brande a sombra hirta
numa silhueta breve, de flor morta.
Sob o gume lunar, a frágil mirta
alvazul, solitária, o vento corta.

Deitas-te leve, sonora, absorta,
relendo os versos que te dei por carta.
Um rumor de instrumentos se recorta,

antes que do momento o encanto parta.
E outra vez o desejo nos exorta
a uma comunhão de beijos farta.

soneto anglo - mallarmaico

Un coup de dés jamais
n'abolira le hasard

Stéphane Mallarmé

Num momento da vida, um tempo dado.
Translucidez do olhar, sorriso aberto.
Nosso encontro casual, desvencilhado
de ontem, de hoje, ou do amanhã incerto.

Um mistério nos trouxe ao desejado
território do sonho mais desperto.
Teu beijo, de fulgor inesperado,
me faz cada vez mais de ti mais perto.

Não te buscava, sim, não me buscavas:
darei apenas que eras tu, somente,
a que tinha de vir, pois habitavas
este tempo que em nós se fez presente.

Un coup de dés — Imponderável lance
quase aboliu o acaso, ao nosso alcance.

soneto do amor telúrico

Do outro lado, a cor da ribanceira
tinge de noite o vôo dos passarinhos,
que ao vento-tarde cruzam-se à beira
da espuma vazante, onde os caminhos

da gente errante unem-se na esteira
das águas exiladas (peregrinos
rastros do amor da Terra) onde uma estrela
sempre cai de algum céu, em remoinhos.

A outra margem (água encruzilhada)
é o porto-regresso, é o reencontro,
a volta azul do vento da invernada,

que pernoita o seu corpo tão sem sono
na alta cumeeira enluarada,
embalado de noite e de abandono.

soneto do canto de luareia

Ouvida ao longe é a canção da tarde,
rebetada das ondas sobre o dorso
da calçada, que em sol-dezembro arde,
qual testemunha muda do remorso

que o mar (em ressaca) sente ao dar de
costas à areia, num supremo esforço
de não se lhe entregar com todo o alarde,
qual amante fiel de um amor só.

É que o mar tem estrela, que oferece
a sensação de firmamento e a sua
celeste namorada, ao alto, tece

o fio que não prende a sombra nua
da selene visão: eis que acontece
o dilema do mar, de areia e lua.

cantiga para miguel hernández,
el poeta pastor de cabras

A Esperanza Alía

Las cabras que van de luna
vestidas y a lentos pasos,
son agrias como las manos
de Miguel — palurdo paje.

En las tardes de neblina
la voz azul del pastor
lleva rumor de cantigas
del rebaño alrededor.

Y las cabras del poeta
apacentadas están.
Son manchas en el sendero
de la sierra de algodón.

Resurge el rebaño entero
por el camino más blando.
Claro cielo y pelo negro,
montando el cerro lejano.

Miguel en el pastoreo
emerge de la colina,
dibujado en cási-cuerpo,
tejido en palabra antigua.

Y las cabras andorreras,
muy pensadas todas ellas,
viejas unas, unas nuevas,
son del tiempo las abuelas.

El jóven Miguel Hernández,
poeta de luna y sosiego,
está en la sombra, guardando
su rebaño de recuerdos.

Al jóven Miguel Hernández,
vencedor de mil silencios,
no hay cárcel que le contenga
la voz antigua y de siempre!

premier sonnet basque

Calles y sueños, rostros y pañuelos,
libertad de ceniza, fuego oculto,
silencio de corajes y secretos,
callados gritos, llantos sin sollozos.

La cruz vasca, los brazos del destierro.
Guernica no es, tampoco, un solo bulto
añorando el ayer: Guernica es Pueblo
celoso del ahora y del Futuro.

El genio de Unamuno, que se alza
al vuelo largo de andorrera luna
hacia el futuro libre — Patria Vasca!

Nación de anhelo, dividida y una,
tierra que alberga corazón y raza,
árbol de Euzkadi Ta Askatazuna.

second sonnet basque

Muro en Bilbao: altar de enredaderas,
la hiedra abriendo muda los colores
en sentencias de lucha, como fueran
gritos trepados sobre los adobes.

Muro de España: corazón hendido
entre piedras de luto y de Dolores,
palabra presa en ayes y suspiros,
sueño apretado en brazos labradores.

Canto en sonidos de la lengua vasca,
voz de la entraña ibérica que suena
como agua viajera de borrasca.

La llama de Guernica, antigua cuna,
luz inmortal que quiere que renazca
el nombre Euzkadi Ta Askatatzuna

troisième sonnet basque

Palabra que derrumba el negro muro,
la voz euzkara, grito y melodía,
que hace nacer del suelo rojo y duro
la rosa-sangre al sol del mediodía.

Flecha encendida en el sendero oscuro,
alumbrando la flor de rebeldía,
que busca del Pasado otro Futuro,
libre cual viento azul de lejanía.

Voz del agua, del aire, voz de tierra,
cristal antiguo y plata de la luna,
imperecible corazón de Iberia.

Palabra libertaria, mano de una
fuerza indomable de la siembra obrera,
pulso de Euzkadi Ta Askatazuna.

soneto da
alongada singradura

Da transparente rosa matutina
o véu da maresia é penetrado,
desnudando-se a praia da neblina
que revestia o dia inaugurado.

Asas ferindo o coração do estio,
na vinda de oceânica lonjura.
Repique de gaivotas, vento esguio,
arauto da alongada singradura.

Melodia-prenúncio de verão,
aporta aos nossos lábios a canção
que confessas no amor que te confesso.

Céu luminoso, sol. Nauta tornado,
ancoro no teu porto, vislumbrado
desde tão longes mares de regresso.

tarde nuevas de nicaragua

Revela em seu cantar um pássaro sutil
os sons das tardes livres de algodão e anil
aos ventos andarejos que vêm e que vão.

A flor das águas novas veste de verdura
os ombros da colina e a face da planura
e represa a alegria no rosto do aldeão.

Germinam pelo vale, à luz dos horizontes,
sementes sazoadas que regaram as fontes
do muito em que empregar a mente e o coração.

Antigo e novo sol, audaz fecundador
da terra reencontrada às mãos do lavrador,
que sonha a estrela simples do esplendor do grão.

Da rosa azul dos ventos, partem os sinais
a todos os longínquos pontos cardeais
de um novo canto aceso em voz de multidão.

la luz de la lejana estrella

É uma estrela amazona
no corcel-rio sem fim,
brilhando sobre a montanha,
sobre o mar, o vale, enfim,
presente da Patagônia
ao chão de Gatimozín.

En los llanos de Colombia
y los valles hondureños,
por las praderas atlánticas,
los montes salvadoreños,
en Icó y Puerto Montt,
estrella de brillo intenso.

Estrela da nossa América,
guardiã da liberdade,
velando o sono da terra
adormecida na idade,
para despertar na era
da colheita da verdade.

Cuando, por fin, muchedumbres,
siguiendo la nueva ruta,
borrarán incertidumbres,
para comenzar la lucha
general, hacia otro rumbo
de fuerza y esperanza mucha.

Estrela que às vezes desce
e se esconde em nosso peito,
que nela azul resplandece,
num brilho claro e perfeito.
Quem a vislumbra, a merece
e por ela é sempre aceito.

Siguiendo el rumbo trazado
por la voluntad del Pueblo,
aprendido y enseñado
en el simple tiempo nuevo,
rompiendo el emparedado
para vivir libre cielo.

Itinerário da estrela
— céu da América Latina.
Quanto mais noite, mais bela,
quanto mais é dura a sina
de longe ansiar por vê-la
tão atlântica, tão andina.

Na madrugada de abril,
no azul da noite pampeira,
reaparece o seu brilho
sobre o charco e a cordilheira,
sobre os sertões do Brasil,
sobre la brisa habanera.

Rompendo as jaulas das feras
nos Palmares outra vez,
seguindo os passos do Alferes
da inconfidência mineira,
brilhará a céu aberto
estrela pura e sem medo.

Poniendo en las manos libres
nuestras armas de combate,
en el día por venir
el hambre de libertad
la sed de justicia — el brillo
de nuestra estrella escarlata.

testigo al ocho de octubre

Los testigos callados de la tierra sorprendida
por las manos que golpearon el Hombre Latinoamericano.

Los árboles, que alzaron sus ramos hacia el cielo,
suplicando la solidaridad inaudita de los cobardes.

Las piedras de silencio pisado, que se calentaron
al recorrer de los cuerpos, en aflicción telúrica.

Los arroyos, que lloraron en las quebradas,
en las cañadas, sus últimos, últimos pasajes.

Las nubes, que cubrieron el cielo del día
con sábanas oliendo a flores de cipreses.

Los testigos callados de los hombres adormecidos
por las manos que mataron la esperanza.

El cholo hambriento y menospreciado en los pueblos,
sorviendo el humo y la coca (antídotos seculares).

El labriego en harapos y medroso del vecino
terratiente, descendiente de hidalgos.

La vieja pastora, sucia y picoteada de insectos,
casi loca y albergando la desconfianza de héroes.

El minero azotado de viento y chispas metálicas,
lleno de tempestad y vahido en la meseta.

El hombre y la tierra lo atestan:
el crimen de La Higuera y Valle Grande.

soneto de dureza y ternura

Aprendimos a quererte
desde la histórica altura.

Carlos Puebla

Tu huella de coraje es un aliento
entreñable, telúrica canción
nacida de este claro entedimiento
que invade nuestro unánime corazón.

Tu muerte — a la muerte trascendente —
enciende el fuego azul de la pasión,
lucero en el camino combatiente
por donde hay que serguir nuestra razón.

Y no nos vencerá la incertidumbre
del tiempo viejo: una fuente pura
se irisa en nueva luz para que alumbre

la mirada del pueblo, en un compás
de lúcida dureza y de ternura
que no queremos olvidar jamás.

balada andaluza de ana luzia

Estava a noite cortada
por sete punhais de sombra.
No olhos de Ana Luzia
balbuciava uma lâmpada
três palavras de marfim:

— *Vais morrer abandonada!*

A lua sangrava o céu,
sem vozes sobre o jardim.
E os rosais se encerravam
com pavor do vento frio,
que afugentava as estrelas
do escuro em onde ecoavam
as três palavras tão tristes:

— *Vais morrer abandonada!*

Quando o sol crestou nas sombras
da noite fugida, as pedras
do solitário jardim,
o sangue era a cor do piso
do seu quarto de marfim:
Ana Luzia era a voz
de frio, frio jasmim.

E entonces pregunto: — A que
se deve morte tão trágica?
Era jovem? Era bonita?
Era morena e delgada?
Nada responde
e isso é tudo:

— *Ela era abandonada!*

soneto do trágico e do fatal

Caíram luas do evadido tempo,
das alvas torres pelo espaço erguidas.
Funda desolação desse momento,
herdeiro de memórias inimigas.

As estrelas tombaram sem socorro
do céu poento, como em doido sonho,
vazando as íris baças dos seus olhos,
fustigadas de vento e de abandono.

Rompeu-se a voz sozinha e emigrada
das palavras debalde, que não curam
o silêncio da noite estrangulada.

E a dor, que além da vida ainda perdura,
foi derradeira e muda, sobre o nada
a que chegou, faminta de ternura.

guitarra romena
(doina)

*Doina este cea mai vie expresie
a sufletului românesc.*

V. Alecsandri

A Maria Theban

Folha verde, voz de rio
perpassando o talhe esguio.
Lua aldeã das colinas
prateando as cordas finas.
Guitarra, coração breve,
uma tênue fonte reve
melodias e queixumes.
Das almas acende os lumes
o seu sonoro encanto.

Reflete sorriso e pranto
o seu sereno capricho
O seu bojo é qual um nicho,
estátuas sonoras guarda.
As imagens vêm da tarda
memória das coisas findas,
quantas são as notas vindas
desse canto entrelaçado
a um cravo rubro, cravado
nos braços de uma guitarra.
A paixão que se desgarra
sobre as águas divididas
de dois rios — duas vidas,
a seguirem paralelas
as solidões sem estrelas.
Na *dor-saudade*, brotada
da transida madrugada,
consolada em sua pena
ao som da *doina* romena.

lua(ai)rada

i
A lua tabajara se erguia
sobre o aquoso sorriso da noite.

E eram pirilampos,
e eram tantas estrelas
no charco e nas colinas!

Jovem poeta e guerreiro, Moacyr,
numa primeira flauta,
adocicava o leito das areias
adunadas em Mucuripe,
alvas e sonoras.

Vicente Láñez Pinzón, o andaluz,
descansou sus ojos llenos de consolación
na enseada vazada de cores
da barra da água do Siriará
e bebeu a luz lunar
que se prometia na tarde de jandaias
e cantigas de vento.

Mathias Beck, o louro batavo,
e Martim Soares, o moreno lusitano,
alternaram os louvores festivos
das noites airadas junto à fortaleza
de Assunção e de Schoonenborch.
Calaram-se nos recordos distantes
das praias serenadas
junto às canções das gentes de antes.

A lua cearense dardejou sua luz
quando ainda não se calavam
as vozes primeiras.
Lua irada, banhou o sangue
dos que não se venceram.

(Nos vales, entre a memória
das virgens usurpadas,
ressoa a brisa palmar
anoitecida de pranto.
Nas serras, sobre as pedras de tanto tempo,
repercute o surdo pisar
da fuga para outra morte
menos subjugada).

A lua cearense percorre os itinerários
de ida sem vinda e de vinda sem volta.
Mas acende o futuro caminho na face da noite.
Uma certeza se modela em seu rosto
sertanejo e marinho.

A lua cearense suspende o azul
das distâncias oceânicas,
guiando os desgarrados e minúsculos
peixes celestes das estrelas,
luzes visitadoras
das violas bravias de luarada.

canto para el primer de enero

Lo que brilla con luz propia
nadie lo puede apagar.

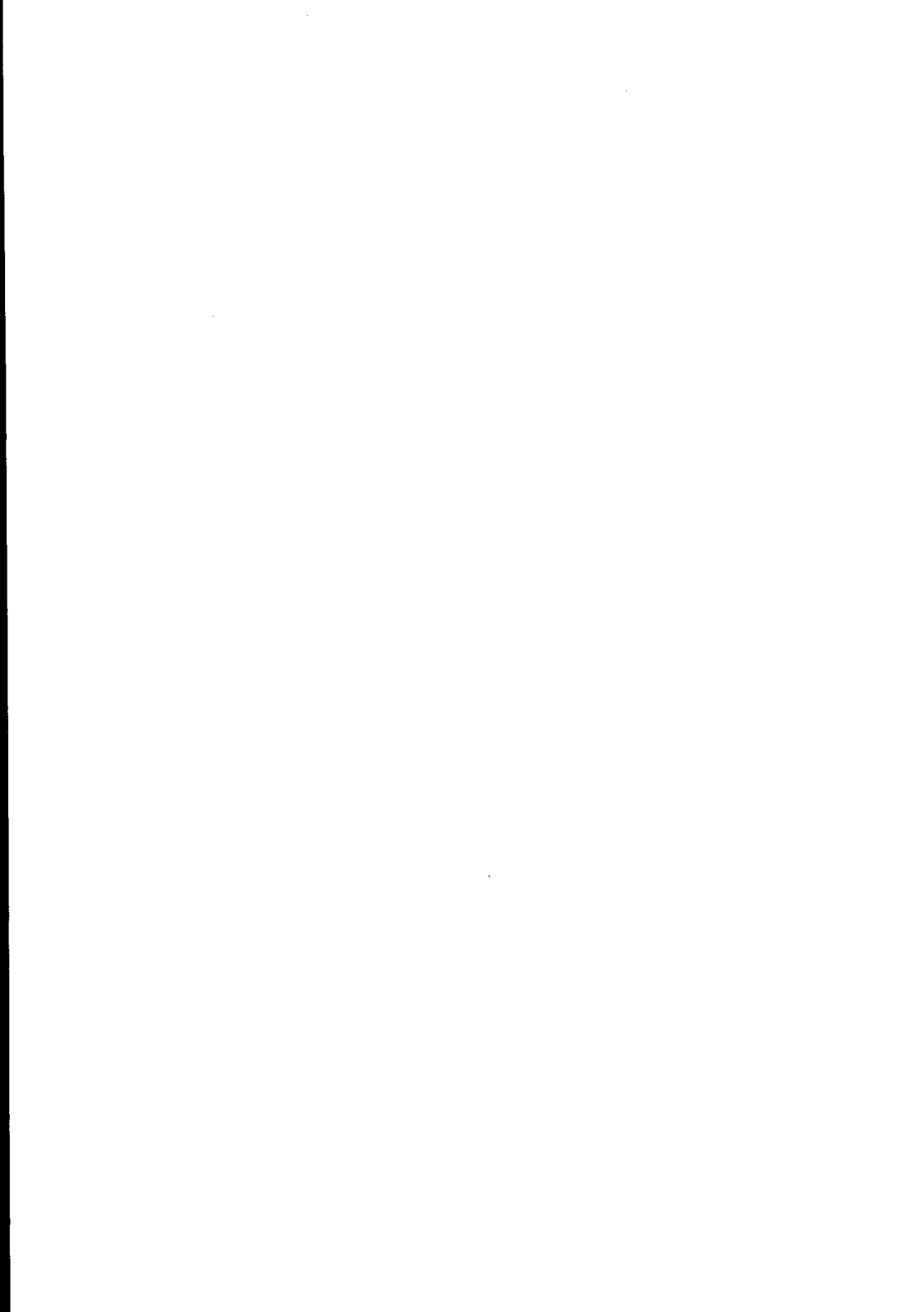
Pablo Milanés

Nació tu verbo del coraje: un hilo
de la entrañable fuerza de un momento.
Eternizada intensidad del brillo
que trascendió los límites del tiempo.

¡ Oh valerosa estrella! en el camino
tu claridad que se levanta y vence
a las tinieblas del silencio antiguo
y alumbra el devenir del pensamiento.

Quiero también cantar esta palabra
y comulgar la luz que se reparte
como el pan, el trabajo y la alegría.

Para que el sol asiduo de mi tierra
sea el testigo que la aurora aguarda
del nuevo amanecer, del primer día.

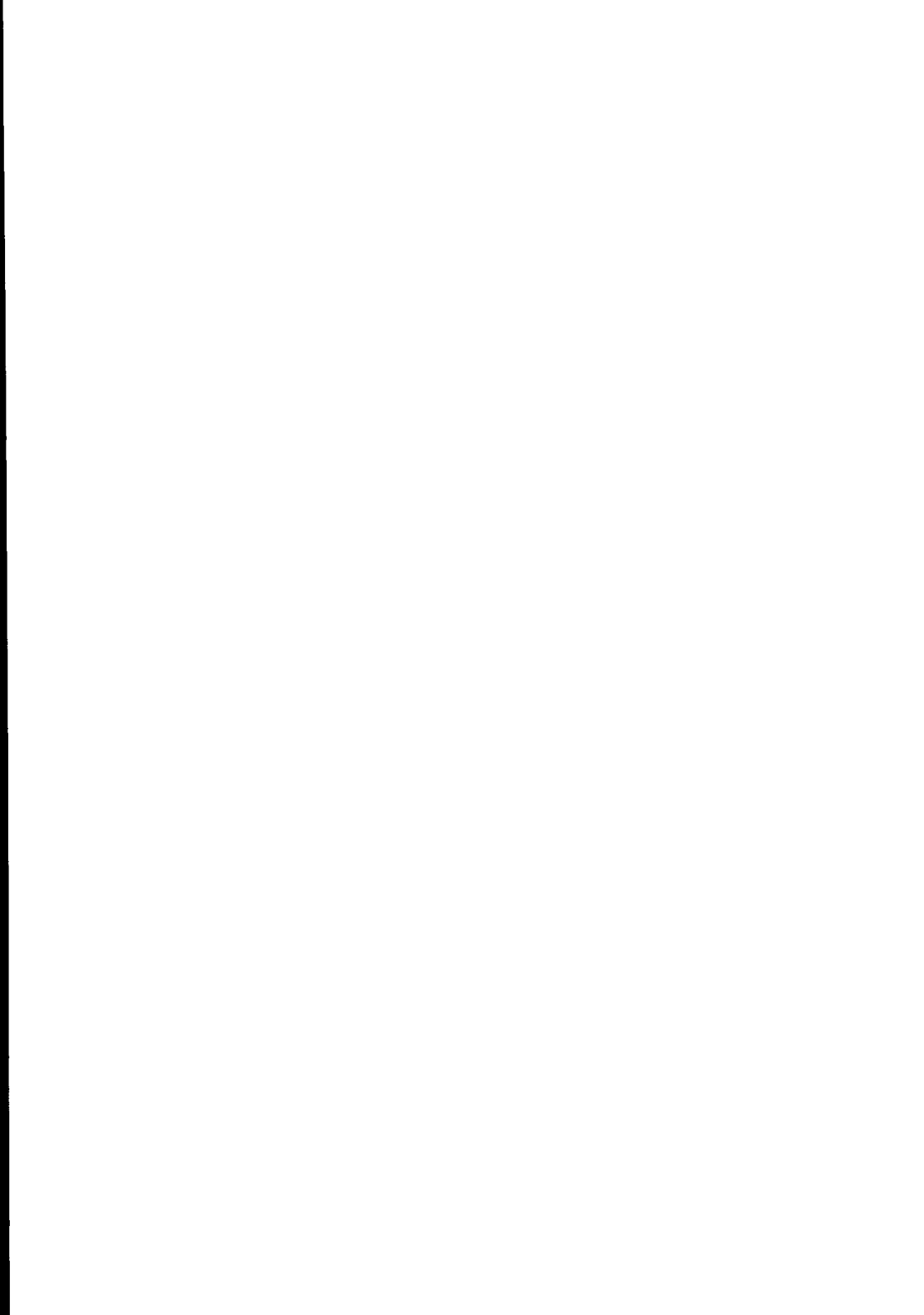


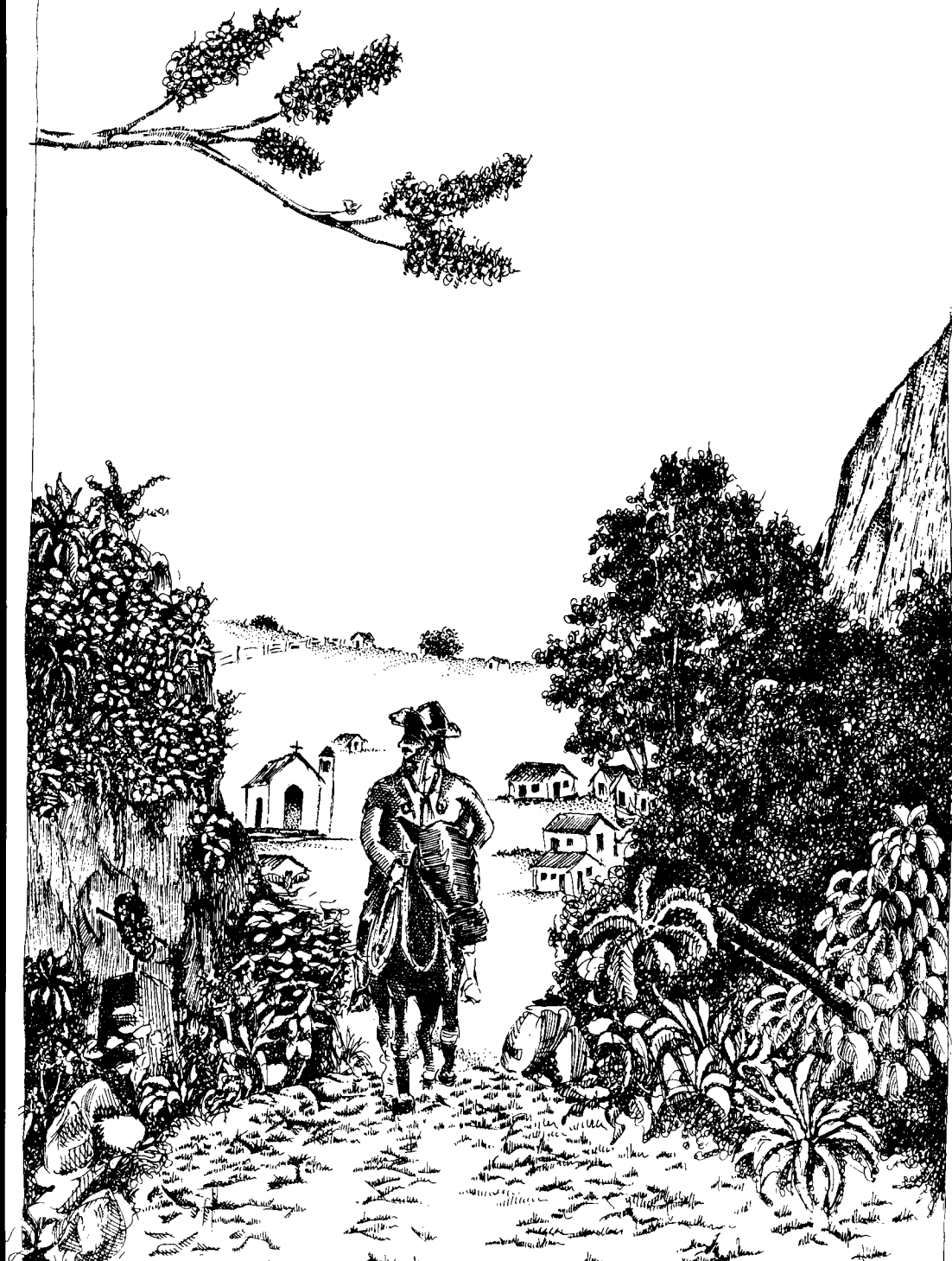
A José Amirto Nunes Maia,
entusiasta da glosa nordestina.

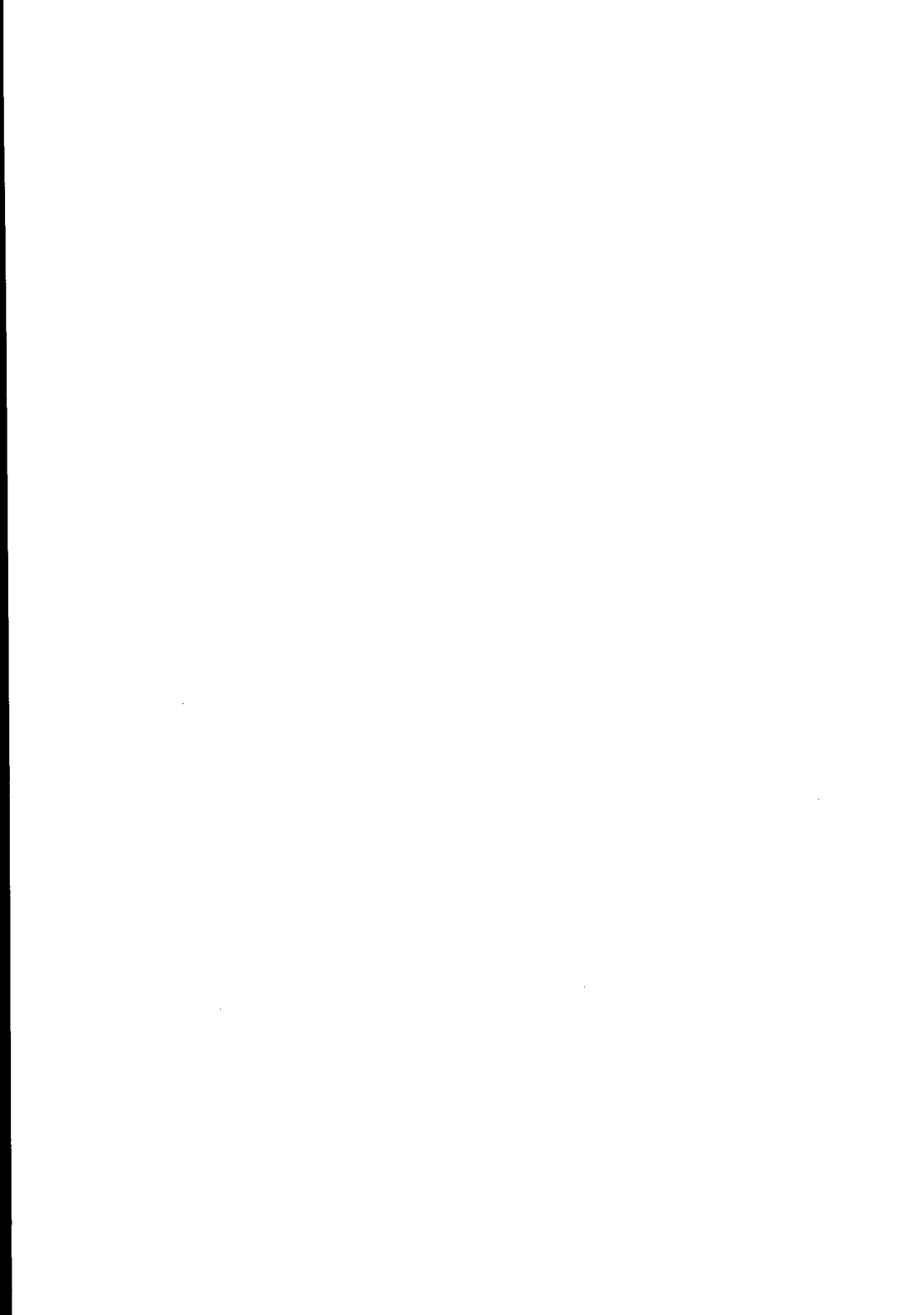
signos e alfabeto

E só vogais abertas sob a carne
só líquidos fonemas sob a pele
só duras consoantes na juntura
dos ossos que entre as dunas
não pousassem

David Mourão-Ferreira







a - alpendre

O ronco ressequido da cancela
é hoje ouvido menos amiúde
e o caminho que desce pra o açude
não mais vislumbra um rosto na janela;
o tempo repousou sobre a tramela
da portinhola, que o outrora fende;
uma aranha remota a teia estende
desde as soleiras vãs ao peitoril
e a idade dos caibros permitiu
pende o teto do vetusto alpendre.

b - berro - boi

O alto-de-pedra acende nos barrancos
o fogo dos lajedos lapidados
e nos ventos ali enovelados
vagam fantasmas de novilhos mancos.
A noite na colina estende os brancos
braços da lua sobre os ermos portos,
e além da sombra dos arbustos tortos
mal se escuta a pancada de um cinorro:
eis quando ecoa um prolongado berro,
na solidão desses desertos mortos.

c - caminho

Houvesse embora a lua mergulhada
no curvo rio a se transpor sem ponte,
era de adeus a cor desse horizonte,
de incertos passos, turva caminhada;
e a noite era uma noite amortalhada,
num silêncio comprido e malfazejo,
em nada sendo do silêncio andejo
dos sertões das tranqüilas romarias,
onde as léguas são longas alegrias
aos incansáveis pés do sertanejo.

d - dívida

Devo o quanto esta vida deve a mim
e mais o que na vida puder ser,
além de muito amar, muito aprender,
nesta luta sem tréguas e sem fim.
Quanto trago da senda de onde vim
é também mais dever de além mais ir;
os ares, chãos e mares do devir
são encargos também por se quitar;
só não devo nem posso me obrigar
ao preço que me cobram de existir.

e - encruzilhada

Na curva do caminho, eu não contava
encontrar o mistério que o destino
repartia do tempo peregrino,
que era o tempo que há muito eu caminhava;
uma estrela distante insinuava
um trajeto de luz bem diferente
das veredas que desde antigamente
percorri sem respostas nem perguntas,
e às mesmices que sempre vinham juntas
preferi o caminho dissidente.

f - favela

O universo de lama com o seu cheiro,
o cansaço que mostra o itinerário
cumprido de um dia sem salário
ou do curto salário sem dinheiro;
ofício de pintor ou de pedreiro,
que não lhe vale um muro ou uma janela
pintada na cidade de amarela
ou caiada parede de um oitão,
não tendo onde morar, e às vezes não
tendo sequer o abrigo da favela.

g - ganância

Depois que se perdeu o seu limite,
ilusão de mais ter, mais ter, mais ter,
num sem-fim de apossar-se e de poder
o lucro já sequer mais admite
a palavra existir; e se permite
ainda que eu escreva esta palavra,
certo a irá usurpar da minha lavra,
para dela nutrir o seu mercado
de ganância e poder desmesurado,
que a face dos viventes escalavra.

h - hipocrisia

Um riso sempre aberto e cordial,
a mão sempre disposta ao cumprimento
na reverência de qualquer momento
do gesto permanente e trivial;
excesso de mesura, que é sinal
de perfídia e falaz benedicência,
extrapolando as raias da indecência
disfarçada no véu da hipocrisia:
o quadro que aprendi no dia-a-dia
a enxergar à luz da experiência.

i - injustiça

Perdendo o rastro da evadida roça,
põe-se a vagar sem rumo o nordestino,
deste mundo arrastando um tal destino
que só de dor antiga se remoça.
E como suportar mais já não possa
o desterro impigido, perde a palma,
perde a razão à fome, perde a calma
e buscando aplacar a precisão,
é detido e espancado o cidadão
de quem já usurparam a própria alma.

j - jirau

Nos canteiros, as brisas reclinavam
as hastes das cebolas ao relento,
numa paisagem de enternecimento
que os seus olhos demais acalentavam.
Os cheiros dos mastruços se exalavam
e dos coentros nascidos sobre os paus
travejados e bem afeitos aos
ares que a noite borrifava: orvalhos
que rescendiam no ardor dos alhos,
alvos e umedecidos dos jiraus.

l - latifúndio

Põe-se a vista no longe que reluz
no raso das caatingas e nas selvas,
na mata das chapadas e nas relvas,
que vestem o matagal de verde luz.
O chão mais proibido, que conduz
o passo ao limiar do fim-do-mundo
das sesmarias, tido ainda segundo
leis antigas de posse e de usufruto,
vedado o usucapir a mando bruto
nesse quadro geral de latifúndio.

m - morte

Quando eu morri pela primeira vez,
pensei restar perdido e solitário,
sem mais outro trajeto ou itinerário
a perseguir e reencontrar talvez
o meu antigo e mesmo rosto, e eis
que outras vidas em mim ressuscitaram
outros caminhos que por mim cruzaram
e esperanças maiores revivi,
nas vidas que à minha vida uni,
crescendo nas certezas que vingaram.

n - natal

Hoje o balido triste de uma ovelha
ganha o doce mistério de uma senha
e se espera que quando a noite venha,
venha com ela a luz de uma centelha,
que a uma estrela-guia se assemelha,
num claror refulgente de cristal;
mas nem a sensação desse sinal
reúne mais as mãos para uma ceia
onde se viva a emoção alheia,
na confraria terna de um natal.

o - outrora

Muitos adeuses destas mãos partiram,
atrás deixando as luzes e as veredas,
que em noites tão remotas e tão ledas,
do alvo claror da lua se cobriram;
e as estrelas também se despediram
da era-outrora e um mar-agora alaga
o país da lembrança e não se apaga
a luz um dia acesa, seja embora
só o reflexo da chama que no outrora
foi archote ancestral de longa saga.

p - presente

A vida aqui e agora me desmente
o que antes foi dia imaginado;
era outrora o futuro tão sonhado,
é hoje o dia-agora simplesmente.
Mas o grande mistério do presente
não se desvenda ao tempo repensado;
continua no sonho insuspeitado
de uma ilusão singela do futuro
e enquanto me pergunto e me procuro,
o presente futuro é já passado.

q - querência

Senti que aquele beijo que me deste
e que tingiu de róseo o horizonte,
foi o arco-íris que se fez a ponte
entre o início e o fim o leste e oeste.
E como fosse de um perfume agreste
de recôndita e de mágica essência,
me transpôs às nascentes da inocência,
ao tempo em que levou-me ao apetite
mais maduro e mais sábio e sem limite,
sulcando as águas mansas da querência.

r – retirada

Do chão de pedra que deixou pra trás,
restou essa dorida lembrança
salpicada das águas da esperança
de um inverno chegado do jamais;
pois a alma exilada vaga mais
nessas ruas de fome e assombração
do que as viagens longas do verão,
em busca do milagre dessa sede
ser saciada ao fundo de uma rede,
branquejando as aragens do sertão.

s – seca

Poeira em rodopio sobre a estrada,
pedaços do que foi aqui em dia
a paisagem-esperança de alegria,
hoje abandono, sobre(tudo) o nada;
cravado o dorso magro da chapada
na sentença de morte, que no vento
acendido nos ares, leva dentro
do seu corpo o arremesso de uma lança
que o ressequido coração alcança,
do chão de pedra há muito tão sedento.

t-terra

Um pedaço de terra ribeirinha
sob um sol permanente de verão
não bastou para a nossa precisão
que de muitos estios já provinha;
e da roça que a custo se sustinha
às mãos do catavento e em nossos braços,
hoje só resta uma lembrança — traços
na memória do chão esturricado —
tendo as secas constantes enterrado
da lavoura poenta os olhos baços.

u- ultimato

O pulso contra a grade (hera de pedra),
o exílio da aurora, inútil brado
na mudez deste tempo, acorrentado
ao signo do espanto (olhos de Fedra);
na superfície opaca o espanto medra,
galgando o tempo cinza dos vitrais,
que gritam das inúteis catedrais
como restam os ecos dessas mágoas
desde os iniciais cantos das águas
aos segredos das sendas siderais.

v - velocidade

Mais veloz que este vento que se ergue,
remoendo os destinos e embaçando
os olhos do que vai se retirando
em busca de outro vento, que não vergue
o passo, e o andarilho enfim enxergue
sua última seara do repouso,
é o tempo-vento, que contar não ousa,
por fora se encontrar do tempo e forte
ser sua garra de apressada morte,
na asa solerte do seu negro pouso.

x - xerófila

Acende o sol-da-tarde a labareda
sobre o serrote magro da caatinga
e uma palma acolá nos ares vinga,
sem que à inclemência desse clima ceda;
e do alto-de-pedra, a cinza vê da
seara sucumbida ao derredor,
cujas mortes conhece já de cor,
nestas eras de fogo e de segura,
quando só a xerófila perdura,
exposta ao crepitar do sol maior.

z - zero

Aqui se cruzam os signos do alfabeto,
varados de paixão e alumbramento.
Futuro sol de intemporal momento
e lua antiga de cristal secreto;
e o enredo da senda que eu projeto
não se perde no vã do instante extinto;
reelabora o vasto labirinto
que esquadrinho e 1000 vezes reitero,
para outra vez partir do marco zero,
na busca da verdade que pressinto.

breves notas para o leitor

Ao contrário dos futuristas (vide Manifesto Futurista, 1909 – Filippo Marinetti, 1876–1944), o autor canta a insubmissão à máquina. O automóvel, a fábrica, a bomba, a produção industrial seriada, enfim, são o grande pesadelo. Como na perspectiva do surrealismo (não seja o autor considerado como adepto do surrealismo, enquanto movimento ou tendência literária (vide Manifesto Surrealista, 1924 – André Breton, 1896–1966), a máquina, em cuja velocidade está perdido o homem contemporâneo, de cujo domínio é escravo e em cuja vertigem se afunda, deve ser questionada. Profanada. Por isso, a procura da palavra “tornassol”, no dizer de Octavio Paz: “A poesia é a escritura de fundação do homem”. Para Julio Cortázar (1914–1984), “Surrealismo é cosmovisão, não escola ou ismo: uma empresa de conquista da realidade, que é a realidade certa, em vez da de papelão e para sempre ressequida; uma conquista do mal-conquistado (o conquistado a meias: com a fragmentação de uma ciência, uma razão discursiva, uma estética, uma moral, uma teologia) e não mera continuação, dialeticamente antitética, da velha ordem supostamente progressiva”. Releio, hoje, o poema de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1930:

O SOBREVIVENTE

*Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade,
Impossível escrever um poema—uma linha que seja—de verdadeira poesia.
O último trovador morreu em 1914.
Tinha um nome de que ninguém se lembra mais.*

*Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples.
Se quer fumar um charuto aperte um botão.
Paletós abotoam-se por eletricidade.
Amor se faz pelo sem-fio.
Não precisa estômago para digestão.*

*Um sábio declarou a O Jornal que ainda
falta muito para atingirmos um nível razoável
de cultura. Mas até lá, felizmente, estarei morto.*

*Os homens não melhoraram
e matam-se como percevejos.
Os percevejos heróicos renascem.
Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.
E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.*

(Desconfio que escrevi um poema).

VERBO VERSUS MURO — Este primeiro caderno, que se inicia com versos em oitavas decassilábicas, de rima quase sempre soante, rende, primeiramente, um louvor à épica. O mito do muro, da propriedade privada inatacável, é aqui exposto. É profanado. O labirinto do aparato de dominação erigindo-se a partir dos quintais. Dos muros das fábricas, dos muros que separam a sobra da falta. A infância suburbana, a adolescência marginal, a terceira idade presa à fábrica, torturada nesse campo fechado e terrível. E os ex-cursos d'água aprisionados, sepultados sob os muros, as lajes. Os andaimos do exílio e da queda. Do sono-pesadelo.

DESAFIO DE VIOLA — O verso popular, proferido em cantoria pelos maravilhosos poetas nordestinos, é o grande mago da poética que elegi (não estão virtualmente excluídas outras formas, até mesmo formas hoje ainda incógnitas de construção do poema) em minha oficina verbal, como impulso natural ao poema. O metro da redondilha, principalmente, e o decassílabo do martelo ou do galope, com os ictos vocais dos cantadores (3, 6 e 10), que são os menestrais-vates-jograis do Nordeste. A sextilha, o martelo agalopado (martelo em dez) na disposição ABBAACDDC, ou seja, o primeiro verso rimando com o quarto e o quinto; o segundo com o tercei-

ro; o sexto e o sétimo com o décimo e o oitavo com o nono. A oitava-em-quadrão, em versos de redondilha maior, na disposição AAABCCCB. Há outros tipos de oitavas. O mourão-de-sete-pés, que é, na realidade, uma sétima feita a dois, na disposição seguinte: cantador A: os dois primeiros versos; cantador B: o terceiro e o quarto, este rimando com o segundo; cantador A: os três últimos versos, com dois versos em rima paralela e o derradeiro verso fechando com o segundo e o quarto. As posições dos cantadores se alternam, evidentemente. Também o mourão perguntado, conforme registra Francisco Linhares em seu livro "ANTOLOGIA DOS CANTADORES", em parceria com o poeta Otacílio Batista, e que se estrutura em estrofes de oito versos, cada par deles configurando pergunta e resposta, seguidas de uma estrofe de cinco versos, em que, entre o refrão, se repete a última resposta (o último verso da oitava), a duas vezes, ou mais.

A "História de Juvenal" já se encontra insinuada em "JAGUARIBE—Memória das Águas", de 1982. Aqui, ela toma a característica de cordel, ainda que narrado em forma múltipla, não apenas episódica, mas também liriconfrica.

SAGA NORDESTINA — O descaminho, secularmente impigido aos nordestinos, resulta nessa nostalgia atávica que nos possui: se emigramos, padecemos o exílio e a saudade da terra e dos irmãos; se ficamos, sofremos a saudade dos que partiram e a nostalgia da colheita, sempre adiada. Este caderno é semelhante, tematicamente, ao da SÍNDROME CAMPONESA e às décimas do final do livro: situações em que o descaminho remoto se apresenta ao nordestino do sertão como fatalidade cósmica, mas acrescida ainda das contingências vitais de dominação-exílio-marginalização. A problemática da migração, exílio em seu próprio país.

A VOZ MARGINAL — Numa abordagem múltipla, o autor procura situar (e situar-se) o homem no emaranhado da marginalidade, quer seja do ponto de vista econômico, social e político, quer seja do psicocultural. Outra vez a questão do êxodo e do mórbido inchaço suburbano. E culpam as crianças!

ROMANCEIRO DE TERRA-E-MAR — O romance, como forma poética, é um gênero que deverá ter surgido pelo Século XIV na península ibérica; poema narrativo de cunho épico. Modernamente, o romance evoluiu para o domínio do lírico e do dramático e até mesmo do satírico e do epigramático. O romance é composto, geralmente, de versos assonantados (rima soante), ou mesmo até de versos brancos, de sete sílabas (redondilha maior). Há também os romances em versos de cinco sílabas (redondilha menor) e até de dez sílabas. Romances famosos, entre nós, são os de Cecília Meireles (1901–1964), do Romanceiro da Inconfidência; os de Federico García Lorca (1898–1936), do Romanceiro Gitano. Deste minúsculo ro-

manceiro, o Romance de Limoeiro do Norte é uma procura de resgate de palavras, nomes, pessoas, lugares, ambientes, objetos da infância, numa atmosfera inevitavelmente subjetivista. É, também, um canto de amor à terra natal.

SÍNDROME CAMPONESA — Sete retratos-situações, em que se mostram todos os sintomas indicadores, entre realidade abstrata e objetiva, psicossomática e material, mágica e real, da força-teimosia-prisão-morte do nosso deserdado irmão camponês.

SOL DE ESPAVENTO — O termo espavento, que significa espanto, susto, sobressalto, sem embargo de estar praticamente em desuso, possui, a nosso ver, a qualidade de sugerência inerente a raríssimas palavras: além do espanto, estará trazendo em seu significante, quem sabe, a espada flamejante do sol/vento; ou o vento trespassado pela espada do sol . . . Palavra de mais de uma face. Neste caderno encontram-se poemas, que, juntos, reúnem praticamente todos os aspectos do livro. Daí o título geral, a partir daqui.

OS QUATRO CATAVENTOS — A partir da perspectiva do homem do vale jaguaribano, o catavento é símbolo de solidariedade natural (natureza-homem). Este caderno é uma reinvenção da infância do autor, nascido em Limoeiro do Norte, cidade ubicada numa imensa ilha do Rio Jaguaribe, em seu baixo curso, região de extensas várzeas pontilhadas de cataventos, a maioria dos quais construída em madeira. De madeira eram os cataventos, do seu quintal-infância. Ao nosso querido Francisco Carvalho, poeta maior do Ceará, também nascido no Baixo Jaguaribe, na cálida cidade de São Bernardo das Êguas Russas, vão dedicados os quatro poemas.

CINCO POEMAS GALEGOS — Estes poemas foram escritos em homenagem aos poetas galegos da nova geração, que lutam pela reafirmação do idioma da Galiza no cenário literário espanhol, a par do castelhano, da catalão e do basco. O povo galego, assim como o nordestino, no Brasil, está condenado ao exílio em sua própria terra, quando não é obrigado a emigrar. Aos que lutam contra isso, são dedicados estes poemas. A língua galega (ou galego-portuguesa) foi, a partir do século XII, com a lírica trovadoresca, o principal instrumento de cultura literária na península ibérica. Teve, a partir do século XIV, o seu declínio, cedendo ao influxo do castelhano, por força da dominação econômica e política de Castela. A partir do século XIX, e principalmente após a superação do franquismo, a língua galega volta a ser veículo de cultura na Galiza, com a sua introdução nas escolas primárias, onde passa a ser língua de uso.

Procurei aproximar os termos galegos que utilizei nos cinco poemas,

do modelo literário português, tendência que se vai generalizando cada vez mais entre os novos escritores da Galiza. Para melhor compreensão dos textos, temos, ao final, um pequeno glossário galego-português.

POEMAS DE TEMPO-VENTO – Neste segmento, que forma o mais volumoso caderno do livro, estão os poemas que poderíamos considerar como gerais, ou seja, poemas que abordam realidades mais distantes e exteriores. A *doina* (do poema Guitarra Romena) é uma canção popular romena, de natureza melancólica e nostálgica. A palavra *dor*, em romeno, significa saudade. A epígrafe do poema, do poeta romeno Vasile Alecsandri (1821–1890), emérito recolhedor e compositor de doinas e baladas populares, diz: “A doina é a mais viva expressão do espírito romeno”. Os poemas em castelhano seguem como deliberado intento do autor de aproximar os nossos idiomas gêmeos sempre mais, já que latino-americanos temos, no fundo da alma, tão idênticas aspirações, sofreremos tão semelhantes vicissitudes. Lampião, Bolívar, Zapata, Guevara, Antônio Conselheiro, Tupac Amaru, todos repercutem em nós. Como Pablo Milanés, o reconhecido grande poeta da nova trova cubana, acredito também na unidade latino-americana, a partir destes já famosos versos seus:

*“Lo que brilla con luz propia
nadie lo puede apagar”.*

SIGNOS E ALFABETO – Aqui estão vinte e três décimas decassilábicas, forma poética por demais apreciada, ainda que árdua para o improviso, pelos poetas populares do Nordeste brasileiro. A décima é conhecida desde a lírica trovadoresca. Encontra-se no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende. O esquema de disposição rítmica (clássica ou espinela) foi sistematizado pelo poeta espanhol Vicente Martínez Espinel, com versos em ABBAACDDC. Usada para a chamada glosa (mote, tema), cantada ou simplesmente declamada, de improviso ou mesmo decorada. A décima teve e tem, no Nordeste brasileiro, cultores muito famosos, entre os quais, se destacam: Lourival, Otacílio e Dimas Batista; Severino Pinto; Domingos Fonseca; Rogaciano Leite; Cego Aderaldo; Patativa do Assaré; Ivanildo Vila-Nova, etc. Estas décimas estão dedicadas ao meu tio José Amirto Nunes Maia, limoeirense conhecedor e admirador da poética popular.

glossário galego - português

- Abrente.** s. m. O amanhecer; o raiar do sol.
Acarão. adv. Ao lado; bem próximo.
Acougar-se. v. tr. ind. Deitar-se; recolher-se.
Agarimo. s. m. Ternura; carinho.
Aginha. adv. Imediatamente; já; depressa.
Agro. s. m. Campo; seara.
Agromar. v. int. Surgir; despontar; aparecer.
Aire. s. m. Ar; vento.
Alba. s. f. Alvorada; aurora.
Albarinho. s. m. Nome de conhecido vinho da Galiza.
Alheiro. adj. m. Estranho; alheio; forasteiro.
Arela. s. f. Anelo; desejo.
Arelança. s. f. O mesmo que arela.
Arume. s. m. Perfume; aroma.
Antergo. adj. m. Antigo; ancestral.
Antonte. adv. m. Anteontem; o dia que antecedeu o de ontem.
Assobalhado. adj. m. Humilhado; menosprezado.
Atopar. v. tr. dir. Deparar com; encontrar.
Aturuxo. s. m. Grito gutural; pio.
Bágoa. s. f. Lágrima.
Belida. adj. f. Bela; linda.
Bocanoite. s. f. Crepúsculo; boca-da-noite.

Brétema. s. f. Bruma marítima; nevoeiro.
Canso. adj. m. Cansado; fatigado.
Ceibe. adj. m. Livre; solto.
Choer. v. tr. dir. Fechar; cerrar.
Coor. s. f. Cor.
Debalo. s. m. Entardecer; pôr-do-sol.
Degarança. s. f. Ânasia; sofreguidão.
Dondo. adj. m. Manso; brando; abrandado.
Door. s. f. Dor.
Engado. s. m. Fascínio; encanto.
Endejamais. adv. Jamais; nunca mais.
Esmoleiro. s. m. Pedinte.
Enxebre. adj. m. Puro; genuíno.
Fan. v. tr. dir. (fazer). Terceira pessoa do plural do presente do indicativo; eles (elas) fan (fazem).
Fenestra. s. f. Janela.
Foliada. s. f. Festa; dança; baile.
Friero. adj. m. Friorento; úmido.
Froalha. s. f. Neblina; garoa; chuva fina.
Imos. v. int. (ir). Primeira pessoa do plural do presente do indicativo; nós imos (vamos).
Laio. s. m. Queixa; soluço; lamento; súplica.
Ledícia. s. f. Alegria.
Ledo. adj. m. Alegre; contente.
Lonjana. adj. f. Distante; separada.
Lonjania. s. f. Distância; separação.
Lonjura. s. f. O mesmo que lonjania.
Lóstrego. s. m. Relâmpago; raio.
Lucense. adj. m. Natural da cidade de Lugo, capital da Província de Ourense, na Galiza.
Maina. adj. f. Suave; amainada.
Manhanceira. adj. f. Matinal; da manhã.
Marusia. s. f. Maresia.
Melancólico. adj. m. Melancólico; triste.
Moura. adj. f. Escura; negra.
Néboa. s. f. Neve; garoa.
Neno. s. m. Menino; garoto.
Nordesia. s. f. Vento que sopra do norte, na Galiza.
Paxaro. s. m. Pássaro.
Polo. Contração da preposição **por** com o artigo **o**.
Ponla. s. f. Cimo da galharia de uma árvore.
Quedo. adj. m. Quietos; sossegado.
Relembro. s. m. Lembrança; memória.
Rem. s. f. Nada; coisa nenhuma.

Ronsel. s. m. Esteira de espuma que a embarcação vai deixando atrás de si, quando singra o mar.
Rueiro. s. m. Arruado; povoado; aldeia.
Salaio. s. m. O mesmo que laio.
Silandeiro. adj. m. Calado; silencioso.
Solaina. s. f. Batente frontal da varanda; lugar exposto ao sol.
Solerminho. adj. m. Brando; macio; suave.
Solpor. s. m. Pôr-do-sol; crepúsculo.
Tebra. s. f. Treva; escuridão.
Tebrosa. adj. f. Tenebrosa; escura; envolta em bruma.
Tristeiro. adj. m. Entristecido.
Tristura. s. f. Tristeza; melancolia.
Ûa. art. indef./num. Uma; forma anasalada de uma.
Valeiro. adj. m. Vazio; abandonado; deserto.
Vagueiro. adj. m. Erradio; andarejo.
Verba. s. f. Palavra; termo.
Vieiro. s. m. Caminho; vereda; senda; estrada.

FONTES:

Calero, Ricardo Carballo – Problemas da Língua Galega – Sá da Costa Ed. Lisboa, 1981.
Gaite, Carmen Martín – Ocho Siglos de Poesía Gallega – Hasta el Siglo XV – Alianza Editorial, Madrid, 1972.
Lapa, Rodrigues – Estudos Galego-Portugueses – Sá da Costa – Editora Lisboa, 1979.
Tarazona, Andrés Ruiz – Ocho Siglos de Poesía Gallega del Siglo XV en Adelante – Alianza Editorial, Madrid, 1972.

ps

LUCIANO NUNES MAIA NASCEU EM LIMOEIRO DO NORTE CIDADE DO BAIXO JAGUARIBE NO CEARÁ PEDAÇO DO NORDESTE BRASILEIRO E SE CONFESSA GRATO POR SER POETA DO CANTO TEMPESTADO DA MEMÓRIA DAS ÁGUAS DO RIO DO JAGUAR DO CANTO MEMORIAL AO IRMÃO PABLO NERUDA SOB UM SOL DE ESPAVENTO E MAIS GRATO AINDA POR SER CONTERRÂNEO DOS ÍNDIOS PAIACUS QUE HABITARAM E POR CERTO AINDA HABITAM O VALE DO JAGUARIBE RIO CHEIO DE MEMÓRIA E ESTÓRIAS E ÀS VEZES VAZIO DE ÁGUA MAS NUNCA DE ESPERANÇA E IRMÃO DOS OUTROS RIOS DO MUNDO QUE O HOMEM TEMERARIAMENTE TEIMA EM SEPULTAR SOB LIXO E CONCRETO MAS QUE HAVERÃO DE RESISTIR EM SEUS HÍDRICOS CANTARES PARA NO TEMPENORME FUTURO LAVAR A ALMA DO MUNDO PARA ENTÃO FLORESCER A IDADE LIVRE DO HOMEM LIVRE DA OPRESSÃO LIVRE DA INJUSTIÇA LIVRE DA MISÉRIA LIVRE DA FOME HABITANDO O TEMPO DE TODOS E ASSIM É QUE SERÁ PORQUE A HISTÓRIA PASSARÁ POR CIMA DAQUELES QUE SE OPUSEREM AO SEU CURSO APESAR DA BOMBA PORQUE ÉPOCA VIRÁ EM QUE ACREDITAR EM TODOS SERÁ PROVA DE VALIDADE DA ESPÉCIE HUMANA QUE TEM O DIREITO DE CONSTRUIR SEUS SONHOS E SUAS ESPERANÇAS E SUAS VERDADES UTÓPICAS CIENTÍFICAS SOCIAIS JURÍDICAS MATEMÁTICAS ECONÔMICAS ÉPICAS ROMÂNTICAS LÍRICAS MODERNISTAS REALISTAS ERUDITAS POPULARES OU SOB OUTRO QUALQUER SIGNO MANIFESTAÇÃO DO AMOR À TERRA AO PAÍS AO CONTINENTE AO PLANETA AO SISTEMA SIDERAL SOLAR GALÁXICO UNIVERSAL CÔSMICO FRATERNAL ALDEÃO.

comentários críticos sobre a poesia de luciano maia

O que de logo se sobressai na poesia de Luciano Maia é o seu ritmo interior, que ultrapassa a própria medida de seu verso, rompendo as fronteiras da métrica, porque aí não termina a essencialidade de seu texto. Isto nos comove e convence.

CAETANO XIMENES ARAGÃO

Luciano Maia é marcado pelo versejar da rima fluente, da palavra enaltecida de vivências, arremessando-se para o homem em lirismo, apesar da insanidade destes tempos. Na condição de homem, assume o dever da participação na luta diária, almejando sempre liberdades; como poeta, revela-se consciente da palavra no seu estado de encantamento e potência, compondo cantos eternamente em tempestade, impulsionando a vida na expressão do amor que levanta multidões. Luciano Maia é um poeta que não deixa de cantar a vida do seu povo em sofrimento, sem perder o domínio da metáfora mais justa e necessária.

ROGACIANO LEITE FILHO

Luciano Maia é um poeta fortemente vinculado ao destino da terra e permanentemente atento ao que se passa no vasto mundo dos homens. Sua poesia é um documento vivo das inquietações sociais e metafísicas do homem. (. . .) Em Luciano Maia as palavras têm um peso específico, um fulgor inesperado, que faz com que a realidade se nos apresente sob uma configuração nova. Esse poder do poeta de transfigurar a realidade deriva, naturalmente, da sua consciência e da sua lucidez com que trabalha a palavra.

FRANCISCO CARVALHO

Em Luciano Maia reside a consciência plena da faina poética. É paciente e humilde à presença da palavra. Sabedor de que a essência da poesia está na metáfora, na reinvenção do real, banha seus versos de memórias e iluminação.

CARLOS AUGUSTO VIANA

Longe do spleen romântico e da fossa moderna, Luciano canta o eu-não-eu: sua voz distancia-se, despersonaliza-se, deixa de ser sua para ser das-e-com-as-coisas. Ele é um mágico tirando os três tempos da cartola, tirando — em vez de um níquel — um som dalgibeira, tirando — em vez da palavra — uma senha de língua. Poeta que sabe o povo e sabe a povo, que tem vida e vigor, que põe vida e vigor — feito uma alma — no seu canto.

MARCUS ACCIOLY

Dominando com maestria as formas populares, notadamente a sextilha, na qual intenta comunicar “a emoção nordestina”, ao lado das eruditas, destacando-se o soneto, Luciano soube nos dar um dos melhores livros de poesia dos últimos anos, na região (Um Canto Tempestado), seja pela força de sua expressão poética, que, diga-se, melhor se realiza no verso medido, seja pelo já citado conteúdo humano e social de seus poemas. (. . .) Se com UM CANTO TEMPESTADO o autor revelava-se como uma das melhores promessas poéticas da nova geração, este seu novo trabalho (JAGUARIBE — Memória das Águas) vem confirmar sobejamente, de forma épica e irrepreensível com que o poema foi trabalhado, a categoria superlativa de sua dicção poética.

ADRIANO SPÍNOLA

A poesia de temas urbanos já produziu muita coisa digna de atenção. A das planícies e dos rios já vicejou e deu frutos, entre os quais se destaca este novo livro — JAGUARIBE (Memória das Águas) — em que Luciano Maia celebra o maior rio cearense (. . .) A descrição do Jaguaribe não acompanha, porém, o seu percurso, e nisto o poema difere de O RIO, de João Cabral, a despeito dos versos deste poeta adotados em epígrafes por Luciano Maia. As semelhanças entre os dois poetas ficam, aliás, mais na aparência do que na realidade, uma vez que Luciano, fugindo ao habitual versilibrismo regionalista, revela acentuado instinto de ritmo, que exercita em decassílabos rimados e em versos menores. Impressiona também o seu poder de invenção de metáforas, como as do soneto iniciado pelo verso “Vento que vem às cegas (olhos baços)”. Este seu novo livro deve ser recebido, pois, como um passo à frente numa carreira destinada, não só a contribuir para a “poética nordestina” (como pleiteia seu editor), mas a vôos de maior amplitude.

DOMINGOS CARVALHO DA SILVA

Luciano Maia reflete um drama cósmico, com bichos e gentes lutando com o sol inclemente e com as rochas que afloram no deserto comburido. É como se da pedra um escultor retirasse a poesia com o seu cinzel. (. . .) Luciano maneja as palavras – sua matéria-prima – como um pintor combina as tintas para traçar a paisagem. Salta de metro com a elegância com que os cabritos escalam os serrotes, indiferente ao formalismo, ora evocando o ritmo medieval das epopéias, ora cabriolando no verso popular como cantador-de-violão, imitando o rio, que serpeia em terrenos diferentes, até desaguar no estuário tranqüilo em que se perde no mar. (. . .) Luciano fez-se um poeta de nacionalidade. Um poeta brasileiro.

LAURO DE OLIVEIRA LIMA

Seu canto nutre as esperanças da América, bem como dimensiona o brado dos países do terceiro mundo. Porém, diga-se de passagem, a poesia de Luciano Maia não é uma poesia de revolta, é antes uma poesia de resistência, isto porque o poeta possui a consciência do seu tempo e sabe perfeitamente que somente o lento peregrinar na luta pelo domínio da expressão literária é que possibilita o assenhoreamento da expressão necessária para solidificar a luta contra as investidas da vida. Assim sendo, cumpre-nos reconhecer em Luciano Maia um poeta com profundas raízes na ordem poética contemporânea e um escritor plenamente consciente dos compromissos assumidos pela moderna escritura literária.

DIMAS MACEDO

Em Luciano Maia a integração entre autor e obra, obra e realidade (bichos, homens, meninos, céu e terra) é tão grande e plena, que o leitor passa logo a se integrar também, participando como peça da atividade criadora do poeta. Em JAGUARIBE (Memória das Águas), ele assume o compromisso telúrico com as raízes, com suas próprias raízes jaguaribanas. Nos 1.000 versos, o poeta se transmuda em aragem, poeira, água rumorejante, vagens e espigas que amadurecem.

LUCIANO BARREIRA

O que é mais importante ainda, na poesia de Luciano Maia, é o desvio psicológico da quase totalidade dos poemas. Uma espécie de reviravolta de conteúdo e, nessa visão dialética do sertanejo, das coisas do sertão, o verso se carrega de novo alento, de nova carga expressiva, forte e contundente. Parece que em cada poema se esconde sutilmente uma comparação. Acrescente-se mais que essa quebra do fio significativo não acarreta uma poesia desorganizada. Não dá lugar aqui àquele amontoado de palavras sem o mínimo nexos sintático. O poeta consegue essa transposição de

momentos, naturalmente e com bastante sutileza. É como se o poeta aproveitasse a deixa para arrumar uma lição. Em verdade, a poesia também são idéias. Também mostra rumos. Abre caminhos e dá lições.

DIAS DA SILVA

Luciano Maia está senhor de um estilo, de uma técnica e de uma visão larga e profunda da realidade que o circunda.

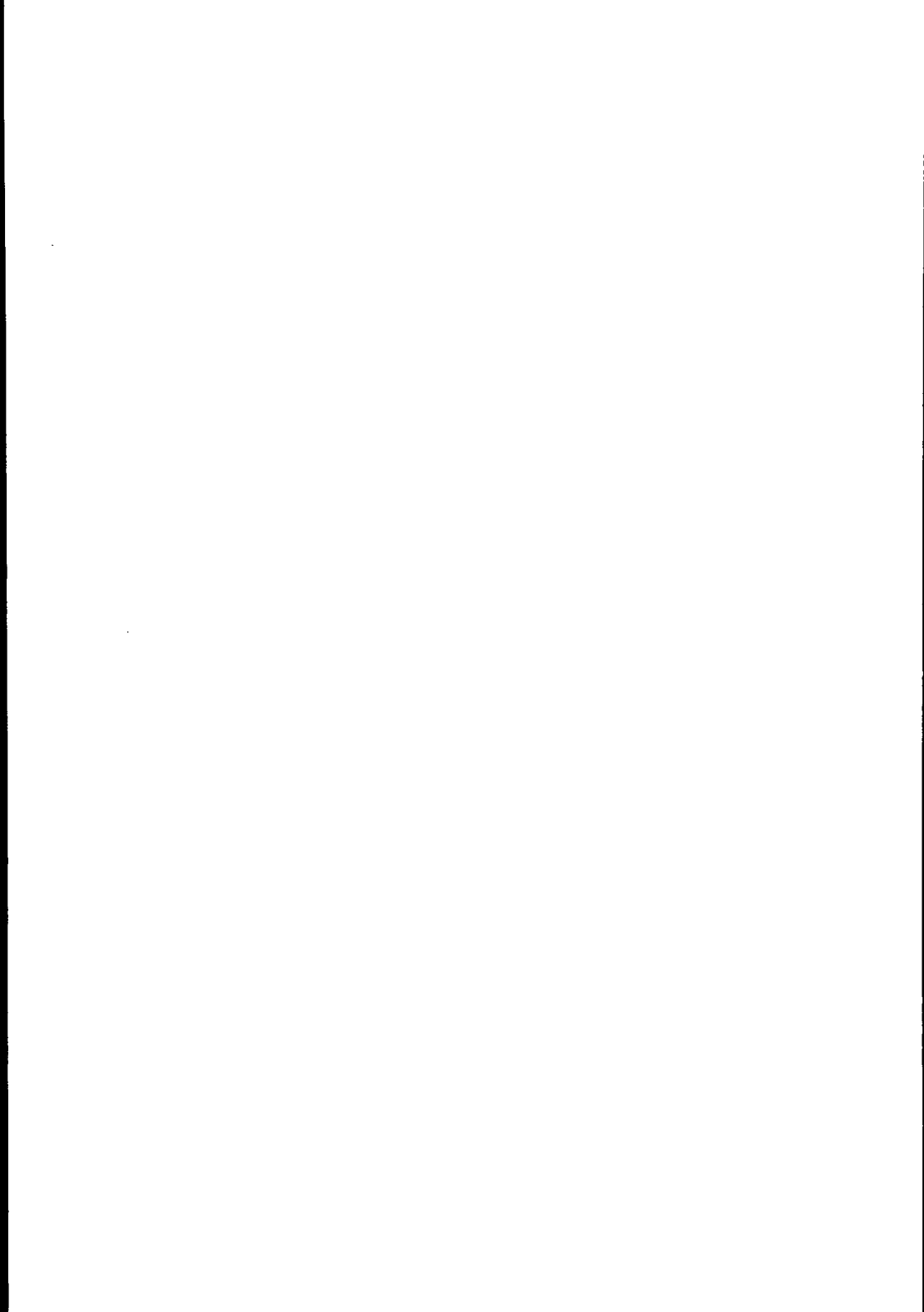
MANUEL FERREIRA
Diretor da Revista *ÁFRICA-LITERATURA*
ARTE E CULTURA (Portugal)

Luciano Maia demonstra, em *JAGUARIBE* (Memória das Águas), um expressivo poder verbal que já o situa, embora ainda muito jovem, entre os bons poetas de nosso tempo. Sustentar, num poema longo, o mesmo alto nível poético, como ele o conseguiu neste livro, é proeza para os verdadeiros poetas.

ALMEIDA FISCHER

Há uma inegável identidade verbal e metafórica entre Luciano Maia e Neruda, sem haver imitação; identidade que o poeta não esconde, antes proclama, como admirador que é do grande poeta chileno. (. . .) Isto podemos identificar quando Luciano Maia fala da “pedra vespéral e marinha”, descobrindo palavras sonoras e exatas para engrandecer o verso e lhe dar emoção.

JOSÉ HÉLDER DE SOUZA



índice

verbo versus muro.....	7
● do mito do muro	11
● página virada	14
● muro e pesadelo	16
● água de pedra	17
● operário morto	19
● o muro defronte	20
● verbo versus muro	22
● soneto do riacho pajeú	23
● retrato metempsicótico	24
● nostalgia da luz	25
● meia-noite se dá de assombro (cidade-assombro)	26
● em louvor da tarde	27
● andaimes	28
desafio de viola.....	31
● desafio de viola	35
● história de juvenal	43
saga nordestina.....	51
● soneto da saga do êxodo	55
● descaminho	56
● cantiga da lavoura	58
● saga nordestina	59
● soneto da febril e precoce sazão	62
● a lenda do peixe cego	63

a voz marginal..... 65

- a voz marginal I 69
- a voz marginal II 71
- a voz marginal III 74
- macário gavião nas grades da paixão 75
- macário gavião nas grades da prisão 76
- macário gavião narra este episódio 77
- pesadelo atávico 78
- soneto como uma condena 79

romanceiro de terra e mar..... 81

- romance da praia de rosto hermoso 85
- romance dos sonhos de mariana 87
- romance do saltimbanco morto 88
- romance da água noctâmbula 90
- romance do peregrino em meditação 92
- romance de rosaluz 93
- romance del pomo desnudo 94
- romance do punhal incontido 95
- romance do picadeiro vazio 97
- romance de limoeiro do norte 98

síndrome camponesa..... 103

- 1. a alma 107
- 2. o corpo 108
- 3. o plantio 109
- 4. a estiagem 110
- 5. a cheia 111
- 6. a enxada 112
- 7. a colheita 113

sol de espavento 115

- soneto de espavento I 119
- um velho ara uma colina 120

● canto da flor-semente	121
● soneto de espavento II	123
● bens	124
● soneto de espavento III	125
● retinas ancestrais	126
● soneto de touro paramón	127
● sol de espavento I	128
● sol de espavento II	130
● sol de espavento III	131
● a solidão da pedra	132
● recanto do grão	133
● soneto da marrã extraviada	135
● evocação	136
● manhã entardecida	140
● aindagora, o jaguaribe	141

os quatro cataventos..... 143

● primeiro catavento	147
● segundo catavento	148
● terceiro catavento	149
● quarto catavento	150

cinco poemas galegos..... 151

● foliada	155
● alba lucense	157
● o neno e a gaita	159
● cantiga partindo-se	161
● lonjania	163

poemas de tempo - vento..... 165

● alumbramento	169
● soneto do solo da memória	171
● soneto de um retrato in (memorial)	172
● soneto atrás da porta	173

● soneto anglo-mallarmaico	174
● soneto do amor telúrico	175
● soneto do canto de luareia	176
● cantiga para miguel hernández	177
● premier sonnet basque	179
● second sonnet basque	180
● troisième sonnet basque	181
● soneto da alongada singradura	182
● tardes nuevas de nicaragua	183
● la luz de la lejana estrella	184
● testigo al ocho de octubre	187
● soneto de dureza y ternura	188
● balada andaluza de ana luzia	189
● soneto do trágico e do fatal	190
● guitarra romena (doina)	191
● lua(ai)rada	193
● canto para el primer de enero	195

signos e alfabeto..... 197

● alpendre — berro-boi	201
● caminho — dívida	202
● encruzilhada — favela	203
● ganância — hipocrisia	204
● injustiça — jirau	205
● latifúndio — morte	206
● natal — outrora	207
● presente — querência	208
● retirada — seca	209
● terra — ultimato	210
● velocidade — xerófila	211
● zero	212

breves notas para o leitor..... 213

● glossário galego-português	218
● p. s	221
● comentários críticos sobre a poesia de luciano maia	222



Estes são os
três primeiros livros de
Luciano Maia:
UM CANTO TEMPESTADO, 1982;
JAGUARIBE (Memória das Águas), 1982;
e NERUDA Canto Memorial, 1983

colofão

Este livro – SOL DE ESPAVENTO –
que abre a Coleção CEARTE,
foi composto e impresso
em oficina gráfica
da STYLUS COMUNICAÇÕES LTDA.
Rua Carlos Câmara, 1048-A – Gentilândia
Fortaleza, entre meados do mês
de junho de 1984
e 20 de julho do mesmo ano,
para a FUNDAÇÃO CEARENSE
DE ARTECULTURA (CEARTE)
Rua José Lourenço, 1331
Aldeota – Fortaleza – Ceará
Brasil

“SOL que incendeia os tetos dos atalhos
que não encurtam a fome dos caminhos
repisados das solas dos bandalhos.”

(Luciano Maia, em “JAGUARIBE-MEMÓRIA DAS
ÁGUAS”)

O Sol, essa constante nordestina:

“Sertão tempo de seca
É dó de causar dó
Menino come os pássaros
E quando fica só
Arma arapuca em pedra
Pra-ver se pega o SOL.”

(Marcus Accioly, em “NORDESTINADOS”)

O atavismo cearense é solar:

“A tarde é um SOL para os sinos
de lentidão duradoura
e os repentinos meninos
que nos acenam de outrora.”

(Francisco Carvalho, em “OS MORTOS AZUIS”)

*E a saga dos navegantes acompanhada foi do Sol,
em seus caminhos de mar:*

“Levam a companhia desejada
das Ninfas, que hão de ter eternamente
por mais tempo que o SOL o Mundo aquente.”
(Luís de Camões, em “OS LUSÍADAS”)

*Quem canta o Sol canta a vida. E Luciano Maia é
um poeta que vive/viveu o que escreve. Nada é irreal nos
seus versos.*

*Se já não bastasse, SOL DE ESPAVENTO reafirma
a rima, a métrica, o ritmo, a cor, o som, o ser do homem
— abaixo e acima da linha do Equador — o homem co-
mum, povo, vítima de injustiças e violências tão iguais,
onde quer que o Poder, arbitrária e brutalmente, se
tenha instalado.*

*Já se chamou o Ceará de Terra do Sol. Quem aqui
nasce tem mais obrigação de refletir os seus raios, quem
sabe, rebrilhar com eles.*

Luciano Nunes Maia iluminou-se:
clareia nossa vista e sentimento
com os raios do seu SOL DE ESPAVENTO
que a Natureza fez e ele nos trouxe.

Fortaleza, julho de 1984

CÉSAR BARRETO



 **CEARTE**